



# JORNAL PARA TODOS

Proprietario — MANUEL CAETANO DA SILVA



## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

|                     |        |
|---------------------|--------|
| Anno . . . . .      | 1\$300 |
| Semestre . . . . .  | 660    |
| Trimestre . . . . . | 330    |
| Avulso . . . . .    | 30     |

As pessoas que angariarem assignaturas, responsabilisando-se pelo pagamento das respectivas importancias, offerece a empreza:

|                             |                 |
|-----------------------------|-----------------|
| 25 % e 1 exemplar gratis em | 10 assignaturas |
| 30 % e 2 " " " "            | 50 " "          |
| 35 % e 2 " " " "            | 100 " "         |

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Administrador do JORNAL PARA TODOS. —Praça do Commercio, 11, — COIMBRA.

— **Jornal para todos** — Intitula-se assim uma nova revista popular de litteratura, arte, sciencia e industria que vae ser publicada em Coimbra, do dia 6 de julho em diante. E' proprietario o sr. Manuel Caetano da Silva, o intelligente e activo industrial coimbricense que tem o seu nome ligado a uma das empresas mais importantes no seu genero, a — Typographia Auxiliar d'Escriptorio, conhecida em todo o paiz.

O nome do proprietario garante a excellencia e importancia da nova publicação, cuja direcção está confiada a um dos mais robustos talentos da moderna geração litteraria coimbrã, o distincto poeta Francisco Bastos. Entre os collaboradores figuram os nomes de Antonio Augusto Gonçalves, um profundo conhecedor da arte portugueza, e os dos drs. Joaquim M. Teixeira de Carvalho e Julio Henriques, notaveis professores da Universidade de Coimbra.

## JORNAL DE NOTICIAS

— **Jornal para todos** — É este o titulo d'um semanario illustrado de vulgarisação popular que vae em poucos dias ser publicado em Coimbra, e editado pela Typographia do sr. Manuel Caetano da Silva.

O programma espalhado é simples e laconico, sem alardes nem promessas emphaticas, e n'esta singularidade se revela um proposito sympathico.

Observado o movimento da imprensa ao serviço das ideias em Portugal, nota-se um facto significativo. Todos os dias surgem jornaes de intriga e de politica, chegando a ser alguns não o orgão collectivo d'um partido ou d'uma facção, mas a trombeta das opiniões e das ambições pessoas d'um só individuo!

E, ao passo que a propaganda em favor da educação em geral é quasi nulla, os elementos activos de corrupção politica são innumeraveis, permanentes e contagiosos!

Todavia é preciso reconhecer que n'este momento, como nunca, seria bem salutar um grande esforço de energia em favor da instrucção intellectual e artistica do paiz, por meio de publicações attrahentes, d'esta indole, em condições de aquisição facil, que lançassem na alma popular conhecimentos uteis e o sentimento das bellas cousas.

Os preciosos meios de acção de que sabemos a empreza dispõe, a sensatez do plano que é vasto pelas secções que abrange, tudo leva a crer que esta publicação ha de saber despertar o interesse e tornar-se digna do agrado e do acolhimento do publico.

A valia e importancia da collaboração, confiada a reconhecidas competencias, em artigos de especialidade, didacticos, e instructivos, de curiosidade e de actualidade litteraria, scientifica, artistica, industrial, agricola, etc., etc., acompanhados de gravuras escolhidas, darão á publicação que recommendamos, um relevo e merecimento exceptionaes.

Por fim apontamos como elogio, a modicidade do custo, que demonstra não se tractar d'uma simples tentativa de intuitos mercantis; mas pelo contrario, que um mais elevado pensamento preside a esta empreza. O jornal, de oito paginas, com illustrações do maior interesse, que promete gravuras relativas á actual exposição universal de Paris, acompanhadas de bons artigos descriptivos, etc., custa 25 réis semanaes.

## OFFICINA

Vae encetar a sua publicação semanal n'esta cidade um novo periodico intitulado — *Jornal para todos*. Será uma revista popular de litteratura, artes, sciencias e industrias: e verá a luz da publicidade no dia 6 de julho.

E' seu proprietario o sr. Manuel Caetano da Silva, abastado proprietario e dono d'uma importante casa typographica.

Esta publicação será illustrada com excellentes gravuras relativas á exposição universal de Paris, acompanhadas de interessantes descrições.

Consta que serão collaboradores os srs. dr. Julio Henriques, dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, engenheiro de minas Augusto Barbosa, Antonio Augusto Gonçalves, etc., etc.

Bemvinda seja esta importante publicação.

## CORRESPONDENCIA DE COIMBRA

— **Jornal para todos** — E' o titulo d'uma nova publicação que vae sair em Coimbra, dirigida por Francisco Bastos, um apreciavel poeta e homem de letras. E' seu proprietario o sr. Manuel Caetano da Silva, o creador dos impressos baratos para repartições publicas e cujo estabelecimento typographico é um dos primeiros da provincia. Podemos affiançar desde já ser um periodico interessante, visto os elementos de que dispõe e a provada competencia do fundador.

GAZETA DA FIGUEIRA

Pede-se ás pessoas a quem este jornal é enviado a fiavelza de o devolverem na volta do correio, caso não queiram dar á empreza a honra de o assignarem.

O n.º 2 do JORNAL PARA TODOS publicará uma gravura representando o Campo de Marte, onde se acha installada a Exposição Universal de Paris.

EXTRACTO DO CATALOGO

PAROCHOS, HOSPITAES,  
CORPORAÇÕES PAROCHIAES  
E MISERICORDIAS

| Numeros |  | Preço por caderno |
|---------|--|-------------------|
| 7       | Papel para livros de conta corrente (com rostos, formato grande (veja-se o n.º 85 A, formato pequeno) . . . . .  | 120               |
| 35 A    | Folhas de vencimento de operarios, semanais . . . . .  | 60                |
| 35 A    | Ditas, para livro. . . . .   | 60                |
| 57      | Relações dos documentos relaxados e entregues á auctoridade administrativa, em folha e meia folha . . . . .  | 60                |
| 85      | Papel para livros de conta corrente, com columnas para —Deve— e —Haver— na mesma pagina . . . . .  | 80                |
| 85 A    | Papel para livros de conta corrente, com o —Deve— e —Haver— em paginas distinctas (veja-se o n.º 7) . . . . .  | 60                |
| 85 B    | Papel para livros de diario de receita e despeza (formato pequeno). . . . .  | 60                |
| 85 B    | Papel para livros de diario de receita e despeza (formato grande) . . . . .  | 120               |
| 85 M    | Papel para livros de diario de receita e despeza modelo do Governo Civil de Coimbra . . . . .  | 80                |
| 87      | Recenseamento das creanças na idade escolar, com rostos  | 80                |
| 112     | Pautas de 25 a 36 linhas. . . . .  | 100               |
| 113     | Pautas em cartão (de 25 e 30 linhas), a 20 réis cada uma.  |                   |
| 120     | Guias de pagamento, em quarto . . . . .  | 50                |
| 120 A   | Guias de pagamento, em meia folha. . . . .   | 50                |
| 125     | Certidões de relaxe, em meia folha . . . . .   | 40                |
| 125 A   | Certidões de relaxe, em quarto. . . . .  | 50                |
| 130     | Editaes para exposição de contas . . . . .   | 50                |
| 135     | Editaes para exposição d'orçamentos. . . . .   | 50                |
| 140     | Editaes para exposição do rol . . . . .  | 50                |
| 145     | Guias de correspondencia, modelo A da circular da Direcção Geral dos Correios, Telegraphos e Pharos, em 8.º  | 50                |
| 200 A   | Avisos por diversas dividas das Confrarias e Juntas  | 40                |
| 200 B   | Avisos por congruas, depois do fechado o cofre, em 8.º   | 40                |
| 200 D   | Avisos por dividas parochiaes ou particulares, com recibo para no mesmo se assignar. . . . .   | 40                |
| 200 E   | Avisos para contribuição directa parochial depois de fechado o cofre . . . . .   | 40                |
| 200 F   | Avisos para congruas e contribuições directas, antes de fechado o cofre . . . . .  | 40                |
| 201     | Avisos de talão para cont. braçal (cada caderno tem 20). . . . .   | 40                |
| 201 A   | Avisos para contribuição braçal, com certidão . . . . .  | 40                |
| 205     | Recibos de cobrança, com talão, para diversos rendimentos  | 50                |
| 213     | Recibos de talão para fóros . . . . .  | 50                |
| 214     | Recibos de talão para juros . . . . .  | 50                |
| 228 A   | Papel carimbado para officios, sem o nome da freguezia (Juntas de Parochia). . . . .   | 40                |
| 238     | Mappas mensaes da mortalidade. . . . .   | 60                |
| 525     | Participações dos parochos (por causa da contribuição de registo) das pessoas fallecidas. . . . .  | 50                |
| 525 A   | Participações dos parochos (por causa dos inventarios) das pessoas fallecidas . . . . .  | 50                |
| 389 A   | Boletins demographico-sanitarios, em meia folha . . . . .  | 100               |
| 389 C   | Mappas do movimento da população (modelo do Governo Civil de Coimbra). . . . .   | 50                |
| 414 B   | Papel para livros onde os Administradores passam os recibos dos resumos das sessões das Juntas de Parochia   | 80                |
| 435     | Recibos com talão para congruas (cada caderno tem 20). . . . .   | 35                |
| 437     | Recibos com talão para congruas (cada caderno tem 30). . . . .   | 40                |
| 438     | Recibos sem talão para congruas (cada caderno tem 40). . . . .   | 50                |
| 439     | Recibos com talão para congruas (cada caderno tem 40). . . . .   | 50                |
| 747     | Diplomas de primeira communhão . . . . .   | 100               |
| 748     | Diplomas para irmãos de confr. do Sacramento e Rosario   | 100               |
| 748 A   | Diplomas para irmãos de confrarias do Santissimo . . . . .   | 100               |
| 749     | Impressos para contas de Juntas, Confrarias e Irmandades, para os livros escusarem de ir á approvação . . . . .  | 80                |
| 749     | Impressos para as contas de Juntas, Confrarias e Irmandades—modelo usado no districto de Coimbra (formato grande) . . . . .  | 150               |
| 749 A   | Mappa comparativo da despeza auctorisada e paga . . . . .  | 70                |
| 749 B   | Mappa annual, demonstrativo, da receita auctorisada, liquidada e cobrada, e da despeza auctorisada e realisada, segundo as instrucções do Governo Civil de Coimbra . . . . . | 100               |
| 750     | Orçamentos das Confrarias e Juntas, em fl., formato grande   | 150               |
| 751     | Orçamentos segundo instrucções do Governo Civil de Coimbra, com capas e intercalares. . . . .  | 60                |
| 751 A   | Orçamentos segundo o modelo usado no districto de Braga  | 60                |
| 752     | Papel para livros de matricula dos irmãos de confrarias, etc.  | 100               |
| 753     | Papel para livros dos annuaes dos irmãos das confrarias, com columnas para pagamento dos annos que se vencem . . . . .   | 100               |

| Numeros |   | Preço cada |
|---------|---|------------|
| 754     | Editaes annunciando o dia em que hão de principiar as operações do recenseamento das creanças na idade escolar (art. 3.º do Reg.) . . . . .   |            |
| 754 A   | Editaes annunciando a exposição do recenseamento das creanças na idade escolar e convidando os paes, tutores ou pessoas encarregadas da educação d'ellas a apresentarem suas reclamações (art. 7.º do Reg.) . . . . . |            |
| 754 B   | Editaes annunciando a cobrança da cont. parochial . . . . .   |            |
| 755     | Registo parochial . . . . .   |            |
| 756     | Estatistica da população. . . . .   |            |
| 757     | Papel para livros de registo de sepulturas . . . . .  |            |
| 758     | Guias para pagamento de covatos . . . . .   |            |
| 760     | Rol dos confessados . . . . .   |            |
| 761     | Rol da derrama para as despezas da Junta de Parochia.   |            |
| 761 A   | Rol da contribuição de viação, parochial . . . . .  |            |
| 762     | Relações das missas incumbidas . . . . .  |            |
| 763     | Relações das missas celebradas diariamente . . . . .  |            |
| 764     | Attestados mensaes dos parochos, de que não falleceu exposto algum ou filho de mulher subsidiada . . . . .  |            |
| 766     | Officios de remessa do resumo das sessões quinzenaes das Juntas de Parochia . . . . .   |            |
| 768     | Resumos das sessões quinzenaes das Juntas de Parochia   |            |
| 769     | Arrolamento geral dos parochianos. . . . .  |            |
| 770     | Recibos das classes inactivas. . . . .  |            |
| 772     | Diplomas para nomeação de Delegados Parochiaes. . . . .   |            |
| 775     | Cartas de guia para Misericordias . . . . .   |            |
| 780     | Mandados de pagamento de Juntas de Parochia, Confrarias e Irmandades. . . . .   |            |
| 781     | Ordens de pagamento, em quarto e meia folha, que comecem—Em vista da auctorisação, etc. . . . .   |            |
| 781 A   | Ordens de pagamento, segundo as instrucções do Governo Civil de Coimbra, em meia folha . . . . .  |            |
| 782     | Guias de pagamento com recibo do Thesoureiro e quitação ao devedor . . . . .  |            |
| 782 A   | Guias de pagamento, segundo as instrucções do Governo Civil de Coimbra, em meia folha. . . . .  |            |
| 782 B   | Guias de entrada do producto de escolas em salva ou caixa, segundo as mesmas instrucções . . . . .  |            |
| 783     | Recibos com talão para derramas das Juntas de Parochia (cada caderno tem 20) . . . . .  |            |
| 783 A   | Recibos com talão para derramas das Juntas de Parochia (cada caderno tem 30) . . . . .  |            |
| 783 B   | Recibos com talão para derramas das Juntas de Parochia (cada caderno tem 40) . . . . .  |            |
| 783 C   | Recibos sem talão para derramas das Juntas de Parochia (cada caderno tem 60) . . . . .  |            |
| 783 D   | Recibos com talão para a contribuição parochial de viação (cada caderno tem 20) . . . . .   |            |
| 806     | Rotulos para caixas, massos, etc. . . . .   |            |
| 812     | Papeletas para hospitaes . . . . .  |            |
| 813     | Mappas dos fallecidos, modelo n.º 3, em folha . . . . .   |            |
| 814     | Guias de enterramento, modelo n.º 4, em meia folha. . . . .   |            |
| 815     | Arrendamentos de predios urbanos. . . . .   |            |
| 816     | Arrendamentos de predios rusticos, de arrendatario para senhorio e de senhorio para arrendatario . . . . .  |            |
| 822     | Relações das inscripções, para se receberem juros, novo modelo . . . . .  |            |
| 851     | Talões para cobrança de fóros, rações, rendas, etc. . . . .   |            |
| 852     | Papel para livros de inventario ou tombo de predios urbanos e rusticos com designações, confrontações e valores   |            |
| 862     | Taboa de calcular facilmente juros ou interesses, qualquer que seja o capital, juros e tempo, a 30 réis cada uma.   |            |
| 867     | Livros indices alpheticos, cartonados, a 300 réis cada um.  |            |

IMPRESSOS ORGANISADOS SEGUNDO OS MODELOS QUE ACOMPANHAM O REGULAMENTO GERAL DA ADMINISTRAÇÃO DE FAZENDA PUBLICA APROVADO POR DECRETO DE 4 DE JANEIRO DE 1870

|      |  |  |
|------|--|--|
| 59   | Relações para descarga dos documentos de cobrança (modelo n.º 1) . . . . .             |  |
| 59 A | Resumos das relações para descarga dos documentos de cobrança (modelo n.º 2) . . . . . |  |
| 59 B | Relações dos documentos de cobrança a dinheiro (modelo n.º 3) . . . . .                |  |
| 59 F | Tabellas de cobrança em dinheiro (modelo n.º 5) . . . . .                              |  |
| 59 J | Papel para livros de receita cobrada (modelo n.º 8-A) . . . . .                        |  |
| 59 M | Papel para livros de conta corrente (modelo n.º 10) . . . . .                          |  |
| 59 N | Papel para livros de conta corrente (modelo n.º 11) . . . . .                          |  |
| 59 O | Papel para livros de conta corrente (modelo n.º 12) . . . . .                          |  |
| 59 P | Declarações (modelo n.º 13) . . . . .  |  |

# JORNAL PARA TODOS

6 de julho de 1889

## Sé Velha de Coimbra

I

Os mais notaveis monumentos, de que um povo é depositario e que constituem uma parte da preciosa herança das gerações que se extinguiram, não são simplesmente respeitaveis pelo platonismo arido das romanticas reminiscencias que melancolicamente despertem no espirito dos videntes — *mudos pregoeiros de glorias passadas*, etc. — como

E debaixo d'este ponto de vista não pertencem exclusivamente a um paiz, a uma cidade, ou a uma corporação, são de todos e de todos os tempos, e ninguém tem o direito de concorrer para a sua destruição sem offender os interesses communs e universaes da sciencia e da historia.

\* \* \*

A velha cathedral de Coimbra é a mais grandiosa edificação romanica que em Portugal subsiste.



SÉ VELHA DE COIMBRA

tantas vezes a banalidade repisa. Mas principalmente porque são os legitimos documentos das ideas dominantes, das energias, das instituições, dos costumes, das aspirações e do modo de ser das sociedades em determinados momentos da sua existencia historica.

Porque são, como productos collectivos, a demonstração palpitante do grau de cultura intellectual, da aptidão natural, da intensidade e da orientação da mais nobre faculdade da alma humana — a arte.

Porque, finalmente, são os marcos miliarios da penosa peregrinação da humanidade atravez da historia, no sentido do aperfeiçoamento moral, do progresso e da liberdade.

E quando nos lembramos da demolição da antiga S. Christovão, igualmente romanica e contemporanea, é caso para agradecer as deformidades e escoriações com que tem sido ultrajada.

Por que um caso singular e relativamente feliz se nota: na Sé Velha a maior parte dos attentados restauradores traduzem-se, não por demolições, mas por accrescentamentos. Se exceptuarmos a destruição do dintel da porta principal, que data do sec. XVI; tres largas janellas abertas nos principios do sec. passado; a suppressão do inacreditavel corucheu de tres pavimentos; a ruina dos fustes do portico principal; tudo mais são incrustações duras da capitular estupidez; e, depois da transfe-

9  
(3)  
3  
14A

rencia dos prebendados para a nova Sé, sollicitamente representada pelos prestimosos devotos das confrarias e das juntas parochiaes.

A physionomia primitiva do templo conservase, e a disposição da planta é facil de reconstituir com precisão.

É um typo romanico caracteristico adoptado nas igrejas do sec. XII na peninsula hispanica. Arcaturas, abobadas e arcos em centro pleno e realçados, contrafortes exteriores pouco salientes, pilares massivos com as columnas semi-penetradas, tres naves, o transeptum, a absyde e a torre elevada no ponto central da projecção da cruz latina, etc., etc.

Aqui a fórma cubica e a ornamentação dos capitais, completamente abandonada á phantasia dos esculptores, é tão exuberante e preciosa, que contados por centenas se não encontram dois semelhantes.

É um magestoso e venerando edificio! E o lento perpassar de sete seculos, ennegrecendo-lhe e enrugando-lhe a austera face, mais lhe tem augmentado a belleza, sem em nada lhe alterar a robusta apparencia de solidez.

\*  
\* \*

A intima afinidade da arte nos dois paizes, — Hespanha e Portugal — é suggerida e accete como um facto que naturalmente resulta das condições historicas das duas nacionalidades. As mais auctorizadas opiniões dão por incontestavel essa correlação de identidade, que em toda a arte industrial se manifesta, até ao momento em que successos anormaes interrompem essa acção, para expôr a actividade portugueza a novos e extranhos influxos.

C. Robinson terminantemente declara que nos productos peninsulares, na carencia de informações exactas sobre a origem local dos especimens, é impossivel resolver com absoluta certeza a qual dos dois paizes elles pertencem.

Ora é sobre essa influencia, sua importancia e latitude, influencia que tão poderosamente se reconhece haver actuado sobre a arte portugueza, que terão de recahir as atenções dos investigadores para a illucidação de muitos pontos fundamentaes e obscuros.

Porque é necessario admittir, e ninguem hoje o contesta, que a uma corrente artistica vinda do norte se deve o extraordinario desenvolvimento da architectura medieval da peninsula, a partir do seculo XII e que d'ahi por diante se prolonga.

O que é preciso, é a determinação da ascendencia genealogica de cada edificio, — trabalho arduo e longo de indagação, de comparação erudita, de superioridade de critica — mas o unico methodo hoje admissivel, que consiste em considerar as obras d'arte como factos e productos de que é necessario accentuar os caracteres e procurar as causas.

A Hespanha, mais feliz, tem merecido a predilecção dos estudos de estrangeiros e uma grande convergencia de esforços uteis para a resolução dos seus problemas d'arte.

Assim, por exemplo, foi Street, um inglez, quem demonstrou a filiação da architectura hespanhola com os monumentos do sul da França nos sec. XII e XIII, etc.

As correntes artisticas, como as meteorologicas alastram-se e propagam-se em direcções determinadas. E' sabido que na arte não ha phenomenos esporadicos: toda a obra d'arte é o termo d'uma serie com antecedentes e consequentes.

E note-se que a Sé Velha de Coimbra, sendo a mais sumptuosa edificação dos inicios da monarchia, em todo o caso, pertence a uma cathegoria de construcções da mesma epocha e do mesmo estylo, embora de diversa grandeza, e bem mais modestas, disseminadas pelo norte do paiz, na provincia da Beira-Alta principalmente.

A. Gonçalves.

### Bébé velhaquete

*Bébé* era muito vivo, muito alegre, muito estimado pela familia. Quando chegava alguma visita, Papá e Mamã mandavam logo buscar o menino, e como uma grande boneca de olhos azues e cabellos loiros, *Bébé* passava de regaço em regaço, recebendo na sua carinhosa esca os beijos repenicados das senhoras. Vinham depois as conversas interminaveis; *Bébé* faz isto, *Bébé* faz aquillo, *Bébé* já começou a aprender a ler, e Papá todo orgulhoso, com os seus olhos d'oiro a cavallo no nariz, ia buscar um *Reporter* antigo para perguntar ao menino *que letra era aquella*.

As escondidas, em casa, quando já não estava ninguem, Papá e Mamã entretinham-se a ensinar respostas a *Bébé*, coisas que elle havia de responder quando *estivesse gente*. *Bébé* era muito esperto e aprendia tudo. O que era motivo para grande contentamento de Papá e Mamã.

*Bébé* tinha tambem as suas *saidas*.

Uma vez fallava-se sobre passeios ao campo e a conversa veio naturalmente cair sobre uma quinta onde, quasi todas as semanas, *Bébé* e Papá iam dar o seu passeio.

Depois de ter ouvido tudo, *Bébé* raspou-se surrateiramente, foi lá dentro, pegou no guarda-sol branco de verão, poz um lenço ao pescoço cahido nas costas em bibe, e abanando a cara com a cartola nova de Papá, fez a sua entrada triumphal na sala, gritando da porta:

— O' Mamã! olha o Papá quando vae á quinta!

A *saida* de *Bébé* ficou celebre. D'alli por diante todas as vezes que havia reunião de familia, chegada a uma certa altura da noite, Mamã levantava-se, ia buscar um lenço, o guarda-sol branco, a cartola de Papá, punha tudo sobre uma cadeira e voltando-se para *Bébé* dizia-lhe invariavelmente:

— Ora faze lá como o Papá quando vae á quinta.

Ao que *Bébé* accedia de boa vontade nos primeiros tempos, mas com o que começou a desgostar-se sériamente depois.

Fôra por isso que, n'uma d'essas reuniões em que estava toda a gente conhecida da casa, o juiz de sobrecasaca, com a sua senhora vestida de verde, o presidente da camara com luvas amarellas, o conselheiro Accacio de gravata branca e sapatos de polimento, quando Mamã se voltou para *Bébé* e lhe disse amigavelmente: — Ora faze lá como o Papá quando vaes á quinta, — *Bébé* ficou carrancudo e pensativo, no meio da sala, sem saber o que fazer, vendo todos aquelles olhos que olhavam para elle.

De repente teve uma idéa. *Bébé* fez-se grave, abriu o guarda-sol, poz o lenço ao pescoço e, com a cartola na mão, caminhou para um canto da sala, vagarosamente, como Papá. Chegado alli fechou o guarda-sol, encostou-o á parede, poz o chapéu na cabeça e olhando para um lado e para outro, como quem vigia não appareça alguém, começou a fazer tal e qual como o Papá.

Um murmurio de fonte espalhou-se na sala, ao mesmo tempo que se desenhou no sobrado uma mancha preta de humidade, junto aos pés de *Bébé*.

E *Bébé* voltando-se então, ainda com os seus calções de velludo por abotoar, dizia com a sua graça de creança a quem tudo se perdôa.

— *O' Mamã foi o que o Papá fez hontem no caminho.*

*Silvio.*

### Resuscita!

Quando voltei ao ermo cemiterio  
—brilhava a lua no azul sombrio—  
passou pelo meu corpo um calafrio  
e minha'alma abysmou-se no mysterio...

Estava lá a minha Ophelia, morta,  
n'um mausoleu de marmore e granito...  
Fui caminhando solitario, afflicto,  
puz-me a escutar de manso á sua porta.

E nada pôde ouvir. Lembrei-me n'isto  
de uma palavra que dissera Christo,  
o grande vulto meigo da Paixão;

e bradei:—Resuscita! vem ao mundo!—  
Mas uma voz eleva-se, do fundo:  
—Morre tambem! Não resuscito, não!—

*Alexandre Pitre.*

### Arroz de sequeiro

E' de todos bem conhecido o effeito pernicioso da cultura do arroz. A enorme mortandade que dizima as povoações visinhas dos logares onde essa cultura é feita, o definhamento dos habitantes d'essas localidades são d'isso prova irrefutavel. A cultura do arroz é util apenas nos sitios naturalmente pantanosos. Maus por natureza, melhoram-se um pouco com os trabalhos necessarios para que o arroz se desenvolva.

Uma variedade ha, porém, que pôde ser cultivada sem o mais leve prejuizo para a saude publica é o arroz de sequeiro (*Oryza montana*, Loureiro) da Cochinchina. Esta variedade vive bem com um certo grau de humidade, mas *soffre* quando está cercada d'agua mais ou menos estagnada. As condições normaes do arroz ordinario são-lhe portanto perniciosas.

E como todo o mal da cultura do arroz provém d'essa condição e não da planta, que em si é tão inoffensiva como o trigo, o centeio ou qualquer outro cereal, é claro que o arroz de sequeiro pode ser cultivado sem o minimo receio e não podem recahir sobre elle as prohibições legaes, que contra o arroz ordinario têm sido publicadas.

O arroz de sequeiro é menos productivo do que o arroz ordinario. Traz essa cultura comsigo certas operações, semelhantes ás que são necessarias ao milho; mas dá tambem um producto de boa qualidade — a palha — que na cultura do arroz ordinario para quasi nada serve.

Todo o gado come bem a palha produzida pelo arroz de sequeiro.

A producção em grão em Coimbra tem regulado por 30 sementes e no Algarve, perto de Faro, em 1887 chegou a ser de 73 semente. Esta producção de culturas experimentaes será decerto superior á que dará uma cultura normal. Ainda assim julgo que será sufficientemente remuneradora.

As condições essenciaes para o bom resultado d'esta cultura são, alem dos trabalhos indispensaveis em todas as culturas, calor e um grau conveniente de humidade na terra, que deve ser mantido por meio das regas, como se faz com o milho.

Em Coimbra a sementeira deve ser feita em maio, para se poder colher em principios d'outubro. Em localidades situadas mais ao sul, e por isso mais quentes, o periodo vegetativo é mais curto. No Algarve, feita a sementeira em 5 de maio, pôde fazer-se a colheita em 4 de setembro.

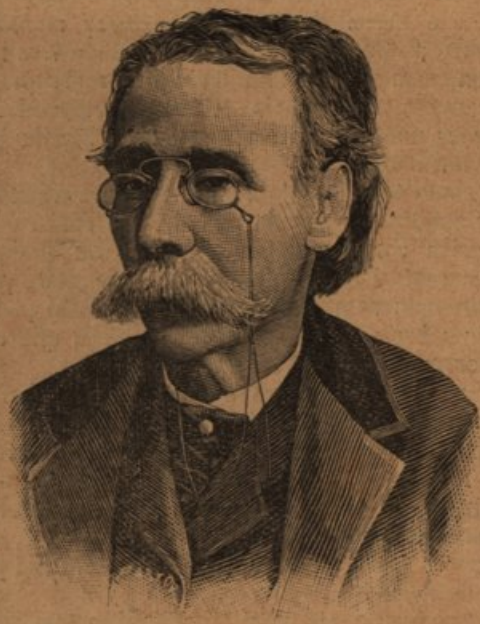
A utilidade d'esta cultura é obvia e é por isso bem para desejar que as experiencias sejam repetidas com cuidado para que se possam averiguar as condições economicas d'ella especialmente ao sul de Coimbra. Se o arroz de sequeiro chegasse a ser cultivado em grande escala, se entrasse no numero das culturas ordinarias, o seu producto poderia fazer boa concorrência ao arroz ordinario e a hygiene não deixaria de lucrar com isso.

Reconhecendo a utilidade do arroz de sequeiro tenho-o cultivado todos os annos, desde que recebi a primeira semente e tenho fornecido quantidades sufficientes para experiencias a todos os que o tem pedido. No anno, que corre, o numero de experiencias é grande, mas não espero grandes resultados, attendendo á falta de calor, que tem havido e que tem influido sobre todas as culturas.

Os fracos resultados d'este anno não devem servir para desanimar.

Jardim bot.

*J. Henriques.*



Camillo Castello Branco

O retrato que hoje offerecemos aos leitores é de um dos nossos escriptores mais conhecidos tanto fóra como dentro do paiz.

Camillo Castello Branco nasceu a 16 de março de 1826, em Lisboa. A sua vida inteira, desde os 20 annos, tem sido consagrada á litteratura do seu paiz.

É dos escriptores portuguezes o que mais tem produzido. Não nos permite o espaço, como desejávamos, dar uma nota completa das obras de Camillo, cujo numero ascende a quasi 130 volumes na ultima nota publicada pelo sr. Silva Pinto.

Camillo Castello Branco tem vivido sempre á custa do seu trabalho — das lettras, o que é o mesmo que dizer que tem desenvolvido uma actividade prodigiosa, que n'outró paiz, em França, por exemplo, lhe teria ha muito grangeado uma fortuna colossal.

Não é este o logar proprio para fazermos a critica da obra de Camillo, nem de certo seriamos nós os mais competentes. Diremos apenas, como facto assente e reconhecido por todos, que na litteratura portugueza contemporanea Camillo Castello Branco é de todos o mais imminente, como romancista, como prosador, como polemista.

Não ha muitos annos ainda que aqui em Coimbra se organisou um plebiscito litterario, devido aos esforços do dr. Trindade Coelho, para apurar quaes os tres primeiros escriptores portuguezes contemporaneos. Camillo Castello Branco ficou eleito em primeiro logar. Ultimamente, no parlamento, tratando-se d'uma pensão ao grande escriptor, todos foram unanimes em approval-a, levantando-se as vozes mais eloquentes para saudal-o. Guerra Junqueiro pediu a palavra, e o seu discurso foi a apothese de Camillo — porque era o primeiro poeta que vinha saudar o primeiro prosador.

Parece que era já tempo de ter apparecido um estudo completo do grande romancista e todavia esse estudo ainda não appareceu. No entretanto que escriptor portuguez contemporaneo ha ahi que apresente obra mais vasta, e que mais de molde viesse para um largo estudo critico em que se expozesse a evolução do romance moderno e a influencia exercida por Camillo na litteratura portugueza e brasileira? A timidez da critica portugueza, porém, alliada á suprema inepecia, de que dão prova alguns trabalhos insignificantes que nem sequer merecem menção, são por certo as causas principaes de semelhante falta. Não que Camillo Castello Branco não seja conhecido e admirado: toda a gente o conhece, toda a gente tem por elle uma grande admiração, mas o que falta é a coragem de vir publicamente dizer o que se pensa do grande homem, da sua obra, do seu character, do seu estylo, da sua philosophia, n'uma palavra, fazer-lhe a critica, quer dizer, fallar das suas qualidades e dos seus defeitos. As polemicas brilhantissimas em que o grande escriptor tem sempre andado envolvido, e em que tem sempre triumphado, amedrontam os mais ousados. E ninguem ha que ao fallar de Camillo Castello Branco, se não lembre que o mais leve ruido, o barulho dos seus passos, o som da sua voz, podem acordar o velho *leão adormecido*. A lenda de terror espalhada em volta do nome glorioso do mestre, tem concorrido para que elle não seja devidamente apreciado. Os grandes e demorados triumphos repugnam, e o facto de Camillo Castello Branco ter esmagado um por um todos os seus detractores, isto que é uma affirmação do polemista invencivel, isto mesmo tem concorrido para que á gloria do grande romancista se não tenha vindo juntar a sentimentalidade do povo. Para que a sua consagração seja completa será preciso que o *jumento* da fabula lhe venha dar o supremo coice.

---

### O avô

A proposito do quadro de Columbano Bordallo Pinheiro

Na familia, que é todo o nosso affecto,  
 Não ha nada que tenha maior brilho  
 Do que este quadro simples e discreto:  
 A mãe que mostra o pequenino filho  
 E o avô que estende os braços para o neto.

L. R.

---

### Historia simples

No fogão a lenha crepitava alegremente espalhando por todos os rostos uns tons carmineos de alegria sadia, fazendo brilhar fugitivamente o vidro dos copos e garrafas symetricamente dispostos sobre a toalha que punha no meio da sala fracamente illuminada uma nota hospitaleira e convidativa.



O AVÔ — Quadro de Columbano Bordallo Pinheiro

(Desenho do mesmo auctor)

A familia aninhava-se em volta do fogão. Pevava sobre toda a sala um silencio respeitoso apenas interrompido pela voz monotona e cantada da Tia Anna que contava os castigos do Ceu e ensinava aos pequenos os inconvenientes de jurar pragas.

— Olha menino, dizia a boa velha, á Tia Jeronyma succedeu, por seu castigo, uma grande desgraça!...

E dizia como tendo chamado *esta e aquella* á tia Joaquina que sempre fôra exemplo a mulheres casadas, esta lhe dissera que a praga lhe cahisse em casa. E assim foi que a russa tivera um bezerinho com *duas cabeças* e quatro pontas.

Os pequenos escutavam boquiabertos e aconchegavam-se das saias da mãe, horrorisados, imaginando o bezerro da tia Joaquina com quatro pontas e duas cabeças.

Refizera-se o silencio e todos fixavam extaticos a chama que lambia alegremente as paredes do fogão. Do centro da sala vinha um ou outro ruído de baixella e copos que se encontram.

Então o mais novo, o Dinizito, pediu ao tio Antonio uma historia *boa*.

— Vou-te contar a do Santo do teu nome, interrompeu o bom velhote, e puxando-o para elle sentou-o nos joelhos, em quanto o mais velho, um garoto esperto, de cabelo preto e nariz atrevidamente arrebitado se lhe sentava curiosamente ao lado.

O velho começava e os nomes barbaros de imperadores romanos sahiam da sua bocca explosindo no ar com uma sonoridade sabia.

O Luiz adormecera, e o lume do fogão punha pontos brilhantes nos olhos do Antonio muito abertos, curiosos.

O velho acabava n'um tremolo, contando comovidamente que tinham decapitado o Santo, que longe de se encolerizar, dizia convencido o bom velho, apanhára a cabeça ensanguentada e a beijára!...

— Coitadinho, interrompera ao fundo a Maria com um soluço de commoção na voz e deixando cahir uma faca que tirou a todos do seu recolhimento devoto, para escutarem o Antonio que inquiria curiosamente:

— Mas, ó tio, como é que elle beijou a cabeça... Só se era como o vitello da tia Joaquina!...

Explosiu uma risada, em quanto o tio Antonio para evitar difficuldades de contista inexperiente dizia auctoritariamente:

— Calle-se, menino, o que é milagre, é milagre!...

Smith.

### Exposição Universal de Paris

Continuam attrahindo as atenções de todo o mundo os grandes festejos que se preparam na exposição para o dia 14 de julho.

Não ha jornal nenhum que no momento actual se não occupe d'isto largamente, dando esclarecimentos, publicando gravuras, emfim procurando por todos os modos pôr o leitor ao factô do maior acontecimento moderno, d'esta maravilha do genio

francez que ha de ficar celebre na historia do seculo XIX. A exposição é o acontecimento do dia, e quem não pode ir a Paris deseja, pelo menos, ver de longe, pallidamente, o que lhe não é dado gosar de perto, em todo o seu deslumbramento. O *Jornal para todos*, começando a publicar no proximo numero uma serie de gravuras sobre a exposição universal de Paris, procurará satisfazer esse desejo; dará ao mesmo tempo aos leitores cartas de Paris, muito interessantes, devidas á penna do brilhante escriptor Xavier de Carvalho.

### Ave Maria

Todas as crenças minhas, esmaltadas no seductor clarão da adolescencia, voaram já, febris, allucinadas, á região azul da Omnipotencia.

Cahiu tudo desfeito: — os pobres nadas da minha alegre e fulgida innocencia! Como um bando de pombas espantadas, fugiram para longe da Sciencia.

Mas, mesmo assim, no peito endurecido eu acalento um vulto estremecido, encantadora e angelica visão...

E's tu, Maria, a imagem que eu adoro. Para tí junto as mãos, ajoelho e oro na mais humilde e santa adoração...

Coimbra.

Alexandre Pitre.

### A educação physica

Ao meu amigo Mario Pinheiro Chagas.

Na grande festa de gymnastica organizada em Vincennes, em Junho, appareceram de todos os paizes *dez mil* homens que executaram os exercicios que recommenda a educação physica, perante o Presidente da Republica que abriu o Congresso, e ao som dos applausos entusiastas de centenaes de mil pessoas, que foram admirar a perfeição physica e a coragem de que é capaz a especie humana.

As Sociedades que compunham a União das Sociedades de Gymnastica, quando ella se formou, eram 7 apenas; hoje a existentes em França são em numero de 900.

Entre nós causa estranheza esta protecção extraordinaria da republica, e o applauso de toda uma nação, desde o mais ignorante até ao mais sabio, dado a uma instituição, que julgamos escusada e talvez prejudicial.

Em Portugal todas as opiniões são contrarias ao ensino da gymnastica, desde as de Custodio o bom abbade que affirma ingenuamente: «que esta educação faz atletas, mas não faz christãos» até ao



fidalgo illustre que não julga os herdeiros de sua casa destinados para palhaços.

O proprio burguez, o bom Villaça já *ouviu dizer que a gymnastica enfraquece muito o peito.* Feliz paiz!...

No entanto os outros paizes *menos bem* dotados fomentam activamente o ensino da gymnastica. O ensino da gymnastica é obrigatorio em França, na Belgica, Suissa, Italia, Bade, Baviera, Prussia, Saxe, Austria, Hungria, Dinamarca, Italia,... etc. E' que o exercicio muscular é tão necessario á creança como o ar puro e a luz (Layet). Só por uma educação physica bem dirigida o individuo adquirirá a perfeição da fórma, a correção do movimento, a energia da attitude, a elegância das maneiras. Só os exercicios physicos *bem dirigidos* fortificarão o seu organismo debil, corrigirão defeitos hereditarios, e obstarão por vezes a uma morte precoce, transformando um individuo fraco e inutil, n'um trabalhador e n'um forte.

A gymnastica tem uma acção energica e beneficiadora sobre todas as funcções do organismo, favorecendo os phenomenos chimicos e mechanicos da digestão, pelo augmento de secreções, e pelos movimentos musculares das paredes abdominaes, e diaphragma; augmenta a frequencia dos movimentos respiratorios, desenvolvendo a caixa thoraxica; excita o coração, fazendo marchar activamente o sangue venoso (Longet), augmentando o calor animal. A gymnastica finalmente pôde pela acção das partes molles regular nas substancias mais rigidas e duras do organismo a direcção do seu movimento nutritivo e do seu desenvolvimento (Bérard) conservando assim toda a plenitude dos movimentos ás articulações, modificando os tendões e as superficies articulares, e passando consideravelmente o limite ordinario dos movimentos (O. du Mesnil).

Os exercicios musculares são ainda necesarios para corrigir defeitos e doenças provenientes da má organização da escola e do seu defeituosissimo mobiliario escolar. As attitudes viciosas para que os trabalhos de Barnard chamaram pela primeira vez a attenção nos Estados Unidos e que tanto alvoroço causaram na Europa dando durante trinta e tantos annos materia aos trabalhos de Schreber, Schildbach, Fahrner, Frey, Varrentrap, Wirchow, Dally e tantos outros são facilmente corrigidos e evitados pela gymnastica bem dirigida. N'estes a egualdade dos tempos, dos movimentos e dos esforços, repartidos na gymnastica ordinaria da mesma fórma pelas differentes partes do corpo, e substituida por uma *desigualdade* calculada por fórma a determinar ou a contrabalançar a que existe, ou tende a estabelecer-se entre as potencias de que dependem as diversas posições dos nossos órgãos (Bouvier).

Nós por um preconceito de raça entendemos que a educação deve começar pelo cathecismo e pelo latim. O latim é a basesinha da nossa educação, a grammatica a primeira tortura cerebral da escola, e quando ás creanças se prohibe com todo o rigor o uso da gymnastica que contribuiria para o desenvolvimento gradual do seu

organismo, sujeitam-se os seus cerebros a exercicios perigosos, obrigando-os á barra fixa das declinações, ao *triplo* dos pronomes ou ao *salto mortal* da analyse. O effeito d'esta educação é o mesmo que o da gymnastica mal dirigida: dá o acrobata da metaphisica, o jongleur casuistico, individuos inferiores, que succumbirão rapidamente na lucta pela existencia se não receberem por hereditariedade um cerebro diamantino que resista a todas as pressões d'uma educação viciosa.

Todos os preceitos da gymnastica se resumem nas primeiras edades em deixar á creança a liberdade de todos os movimentos naturaes, ajudar a sua manifestação por meios incapazes de prejudicar a sua evolução normal, proporcionar a actividade á força dos seus órgãos. Os jogos são uma gymnastica poderosa e efficaz.

Mais tarde o uso dos apparatus e a gymnastica de força, evitando porém cair no atletismo. E' então que a barra, o criket, e a esgrima têm o seu lugar. De todos estes exercicios, porém, nenhum é tão perfeito pela complexidade de movimentos que necessita, como o uso da espingarda. Elle só, permite a acção combinada e simultanea de cada uma das partes do corpo (Gollar, Mesnil, Layet... e tutti quanti).

O uso da espingarda deve pois ser introduzido nas escolas.

Joaquim Martins Teixeira de Carvalho.

### Nevoas

Na rede da esperança  
Est'alma adormecida  
Alegre se balança  
Olhando-te, querida.

Bem vês, ó pomba mansa,  
Em meu beiral detida,  
O teu olhar, creança,  
E' como o sol, dá vida.

Desfaz-se na montanha  
A nevoa quando nasce  
O sol — pupilla accesa.

Tambem quando me banha  
O teu olhar, desfaz-se  
A nevoa da tristeza.

S. R. P.

### Curiosidades

Estiveram ha pouco tempo entre nós os *colibris*. Lembram-se do principe? Parecia um *bébé* de quatro annos e tinha vinte e tantos annos, quasi trinta, segundo diziam os jornaes e o proprio prin-

cipe. Agora acaba de apparecer na Allemanha uma rapariga russa, de 11 annos, que é uma verdadeira gigante, pois n'esta idade tem já 1,<sup>m</sup> 93 de altura, quer dizer, muito mais alta do que a maior parte dos homens! Imagine-se quando esta creança tiver 20 annos. Ninguem melhor para realizar aquelle sonho de Baudelaire no delicioso soneto — La geante, que começa assim:

Du temps que la nature en sa verve puissante  
Concevait chaque jour des enfants monstrueux,  
J'eusse aimé vivre auprès d'une jeune geante  
Come auprès d'une reine un chat voluptueux.

Vive-se muitas vezes n'uma casa que se suspeita ser humida, e no entanto não se tem á mão um meio pratico de o conhecer facilmente. Esse meio é muito simples. Consiste em tomar um pouco de gelatina, amollecê-la em agua e estendê-la depois com os dedos sobre um vidro até que se obtenha uma lamina muito delgada e perfeitamente lisa. Deixa-se seccar e divide-se depois em diversas tiras que se conservam n'um logar secco.

Quando se suspeita que um logar é humido aproxima-se d'elle uma d'essas laminasinhas, sem tocar na parede; se o logar fôr effectivamente humido a lamina de gelatina revela-o logo, porque amollece, curvando-se immediatamente.

Manifestou-se ultimamente em Italia um interessante phenomeno metereologico, frequente n'aquelle paiz, — as chuvas d'areia, que provêm dos enormes desertos d'Africa. Violentamente sacudida pelas tempestades, eleva-se a areia na athmosfera, para cahir depois a uma grande distancia. Esta areia é finissima, e cabe ás vezes em tanta abundancia e por tanto tempo, que chega a cobrir as folhas das arvores e os tectos das casas.

O Shah da Persia possui um globo terrestre muito curioso. Mede 30 centimetros de diametro. As diversas partes do globo, terra e mar, são representadas por pedras preciosas de diferentes côres. A Inglaterra é representada em rubis, a Oceania em esmeraldas, a India em diamantes. E' um objecto d'arte lindissimo e d'um valor inestimavel.

Um jornal francez dá sobre a maneira de prolongar a duração das flores os seguintes esclarecimentos que, por julgarmos convenientes, transmittimos aos nossos leitores. Tem-se notado que as flores que não dão semente duram mais do que as outras. As flores completamente *dobradas* florescem mais devagar que as simples ou semi-dobradas: as flores que não são fecundadas têm uma duração mais longa do que as fecundadas.

D'estas observações, que são d'uma completa exactidão e que todos podem verificar, resulta que se pôde prolongar por alguns dias mais a duração de certas flores, impedindo a fecundação. O meio é facillimo: basta cortar á flor, com uma pequena thesoura, uma parte do pistillo. Não custa nada e consegue-se assim conservar fresca por alguns dias uma flor que d'outro modo murcharia depressa, perdendo toda a belleza.

Eis a explicação do phenomeno. Quando ha fecundação a seiva é solicitada pelo fructo ou pela semente para os alimentar e desenvolver. A flor soffre com isso, definha e morre. Quando pelo contrario não ha fructo nem semente, a seiva continúa a alimentar exclusivamente a flor, augmentando-lhe portanto a duração.

## Recreações

N.º 1

PERGUNTA CURIOSA

Qual é a epocha mais feliz da vida? — porque?

N.º 2

PROBLEMA

Como decompor a figura formada por tres quadrados eguaes, unidos pela forma abaixo indicada, em quatro partes eguaes e que possam sobrepor-se?



N.º 3

PROBLEMA

Marcou-se um certo numero de pontos em uma circumferencia e uniram-se esses pontos dois a dois por linhas rectas, de todas as maneiras possíveis. Sabendo-se que se obtiveram 435 linhas rectas, pergunta-se: — quantos foram os pontos marcados?

N.º 4

ENYGMATA

**A** DÃO

As respostas, soluções e decifrações serão publicadas no n.º 3.

# JORNAL PARA TODOS

13 de julho de 1889

## Estatua equestre de D. José

Depois da espantosa catastrophe, que em 1755 destruiu a melhor parte de Lisboa, foi o architecto Eugenio dos Santos encarregado de dirigir a

fascinado, segundo dizem, pela vaidosa cubiça de transmitir aos posteros, no mesmo bronze, a torva effigie. Alludia a este facto o conhecido epigramma tornado celebre da — *statua statuae*.

Começados os trabalhos, o architecto foi esboçando o projecto do monumento, ao mesmo



LISBOA — ESTATUA EQUESTRE DE D. JOSÉ

reedificação da cidade e desde o principio se assentou, que a estatua monumental do rei occupasse o centro da vasta praça traçada no lugar onde existira o antigo *Terreiro do Paço*. Parece que o Marquez de Pombal foi quem suggeriu a ideia,

tempo que lançava os fundamentos ao pedestal. Mas decorreram annos, as obras da cidade absorviam todos os cuidados, sem mais se pensar na estatua — *como se houvesse de achar-se feita quando quizessem collocal-a*.

Adiou-se a empreza até se reconhecer que não eram permittidas maiores delongas; e Joaquim Machado de Castro, que trabalhava nas esculpturas da basilica de Mafra, foi um dos convidados à execução do projecto calcado sobre os desenhos de Eugenio dos Santos, que a esse tempo tinha fallecido.

O modelo de Castro, apresentado ao rei, foi approved e mereceu a preferencia em concurso com o de outro estatuario, de quem Machado com mal contido ciume se indigna de proferir o nome, chamando-lhe desdenhosamente: — *um professor, maltez de nação!*

A primeira contrariedade que infligiram ao artista, de que elle inconsolavel se lamenta, consistiu na recusa terminante de qualquer alteração na composição que lhe era imposta; e simplesmente, com grandes dispendios de submissão e habilidade, conseguiu lhe consentissem eliminar um apocalypticó leão, que ali se representava estendido de baixo do cavallo.

Sobre tudo o que o lançava em transes de desespero era não poder vestir — *o seu heroe à Romana!*

Assim: *ficava-lhe apenas a liberdade para variar algumas pregas ou dôbras do manto no seu arranjo e miudezas semelhantes.*

\*  
\*  
\*

Concluido o gigantesco modelo da estatua, começaram os preparativos para a fundição confiada aos activos cuidados e engenho do logar-tenente Bartholomeu da Costa. Empreza audaciosa, tão cercada de perigos e embaraços como é facil de calcular, lembrando que no bôjo do forno se derretia a massa enorme de seiscentos quintaes de bronze, que no momento preciso devia correr sem interrupção, d'um só jacto!

Durante as vinte e oito horas que levou a fusão, n'uma anciedade angustiosa, Bartholomeu da Costa e os seus operarios não cessavam de orar e encomendar-se à providencia.

Finalmente, viram que a operação fôra propicia, quando solto o metal, as conductas transbordaram ao mesmo tempo. E depois de tres semanas necessarias para o resfriamento, concluiu o esculptor a sua obra pelo côrte dos gitos, retoques e cinzelção, que absorveram mais de dois mezes de trabalho assiduo a oitenta e tres operarios!

Durante oito dias esteve o colosso exposto ao publico; ao mesmo tempo que ia começando a azafama do transporte, cuja evidente difficuldade alarmava a população.

O carro em que foi assente media cincoenta palmos de comprido e trinta e cinco de largo e deslisava sobre quatro possantes rolos inteiriços, reforçados com chapas de ferro. As ruas da passagem foram batidas e preparadas.

A multidão era por toda a parte compacta e immensa, a ver este extranho espectáculo que lhe offerecia as mais variadas e imprevisitas peripecias.

Um vistoso cortejo formado pelos magistrados, ministros d'estado, a côrte, titulares, o senado e todos os funcionarios, abria o prestito precedido de numerosa cavallaria, por entre as tropas enfi-

leiradas ao longo das ruas. E não eram de menor effeito vinte e quatro vigorosos cavallos da real casa ricamente ajaezados, que tão util esforço podiam prestar na conjunctura, e que eram levados à rédea pelos creados trajando em grande apparatus!

Quatro dias se gastaram no percurso desde o arsenal até à Praça; e foi necessario impôr despoticamente a pena da grilheta aos mil e duzentos trabalhadores embargados para este serviço, que uma vigilancia rigorosa percebesse não pucharem tão conscienciosamente, como o exigia o papel de quadrupedes que desempenhavam. Alguns mais remissos chegaram a soffrer essa barbara punição.

Tinha-se julgado attentatorio do respeito devido à soberana magestade que a espantosa maquina fosse arrastada por outra fôrma, que não pelos braços dos fieis subditos convenientemente atrelados aos varaes do precioso fardo.

E para demonstrar a infima bajulação, pucharam ás cordas: a *Casa dos Vinte e Quatro*, o proprio juiz do povo, e outras corporações e pessoas — *das mãis civis!*...

A descripção das deslumbrantes festas e grandezas, que se exhibiram pela inauguração, é verdadeiramente assombrosa. Foi uma loucura de prodigalidades! O banquete e baile que deu o senado e a que assistiu o proprio rei, foi d'um esplendor e magnificencia de que não havia memoria...

Uma ordem regia tinha obrigado os ourives e particulares a emprestarem todos os serviços de baixella que possuíssem, e as riquezas que ali se acharam accumuladas representavam uma prodigiosa opulencia.

Durante tres dias os magnates comeram trezentas arrobas de doce. E não cessaram as expansões do *regosijo publico*, em que o povo jubiloso era liberalmente admittido, ou para carrear, ou para admirar submisso em que ostentosas dissipações se dispendia o seu dinheiro!

No desenrolar do faustoso programma um unico revez projectou uma rapida sombra no brilho da apotheose. No momento da inauguração a estatua achava-se envolta n'uma grande tela de seda; o vento soprava fortemente, e ao puchar entusiastico dos cordões o véo rasga, e só a cabeça do monarcha fica de fôra a contemplar por largo tempo o Tejo e a Outra-Banda!

Com esforços sobrehumanos e meio aturdido um meirinho subiu ao pedestal e poudo então por qualquer fôrma pôr a descoberto o monumento e evitar o prolongamento do escandalo!

Para aggravar a feição burlesca do incidente, a côrte, que esperava que a apparição fosse rapida, ao ver a primeira oscillação das cortinas, tinha cahido prostrada de joelhos, como subitamente deslumbrada por uma apparição sobrenatural!!...

\*  
\*  
\*

No livro, que ácerca da estatua publicou Joaquim Machado de Castro (*Descripção Analytica*), ficaram descriptos minuciosamente todos os estudos e trabalhos preparatorios, a que se entregou, com justificações academicas e pretensões doudas, dis-

creteando sobre a arte e sobre o *Bello* com tão emphaticas theorias estheticas, como as perfilhava a sabedoria da epocha.

Na leitura d'esse livro faz pena ver as decepções por que fizeram passar a altivez do artista, que por fortuna a si mesmo se consola, explicando o melhor que pôde os successos em seu favor.

Querendo dar toda a semelhança ao retrato e imprimir-lhe alguns toques na presença do personagem, solicitou humildemente a ventura de ser conduzido ao sanctuario do excelso nume; pois repelliram-o, advertindo-o, de que — nem se atrevesse a aspirar a uma tal honra!...

Estava a estatua ainda no fosso da fundição, quando foi visitada pelos dois conjuges reinantes. A rainha na presença do artista, que embevecido na sua obra e cheio de commoção se foi collocar bem perto — *para n'este logar ficar observando o que se passava*, — houve por bem honral-o com estas magnanimas palavras: — *O rosto da figura está horrendo!!!*

O Castro ia succumbindo de desgosto e afflicção.

*Que assalto!* exclama confuso e desanimado, *para o artista que a executou!!!*

Ao assentar da estatua, Machado de Castro, que estava sobre um andaime junto do pedestal, auxiliando a mais propria collocação da sua obra, foi posto fóra do cordão de tropas dispostas em redor da praça, pelo tenente commandante, que o agarrou brutalmente, o injuriou e quiz prender!

Etc., etc.

Pelo fim, nem na distribuição das mercês o artista foi com justiça considerado. Bartholomeu da Costa foi recompensado com a elevação ao posto de logar-tenente-general. Os seus meritos incontestaveis davam-lhe direito á largueza da munificencia compensadora.

Mas para com o verdadeiro auctor do monumento, a retribuição foi mesquinha. Agraciaram-o com o grau de cavalleiro, honraria vantajada, é verdade, mas tão pouco rendosa, que toda a sua vida viveu pobremente, em lucta precaria com as difficuldades e quasi com a indigencia.

Ainda em 1842 o professor Assis Rodrigues, na *Revista Universal*, fazia appello á generosidade publica, para que soccorresse duas senhoras, que restavam d'aquella familia desvalida.

A. Gonçalves.

## O telegramma

(DO ALLEMÃO)

Arthur Cecilio teve que sahir por alguns dias a tratar de negocios, deixando, pela primeira vez depois do casamento, a querida esposa em casa, só-sinha. Depois dos beijos de despedida, sem conto, metten-se no carro que o conduziu á estação, e elle lá vae recostado a um canto do compartimento do wagon, soprando melancolico o fumo do charuto, em quanto, pela noite clara do luar, seus pensamentos voam avidamente para amada esposa,

a qual, depois da solitaria ceia, se foi, mais cedo que d'ordinario, para vale de lençoes, e adormeceu feliz, tendo vertido algumas lagrimas silenciosas.

Estava Philomena, a terna esposa, no melhor do seu somno, sonhando justamente com a viagem ainda recente da lua de mel, quando o tom alarmante da campainha da rua a sobresaltou. Pensou primeiro que fosse sonho o que ouvia, mas logo o cordão foi puchado com mais força. Accendeu a vella e saltou da cama.

— Quem poderá ser a esta hora? — era pouco antes de meia noite. Será fogo em casa? Ou perderia Arthur o comboyo? Haveria desastre no caminho de ferro? Horrivel! trazem meu marido com as pernas quebradas... é o que ha de ser... Assim redemoinhavam as imagens e pensamentos sinistros no cerebro de Philomena.

Correu á janella, para perguntar para a rua o que havia. Ao abril-a entrou uma corrente d'ar frio que a fez tremer. Com voz tremula perguntou:

— Quem está lá?

— Um telegramma para a Sr.<sup>a</sup> D. Cecilia.

— Um telegramma! disse consigo Philomena, sentindo um calafrio.

Ella pertencia ao numero das creaturas que á chegada d'um telegramma se sentem tão medrosas e apavoradas como ao verem uma grande aranha ou uma cobra.

No seu estado nervoso esqueceu-se de fechar a janella. Corre a chamar a cosinheira; o vento apaga-lhe a luz.

— Joanna! gritou ella, Joanna!

Mas Joanna dormia a somno solto, e só ao fim de desesperados esforços da ama ponde despertar.

O boletineiro á porta, impaciente, tocou de novo a campainha. Isto acordou outros moradores da casa. Os cães ladravam, e ouviam-se palavras indignadas contra o socego da noite perturbado...

Finalmente desceu Joanna, vestida só com o mais indispensavel; e, depois de se lhe ter apagado repetidas vezes a luz com o vento, de ter feito differetnes tentativas mallogradas d'abrir com chaves trocadas a porta da rua, recebeu o despacho.

Philomena esperava em cima, sem respirar, na maior anciedade e desassocego, a volta de Joanna.

— O que dirá o telegramma?

Na sua phantasia irritada já todos os parentes e adherentes por sua ordem morreram, ou alguma lhes aconteceu... Os segundos pareciam horas... Finalmente... finalmente chega Joanna com o despacho; mas Philomena não estava em estado de abril-o. Sentia-se desfallecer. Novos gritos de Joanna afflicta. Uma vizinha corre precipitada.

Philomena volta a si, abre o telegramma, e lê:

«Dormita docemente, creança adorada!

Teu fiel Arthur.»

O marido, ardendo em amor, tinha aproveitado a pequena demora em uma estação para, antes d'anoitecer, enviar pelos arames este cumprimento doce á sua querida Philomena, sem lhe passar pela mente apaixonada um desfecho tão desastrado.

Trad. de

Vaz Silvestre.



Gonçaves Crespo

A primeira vez que o vi tinha eu 14 annos e a impressão que então recebi gravou-se fundamentalmente no meu cerebro com a perfeição e nitidez sómente realisavel n'estas edades. Havia grande lucta academica. Era a eleição da Philantropica (felizes tempos em que se guerreava uma eleição da Philantropica!); eu fôra levado por um primo e votava com elle. Um suborno. Eu e tres alumnos do Seminario, eramos a influencia de S.

Fez-me impressão a sua cabeça e ainda hoje não posso explicar a sympathia immediata que senti pela sua figura irregular, torturada e agitada como um vulcão em plena erupção. Que elle era muito feio!

À nossa chegada recebeu-nos agitando enormemente os braços e gritando «que o Douro era a unica provincia amiga, votando com convicção e independencia». E afagando-me o cabello que eu tinha louro e annellado dizia risonho e protector para S...: «É o teu primo?» e atalhava rapido «eu era assim em pequeno, branco e louro... As bexigas é que me fizeram assim feio e negro» accrescentou rapidamente, respondendo á expressão de duvida que se espalhava pelo rosto do meu primo.

Fiquei desde então com um secreto desejo nunca realisado, o de ser seu amigo, e nada me enchia de tanto orgulho como saudal-o em publico, e commentar o sorriso bondoso e as palavras protectoras ao *caloiro*, com uma phrase invariavel que arremessava desdenhosamente aos condiscipulos com quem ia: «é o Crespo, *quartannista*, que era como eu em pequeno!»

No anno immediato vi-o fazer o papel principal da sua peça, substituindo um actor que adoe-cera com um padecimento trivial que o impossibilitava de fallar. O successo foi dos maiores e mais expontaneos. Era de ver a alegria com que

elle improvisava para a Preciosi, um quintannista de boa plastica que tem sido deputado e hoje occupa um logar proeminente. O publico delirava e applaudia convulsivamente, quando Preciosi n'uma charge engraçadissima, relativa ás prendas offerecidas, cantava:

Possollo, melro bicudo,  
Mandou vir de Mogofores  
O Garrido n'um canudo  
E um raminho de flores.

Ficou celebre nos annaes academicos esta recita que encetou uma nova phase, apresentando uma nova opereta original que nunca foi igualada posteriormente, nem mesmo pela de Luiz de Magalhães, não obstante o seu grande talento. Foi uma serie successiva de triumphos para Crespo, que todas as noutes improvisava; cortada de episodios sempre novos devidos á verve inexgotavel e espirito finissimo de alguns condiscipulos seus.

Na segunda recita o condiscipulo doente retomou o seu papel. Lembra-me como se fôra hoje. A scena representava um atrio romano. Lucrecia entrava e percorria o fundo recuando — perseguida por Caracalla, mysteriosamente envolvido n'um manto. Quando Lucrecia desaparecia no bastidor, desembuçou-se Caracalla mostrando a sua physionomia não esperada e recitou tragicamente:

Não fujas. Olha meu rosto,  
o antigo Caracalla levou baixa de posto.

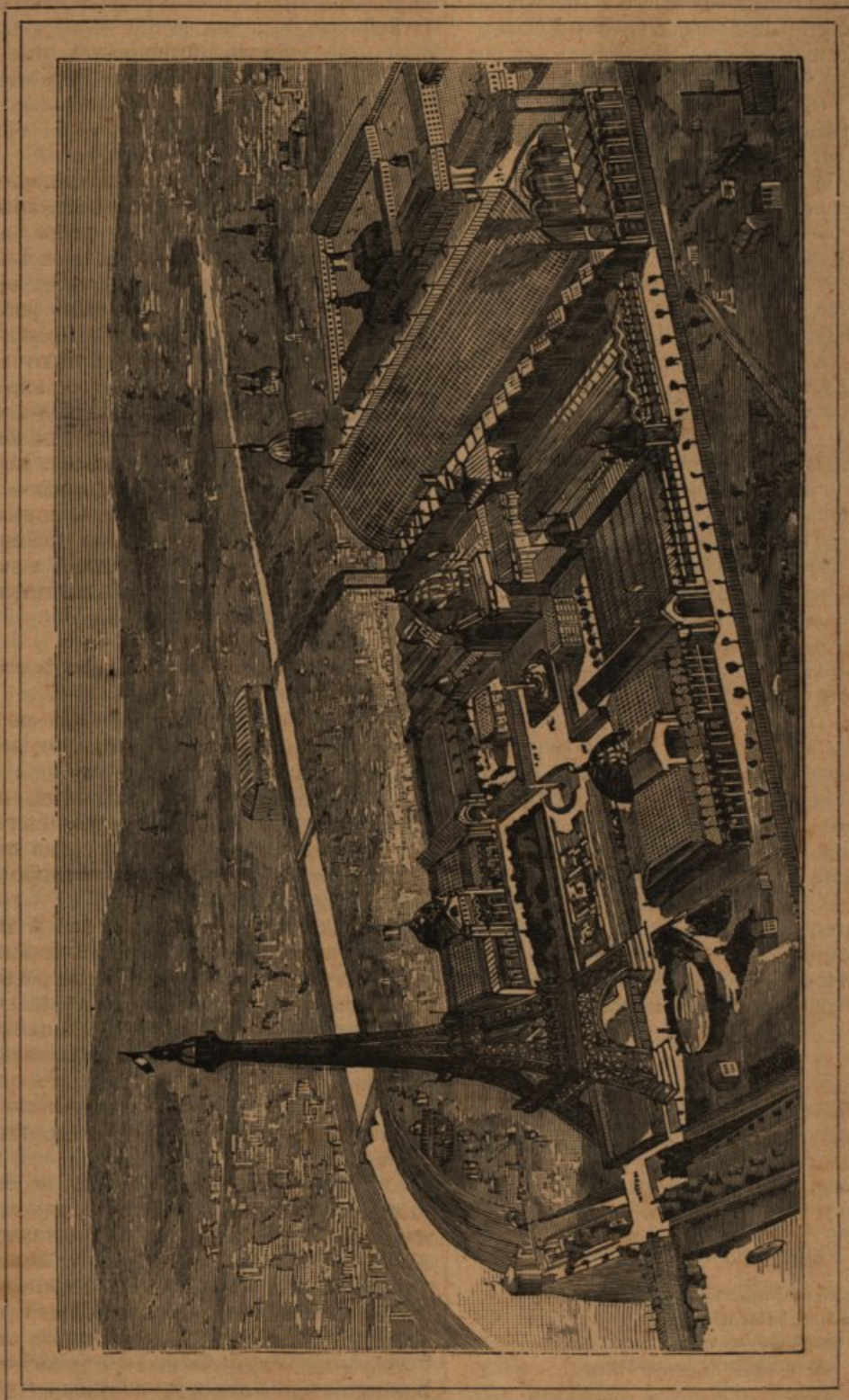
Tudo riu estrondosamente e Crespo foi o primeiro, vingando-se depois n'um improviso brilhante e cheio de graça.

A sua veia comica era inexgotavel, com quanto n'uma carta ao conde de Sabugosa escreva: «julgas-me alegre e não o sou. Ha tanta tristeza nos meus olhos, repara bem, que eu proprio se acaso os vejo fico triste.»

Foi estudante de mathematica! A sua imaginação impetuosa, o seu espirito scintillante e impressionavel nunca comprehenderam porem os mysterios do theorema de Cauchy ou as bellezas da formula de Taylor. A sua veia comica arrastava-o, e emquanto o condiscipulo victima das troupes, expunha aos olhos irritados do professor a sua cabeça barbaramente rapada, embrenhando-se nos theoremas das equações do segundo grau, elle improvisava.

No anno immediato matriculava-se em direito, formando-se em 1875, e levando na sua bagagem um livro de versos em que estava a mais extraordinaria revelação do seu talento. As *Miniaturas* revellavam, como mais tarde os *Nocturnos*, o amor irreprehensivel da fôrma, a honestidade do seu character de trabalhador, o respeito pela arte.

Os seus versos seduzem á primeira leitura e fascinam, como o seu trato attrahente e sympathico se apossava rapidamente de todos, que, sem perceberem bem porque, ficavam seus amigos desde a primeira entrevista. Os seus versos são como o seu character, honestos, francos, sinceros, sentidos. É por isso que impressionam extraordinariamente, e



Torre Eiffel

Palácio das Bellas-Artes

Palácio das artes liberais

Palácio das exposições diversas

Galeria das machinas

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS — O CAMPO DE MARTE

ninguém pôde furtar-se a um calafrio de horror durante todo o final da *Resposta do Inquisidor*, ou ler sem um sorriso o soneto *Na Igreja das Chagas!*. Toda a força do sentimento da família que nos deu os versos adoráveis a sua mãe e a sua esposa, rebenta com um grito de dor nas *Lagrimas d'El-Rey*.

Tem-se dito muitas vezes que Crespo era um parnasiano. Era-o com effeito pelo amor e respeito da fórma. Os seus versos, principalmente os *Nocturnos*, que são sem contestação muito superiores ás *Miniaturas*, revellam o conhecimento completo da arte que poucos conheciam e manejavam com a sua elegancia e correcção. Crespo teve, porém, na nossa poesia um papel importante, e imprimiu-lhe uma direcção original. Fortemente impressionado por a poesia franceza d'este seculo deu aos seus versos a correcção, o som, a harmonia das mais delicadas poesias de Coppée. Crespo foi, como poeta, o iniciador d'um genero — a poesia historica; e *As Lagrimas d'El-Rey, as Cannas, a Resposta do Inquisidor, No Convento das Chagas, A Leitura dos Luziadas, Vinte annos depois*, são estudos de primeira ordem, laboriosamente pensados, tratados sobretudo com o amor da verdade, d'onde lhe provem toda a força impressionadora e suggestiva. Apesar d'isso o verso corre facil, harmonioso, leve, sonoro; a poesia parece ter sido feita d'um jacto sob a influencia d'uma forte inspiração poetica.

A America, o seu paiz natal, é cantado d'um modo uniforme — o choro da escravidão. Vê-se sempre atravez d'um veo de lagrimas — a roça em que nascera perto do Rio de Janeiro em 11 de março de 1846.

Vida curiosa a d'este poeta, feita de contrastes extranhos. Educado em Braga, veio para Coimbra em 1870, matriculando-se em mathematica e mais tarde em direito. A sua carreira deslisou depois pacificamente, encontrando n'uma esposa estremeçada e intelligente a gloriosa companheira de trabalho, dulcificando-lhe a vida e alegrando-lhe o lar.

Tanta ventura foi rapidamente interrompida pela brutalidade do Destino; e o poeta morria em plena paz, a 11 de junho de 1883, quando o seu talento nunca contestado dava os mais sazonados fructos.

L. de P.

### M.

Andei a gravar teu nome  
No tronco dos arvoredos:  
Que os meus intimos segredos  
O tempo assim não consome.

Lamentei que os passarinhos  
Não soubessem soletrar  
E em delicioso trinar  
O lessem mesmo dos ninhos.

O nome encontro maior  
Quando lá volto, em o vendo:  
— É que o tronco vae crescendo  
Como cresce o meu amor.

Eduardo d'Araujo.

## O Campo de Marte

Meu caro

Pede-me V... um artigo sobre o Campo de Marte, que sirva de introdução á serie dos que vae publicar sobre a exposição. Só a amizade me faz cumprir o seu pedido, por entender que não posso substituir a penna brilhante do seu correspondente em Paris — Xavier de Carvalho, que com o ser um homem de letras distincto, tem ao mesmo tempo, actuando sobre a sua organização fortemente impressionavel, a força suggestiva do meio que o rodeia, da multidão que o cerca e do sol que tem feito tanto pelo successo da exposição, como o de Austerlitz pelo das armas francezas na gloriosa epopéa, que foi um dos fructos mais brilhantes da Revolução que hoje se commemora. Tenho porém ainda um outro motivo que me torna penoso o seu encargo; a impressão saudosa d'um dos dias mais felizes da minha vida, a d'um grande entusiasmo por esse bello povo francez que soube com o esforço proprio, e luctando contra todos os paizes colligados, levar a cabo a sua gloriosa exposição, como soube pela energia do seu braço e pela força suggestiva do seu entusiasmo, reagir contra todas as nações, fazendo triumphar a revolução, e operando a evolução creadora de que sahiram as modernas constituições, e o desenvolvimento do sentimento altruista que fez do seculo XIX — o seculo das luzes — da caridade — e da liberdade —. Todavia V... ordena e eu obedeço, como sempre que tenho occasião de lhe mostrar que o estimo e que desejo ser-lhe agradavel.

O *Campo de Marte*, como a gravura o mostra, coberto de edificios, brilhantes de sol e protegidos pela torre Eiffel que se levanta com tom ameaçador para o ceu, não é o que eu conheço, não é o que pintam as minhas recordações. Vasto rectangulo de 1000 metros de comprimento por 500 de largo adeanta-se da eschola militar, que se avista vagamente ao fundo, até ao Senna que o separa do Trocadero, recinto da velha exposição de 1878, hoje convertido em sala de espectaculos publicos, museu ethnographico e museu de architectura comparada.

Como são grandiosos os edificios da moderna exposição, quando comparados com os da de 1878! Como o ferro, alliando-se felizmente ao barro soube dar elegancia a estas construcções que se impõem ao mesmo tempo pela sua apparencia forte, pelo seu energico ar viril. Um dos maiores successos da exposição, affirmava um dos maiores criticos contemporaneos d'arte, foi a substituição das cupulas e guarnições de zinco pelo barro esmaltado, dando vida e cor a todas as cupulas, a todos os frizos, fazendo-os destacar vigorosamente no ceu! Esta verdade, ha muito reconhecida nos paizes meridionaes, vae fazer modificar a ornamentação exterior, imprimindo-lhe uma direcção de que nós temos a aproveitar e de que porventura provenha o renascimento da nossa arte ceramica, ardentemente desejado por os artistas, mas que não encontrou



ainda, não obstante duas ou tres tentativas felizes, a sua realisação.

O Campo de Marte tem sido o theatro dos maiores triumphos da França, o lugar de eleição para a manifestação de todos os seus mais bellos sentimentos. Desde Eudes até Carnot todos os chefes d'este povo emprehendedor e entusiasta o tem ahí reunido para a santificação da paz, a affirmação do seu patriotismo, a reivindicção dos seus direitos. A França em 14 de julho de 1790 recebeu, para affirmação da sua solidariedade, a todos os departamentos francezes, reunindo 600:000 homens, no mesmo lugar em que hoje recebe o mundo para affirmar a sua independencia, e o direito que tem a ser respeitada pelo seu trabalho e pela sua intelligencia.

Apezar de tudo a sua gravura deixa-me frio e eu mentalmente supprimo os edificios para reconstruir o Campo de Marte que eu vi em 1886 durante as festas do Commercio a favor dos pobres de Paris.

Perto do Senna elevava-se uma tribuna ornada de tropheos militares — tendo no centro o lugar reservado para o Presidente da Republica — e completamente cheia de espectadores que abafavam na mais encantadora promiscuidade. Eu chegara tarde e fiquei entalado entre um inglez que grunhia de inveja e um francez que gritava de entusiasmo. Ao fundo o Campo de Marte, ladeado de alas compactas de povo rindo expansivamente. Ao longe avistava-se a eschola militar. Os officiaes faziam os seus exercicios militares no meio dos maiores applausos e ao som de musicas marciaes. De repente faz-se um grande silencio. O povo affasta-se respeitoso, espalha-se por todos os rostos um ar de curiosidade sympathica prestes a manifestar-se, o Presidente da Republica levanta-se grave e digno, as musicas militares tocam a Marselheza, o publico olha curiosamente para o fundo do Campo de Marte cujo terreno parece mover-se. Levanta-se uma poeira dourada, destacando superiormente tons de prata faiscante, adeantando-se rapidamente com um ruido surdo, como uma onda colossal caminhando para a praia faiscante de sol. Era um corpo de couraceiros, dos gloriosos couraceiros da guerra franco-prussiana. Estouram os applausos, que redobram quando as filas se abrem para deixarem passar os *spahis* que se adiantam, burnous vermelhos ao vento, lançando os seus gritos de guerra e arremessando ao ar as espingardas que mais adeante levantam e disparam, fazendo curvetear pela pressão dos seus joelhos fortes e delicados os seus bellos cavallos arabes, que se adiantam vertiginosamente para pararem de repente sem uma indecisão. Atraz os couraceiros que tinham unido fileiras, avançam gravemente, carregando a galope, formando o mais feliz dos contrastes, e parando gravemente para fazer a continencia deante do Presidente que corresponde no meio do ruido das palmas e dos gritos de *Vive la Republique!*

Se conseguir alterar esta impressão, admirando o seu novo aspecto, prometto-lhe novo artigo, fechando aqui este que vae já longo.

Joaquim Martins Teixeira de Carvalho.

?

(N'UM ALBUM)

Abrir a bocca não custa,  
uma garrafa inda menos,  
mas abrir albums pequenos,  
isso sim, é que me assusta.

Porque, emfim, se adivinhasse  
que, depois da porta aberta,  
ficava a casa deserta,  
sem ninguem que a visitasse,

vá que não vá, mas assim,  
eu a fazer de Cerbero  
e entrarem atraz de mim  
uns typos quaesquer; não quero!

E tenho toda a razão:  
supponham que alguém deixava  
a porta aberta e que entrava  
o Guerra, o Cesar, um cão,

ou qualquer outro animal  
que possa morder a gente...  
Além de ser indecente  
são bichos que fazem mal!

Por tanto é mais assisado,  
segundo eu creio e presumo,  
mudar a gente de rumo:  
deixar o album fechado.

Coimbra, 14-2-87.

Pinto da Rocha.

### Curiosidades

Diz a *Science pour tous* que, apezar de augmentar consideravelmente a população de Paris desde que se abriu a exposição, a mortalidade tem sido inferior á de equal periodo no anno passado.

Vive na cidade de Ouro Preto (Brazil) uma senhora, de nome D. Maria Lucas, com a respeitavel idade de perto de cento e quarenta annos. Já era viuva pela segunda vez, quando, em 1792, foi executado o Tiradentes.

Foi adquirido para o Museu do Louvre o quadro intitulado *l'Angelus*, a obra prima do celebre pintor francez Millet. Custou 553:000 francos. E como a somma de que dispunha a superintendencia das Bellas Artes não chegava para contrapôr ás offertas que da America foram feitas, houve alguns amadores que offereceram a quantia necessaria para cobrir essas offertas, a fim de evitarem que aquella obra notavel sahisse do seu paiz.

Em Portugal... apenas ha quem facilite a sahida para o estrangeiro do que ainda por ali se encontra...

Um jornal francez referindo-se á compra do quadro descreve-o assim:

«Não ha ninguem que não conheça esta obra, vulgarisada por numerosas reproducções graphicas:—em um campo, ao pôr do sol, dois camponezes, homem e mulher, vestidos com os seus fatos grosseiros, interrompem o seu labor e encostados aos instrumentos do trabalho, fazem as suas orações, de cabeça inclinada para a terra, ao som do *Angelus* que lhes vem de uma torre que vagamente se vê ao longe.

Á primeira vista nada mais simples, menos decorativo; mas depois de alguns momentos de contemplação, ninguem pôde escapar á poesia que se evola do quadro.

Esta voz longinqua dos sinos surprehendendo-os no rude trabalho, é a consolação da sua vida dura, sem aspirações, é a esperança da sua vida d'abnegação. Não foi este som do bronze que annunciou o seu nascimento, que repicou alegremente pelo seu casamento, e que dobrará tristemente no seu enterro ou nos d'aquelles que elles amam?

É este som amado e melancolico que parece gritar-lhes todos os dias:— coragem e resignação! Ora, para fazer nascer em nossas almas, tão dadas ao scepticismo, esta emoção penetrante, só o quadro d'um homem como Millet.»

Que difficuldades muitas vezes ha para lavar uma garrafa! E, no entanto como é facil laval-a! E' introduzir-lhe dentro papel cortado em bocados pequenos, deitar-lhe agua até uma quarta parte da altura e agital-a em todos os sentidos.

No verão a melhor bebida é a agua, quando é boa. Deve-se desconfiar da agua que sae das montanhas calcareas e que no seu curso deposita tufo, assim como da que se encontra nas gesseiras, nos pantanos e nas turfeiras. A agua dos terrenos graniticos é boa; a das cisternas tambem, mas é pouco agradável. No entanto, por muito boa que seja a agua, quem trabalha não se contenta com essa bebida, quer cousa mais tónica e mais fortificante. No verão as melhores bebidas são:— 1.º, o café que fortifica e serve de preservativo contra as febres;— 2.º, o vinho que alimenta e dá força;— 3.º, a cerveja que tambem alimenta;— 4.º, a agua cortada com aguardente.

Na America, se é verdadeira a noticia que de lá vem, estão em construcção duas casas em condições excepçionaes. Parece que com a torre Eiffel veio a mania das casas desmesuradamente altas! O Banco da America mandou fazer uma casa de nove andares, á esquina de Wall-Street e de William-Street. Será toda de pedra e terá 21<sup>m</sup>,34 de largura por 24<sup>m</sup>,38 de comprimento. Importará na bagatella de 400:000 dollars.

A outra casa, mandada fazer por J. Noble Stearns, é maior. Situada entre as ruas Broadway e New-Street terá de fundo 48<sup>m</sup>,60 medindo a fachada da rua Broadway apenas 6<sup>m</sup>,56 e a da New-Street 12 metros. Mas a altura é que é extraordinaria: do lado da rua Broadway, contar-se-hão treze andares e do lado de New-Street quinze!

Para se conseguir uma tal sobreposição de andares foi necessaria uma architectura especial;— os cinco primeiros andares são de ferro, e os restantes de tijolo.

O edificio ficará á prova de fogo. E não será caro... custará 225:000 dollars.

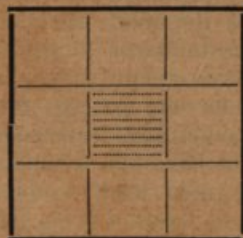
## Recreações

N.º 5

PROBLEMA

N'um convento, em um dormitorio com 8 cellas dispostas em quadrado, como indica a figura que abaixo vae, estavam vinte e quatro freiras; a abba-dessa que era cega, ao fazer a sua primeira visita contou nove pessoas em cada fila de tres cellas; na segunda visita contou outra vez nove pessoas, apesar de terem entrado para o dormitorio quatro creadas; e na terceira visita contou ainda nove pessoas, tendo saído com as quatro creadas quatro freiras.

Como estavam as freiras distribuidas pelas cellas e que alterações se fizeram n'essa distribuição com a entrada das quatro creadas e a saida d'ellas e das quatro religiosas?



N.º 6

PROBLEMA

Uma companhia d'infanteria chegou junto de um rio, porem não o ponde passar por estar destruida a ponte e o rio não ser vadeavel. O capitão viu junto da margem opposta duas creanças que brincavam em uma pequena canôa, mas esta tão pequena, que além d'um soldado nem uma das creanças poderia transportar de cada vez. Como ponde o capitão fazer passar n'este barco todos os soldados da sua companhia?

As soluções serão publicadas no n.º 4.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

COIMBRA, TYP. DE M. C. DA SILVA

# JORNAL PARA TODOS

20 de julho de 1889

## O Tejo

É assim! O luminoso desenho de J. Pedroso pinta-o como eu o amo, fortemente batido pelo sol, resplandecente de luz! Ao longe a casaria da Outra Banda faiscante, pequenos barcos singrando rapidamente e cortando o azul purissimo do ceu com a nota branca da sua vella semelhante enormes gaiotas.

lhas, a nota brilhante das bandeiras e o faiscar metallico das peças de bordo.

Outros preferem-o á noute, imaginando serenatas irrealisaveis, idyllios aquaticos em pleno abril, enquanto *da lua o rosto ameno* faz brilhar... *do barco a luminosa esteira*.

Os que vivem da *tradição gloriosa* dos nossos antepassados imaginam-o extranhamente animado...



Os vapores da carreira atravessam a corrente com um ruido estranho e provinciano de ferragem de velhas diligencias, movendo-se a custo offegantes e cançados como velhos machos de liteira subindo asthmaticos e tristes uma encosta ingreme, rude.

Grandes vasos de guerra animam extraordinariamente o rio com as suas largas fachas verme-

- «Nas amuradas canta o alegre marinheiro;
- «Do oceano á flor scintilla a esteira luminosa
- «Dos pesados galeões do Gama aventureiro.

e não notam o ar gingão dos nossos marinheiros que percorrem tristemente o aterro com a nostalgia da Mouraria.

## O diamante no trabalho

O diamante não é sómente a primeira entre as pedras preciosas, adorno querido da formosura, brazão nobiliarchico dos principes, amuleto ostensivo d'argentarios, é tambem o corpo excepcionalmente duro, que risca e desaggrega todos os mais.

Pedra nobre, ociosa e lubrica em collo de mundana, estilete irresistivel na mão rude do operario, o diamante é sempre precioso — quer deslumbre, quer trabalhe.

Entre as innovações de grande alcance introduzidas na montanistica, figura a sondagem do subsolo e a abertura de poços pela sonda de diamantes.

O objecto principal da sondagem é investigar as camadas geologicas, pesquisar os filões e os jazigos mineraes, o petroleo, a agua, etc.

Tractando-se de abrir um poço d'exploração, importa marcar racionalmente, scientificamente, o ponto do solo que lhe é mais adequado. A determinação d'este ponto é de importancia capital, e não mera phantasia *d'engenhoca a olho*; é um ponto geometrico cujas coordenadas, que, no caso mais geral e difficil de varios filões, differentes no valor tecnico do minerio, na possança, na configuração e posição relativa, são funcção de todas estas variaveis.

Por onde se vê pois, que, para tentar uma exploração racional e remuneradora, é absolutamente indispensavel, antes de mais nada, o conhecimento tanto quanto possivel exacto e completo das condições architectonicas, petrographicas e mineralogicas do terreno destinado á lavra.

Ora a sonda de diamantes fornece ao calculo todos os dados precisos. Este instrumento consta essencialmente d'uma corôa ou anel d'aço, guardada na face inferior de diamantes, e fixada por uma rosca de parafuso á extremidade d'uma haste tubular d'aço tambem. Estes diamantes, de contorno arredondado, irregular e tosco, côr negro-acastanhada, granulosa, insusceptiveis de lapidação, são os chamados *carbonados* do Brazil.

A haste põe-se em movimento rapido de rotação sobre o seu eixo, com a força d'uma pequena locomovel.

À medida que a sondagem avança, accrescentam-se successivamente novos pedaços d'haste á porção já embebida na rocha.

Por esta descripção rapida se vê que só uma porção annular da rocha é a atacada, quedando ao centro, no corpo vasado da haste, um nucleo intacto, que representa claramente a ordem porque foram encontradas as camadas geologicas, e as suas distancias, segundo a vertical, ao ponto de partida.

Uma disposição especial muito simples permite extrahir esse nucleo em pedaços cylindricos, que, depois, por sua ordem, se podem reunir de novo cá fóra.

Bastam evidentemente tres sondagens, convenientemente distanciadas, para definir-se o logar geometrico das superficies attingidas.

Marcado o centro da secção transversal do poço, segue-se o trabalho da abertura.

O methodo consiste em abrir, convenientemente afastados uns dos outros, dentro da secção transversal escolhida, e em linhas pararellas ao contorno, buracos profundos, até 100, por exemplo.

Carreada a rocha desaggregada, extrahe-se mais um metro d'altura d'areia, e o trabalho continúa como precedentemente.

Para se reconhecer se os buracos ficaram verticaes, condição essencialissima, introduz-se-lhes um vaso tubular de vidro accommodado ao diametro dos orificios, com acido fluorhydrico. Se o tubo se inclina, a acção mordente do acido manifesta-se á superficie por uma ellipse de corrosão.

Qualquer empresa mineira não dispõe facilmente de capital que possa empatar em apparelho tão custoso; nem é preciso. Ha companhias que se encarregam d'esse trabalho a tanto por metro. Citarei por exemplo a Continental Diamond Rockloring Company, que tem agencias nas principaes regiões mineiras.

A. Barbosa.

## Na morte de Antonio Fogaça

Chovam as lagrymas do ceu  
Na triste cova que te encerra!  
Entraste gélido na terra,  
Em que o teu corpo se escondeu.

Além, por entre os pinheiras,  
Passa um murmuro de piedade:  
As pombas voltam aos pombaes,  
Cortando o azul da immensidade.

Poetas! vinde ao vosso irmão  
Dar-lhe a suprema despedida;  
Soltae a prêce mais sentida  
Do vosso ardente coração!

Rosas de luz, rosas de abril,  
Que lhe surgieis pela estrada!  
Cubrí a cova abandonada  
D'aquelle espirito gentil!

Noiva adorada e pura flôr!  
Se uma catastrophe t'ô leva,  
Como contraste áquella treva,  
Lança-lhe a luz do teu amor!

Aves de canto virginal!  
Velae aquella sepultura,  
Da ramaria verde-escura  
Do religioso cyprestal.

Ali—ó trémulas visões,  
Branços fantasmas doloridos! —  
Roçae a fimbria dos vestidos,  
Da Lua aos pallidos clarões.

Lirio não ha, que se não tisne,  
Da Morte á luz crepuscular...  
Mas tu morreste, como o cisne,  
Que fica exanime a cantar!

Joaquim de Araujo

## O pequenino morto

Pela noite, tendo batido nove horas no relógio do quarto, a creancita teve ainda uma convulsão, exalou um suspiro e morreu... E por largos momentos, deante do pequeno cadaver gelado, o pae — o illustre pintor Eruez — permaneceu abatido, o olhar desvairado, não podendo comprehendere que a morte viesse n'um instante, rapidamente, arrebatara-lhe o filho... Consumido em tres dias!... em tres dias, elle, tão rosado, tão vivo, tão alegre, tão gentil. Em tres dias! E precisamente quando principiava a despertar para a vida!... Não havia ainda cinco dias que corria, que cantava, e se rolava pelos tapetes, as perninhas nuas, os cabellos revoltos, que brincava no seu atelier com os pedaços de panno, que pintalgava as mãositas na palheta fresca... Em tres dias! Era horrivel, impossivel — Jorge, Jorge! meu Jorgesito!... exclamava o desgraçado pae, estreitando nos braços convulsos o corpo hirto do filho... Meu Jorgesito, falla-me. Mas os seus labios sentiam a frialdade d'aquelles labios mortos, uma frialdade que o queimava como o ferro em brazas; então estirou-se ao longo do leito, mergulhou a cabeça nas roupas e soluçou, soluçou: — Meu Deus! meu Deus! Pois será possivel, repetia na sua voz entrecortada... Meu Deus! Que fiz eu para ser assim castigado! Jorge! Meu Jorgesinho... Ah! morreu...

Não quiz que ninguem velasse o filho. Foi elle proprio quem fez a toilette funebre; quem dispoz sobre o caixão as flores, as grinaldas de lilaz branco, rosas brancas, enfeites alvissimos... Vestido de fatos brancos, e deitado na branca urna, o pequenino parecia dormir, sorrindo...

Um anno antes Eruez perdera a esposa, que adorava immenso. E eis que perdia o filhinho agora, uma pobre creancinha de tres annos!...

Havia alguns annos que perdera os paes... Já não lhe restava ninguem para amar e que o amasse tambem, ficava só, só, tão só que a morte ser-lhe-hia uma consolação. Durante alguns minutos teve a ideia de morrer, e de encommendar um mausoleu mais amplo, um mausoleu no fundo do qual pudessem estirar-se os dois, elle e o filho... Seu filho! Pois seria possivel que a vida tivesse abandonado esse lindo rosto tão acariciado, tão afagado de beijos; que essa pequenina bocca, que ainda lhe parecia ouvir dizer: «Eu tambem quero fazer homens como tu fazes!» não fallasse nunca mais, nunca... Que havia de fazer para viver de futuro n'essa casa duplamente vazia de tudo o que havia de mais querido?... O trabalho? para que?... A gloria? Que era a gloria depois de perdidas todas as affeições? E que lhe importava a gloria, senão podiam partilhar d'ella essas estremecidas creaturas que se lhe foram? E os prazeres egoistas da arte? e esse delicioso martyrio de crear, e esses divinos enthusiasmos, e essas loucuras sublimes, como um tom de carne, um raio de sol sobre o mar, uma distancia perdida em que as brumas fazem surgir, surgir e palpitar poemas eternos?... E assim ia discorrendo... A pintura,

em que até ali se reuniam exclusivamente, todos os esforços, todos os sonhos, todas as combinações do seu ser pensante e observador, a pintura, n'aquelle momento, não era para elle mais do que um officio odioso e vão, uma chimera desprezivel!... A pintura! Mas era ella talvez a causa das suas desgraças... E sentiu um arrepião correr-lhe por sob a pelle. A pintura!... Sim, sacrificára-lhe o amor de sua mulher e o estremecimento por seu filho! Durante algumas horas abysmou-se n'este pensamento horrivel, e convenceu-se, que, se em vez de ser pintor, fosse alfaiate, advogado, escripturario, qualquer coisa, esses dois entes que perdera, que matára — porque estava certo de que os matára — viveriam ainda!...

— Perdão, meu Jorge! meu Jorgesinho! Fui um mau pae... não te amei o bastante... Se eu te tivesse junto de mim, sempre, a todas as horas... talvez... Ah! é espantoso!

E abraçava o filho, procurava aquecel-o.

As lagrimas desprendiam-se-lhe sobre o rigido cadaver do pequenino.

— Meu Jorgesinho! fui eu que te matei!...

De manhã, vencido pela fadiga, pelo enervamento do remorso, pelas torturas da emoção, adormeceu...

Quando despertou, o sol inundava o quarto mortuario de fulgentes coloridos...

Pallido, as palpebras abatidas, Eruez olhava o filho, longamente, dolorosamente...

— Que será de mim agora? suspirou elle dilacerado. Não me resta nada, nada.

Pouco a pouco os olhos perderam a sua expressão de dor, e pouco a pouco, esse olhar não havia muito ainda angustiado e humido, adquiriu essa concentração, essa tensão de todas as forças visuaes que fazem lucilar a vista do pintor quando se encontra em frente d'uma natureza que o interessa. E exclamou:

— Que tom!... Ah! sublime! Que tom!

Traçando em seguida, com o dedo, lentamente, um circulo aereo em que envolveu a fronte, a face do filho e uma parte da cabeceira, disse consigo mesmo:

— Como isto é bello, hein?... Mas que coisa unica?! A suavidade, a delicadeza de tudo isto. Ah! admiravel!

E indicava a sombra sobre o pescoço, uma sombra transparente, d'um roseo azul.

— E isto!...

Com o dedo percorria a fronte, os cabellos, a almofada.

— E a combinação d'isto!... d'aquillo!... e d'isto!

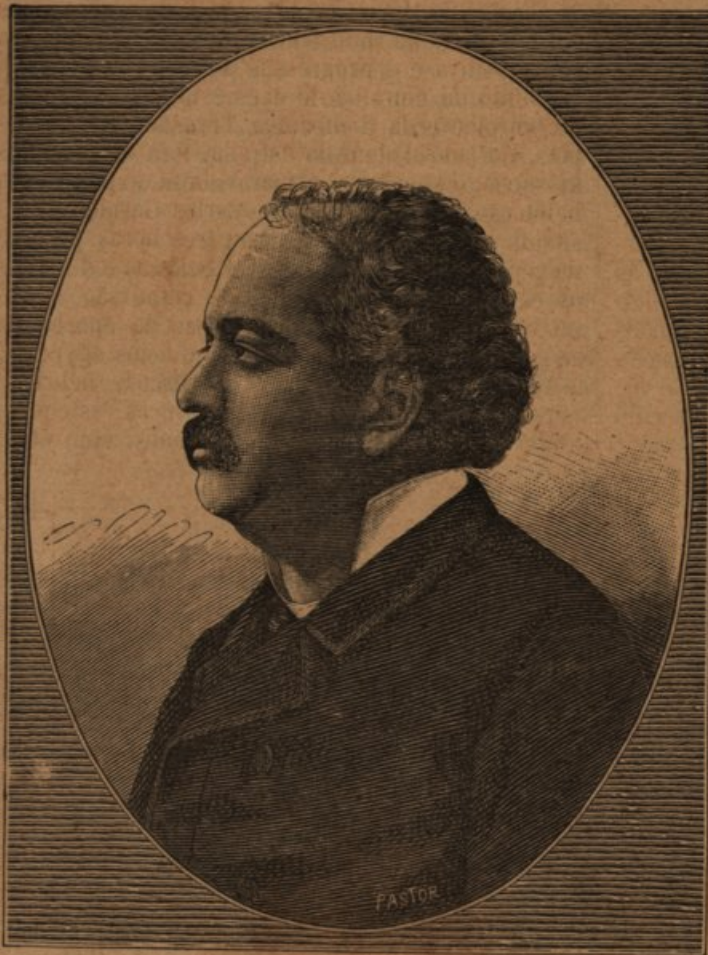
N'um largo movimento circulatorio passava a mão por cima do vestuario da creança, por cima do manto coberto de flores.

— E estes brancos! ah! os brancos d'isto!...

Eruez recuou, piscou os olhos, mediu com as duas mãos levantadas o espaço que o motivo podia dar na tela e disse:

— Uma tela de vinte!... E' suberbo. nome de Deus!...

Octave Mirbeau.



Antonio Augusto d'Aguar

Na primeira exposição universal de Londres, em 1851, a supremacia da arte industrial e do gosto artistico da França foi triumphantemente demonstrada. E a Inglaterra, sentindo perante este facto toda a gravidade d'uma ameaça formidavel na sua prosperidade economica, lançou activamente as bases a uma refôrma vasta e completa de toda a educação e ensino profissional.

O governo da Gran-Bretanha tomou nas suas mãos a direcção d'esse ensino; votou abundantes recursos a uma secção de administração publica — *Art-Department* — de novamente creada; multiplicou escolas de desenho por todo o reino; e fundou desde logo o museu de *South-Kensington*, no qual rapidamente pôde accumular os mais preciosos especimens da arte industrial do mundo inteiro. A rainha, a nobreza, a burguezia, despojaram as suas collecções para o enriquecer com as mais bellas obras, e a iniciativa particular comprehendendo o alcance patriótico e utilitario d'este esforço de reorganização secundou dedicadamente o movimento iniciado.

Dado o grito de alarme, a agitação propagou-se por toda a Europa e pela America; e em todas as nações, Allemanha, Belgica, Austria, Italia, Suisa, Suecia, Russia, e nos Estados-Unidos, etc.; se estabeleceu a emulação e essa lucta sem tre-

guas, em que ha quarenta annos se empenham todas as nações cuidadas do seu futuro, temerosas do desfalque economico que cahirá sobre aquella que deixar atrazar-se.

A serie de refôrmas progressivas, de institutos de diversa natureza e de sabias providencias legislativas não tem cessado, de anno para anno, de prodigiosamente desenvolver, elevar e fortificar o ensino operario e o regimen da aprendizagem.

Todavia ao passo que em todas as nações o ensino profissional era objecto de cuidados incessantes, de discussões e dos mais energicos esforços, impulsionando os progressos industriaes pela multiplicação das escolas, e pela fundação de museus, etc., este bom paiz conservava-se estranho a todo esse alvoroço, e deixava correr à revelia, com uma imprevidencia cega e deploravel, o mais portentoso esteio das sociedades modernas — a educação do trabalho.

Foi no meio d'esta somnolenta immobilidade que uma voz previdente bradou pelas paginas d'um livro, e, como uma advertencia solemne, foi escutada em silencio, n'uma grande impressão de surpresa. Esse livro intitulava-se: *Reforma do ensino de desenho, etc.*, por Joaquim de Vasconcellos, 1879.

Pela proficiencia com que era tratada a questão sob todas as faces da sua resolução pratica previa-se bem, e os factos o confirmaram, que estava ali um agente activo e poderoso de refôrma, que não podia deixar de actuar nos es-

piritos mais impassiveis e de despertar para o grande problema as attenções dirigentes.

E na verdade poderá dizer-se que em Portugal nunca um livro destinado á propaganda d'uma idéa exerceu uma tão poderosa e rapida influencia sobre os destinos da nação!

Antes de decorridos cinco annos foram creadas *escolas industriaes* e *de desenho industrial, museus*, etc.; e o decreto que as estatue é assignado por um homem que no parlamento e na cathedra de professor tinha evidenciado os seus raros dotes de energia fecunda, e de superioridade de entendimento: Antonio Augusto de Aguiar.

Não sabemos como politico quaes os feitos a que ligou o seu nome, ou quaes os serviços que o baixo conluio dos bandos e dos egoismos tenha registrado em seu favor. O decreto de 4 de janeiro de 1884, por si só, é sufficiente para o recommendar á gratidão publica e para que o seu nome seja conservado com honra entre os mais prestimosos homens d'estado, cuja iniciativa soube ser util ao paiz, lançando os germens a uma instituição, — a unica que poderá obstar a esta depauperação progressiva que nos anemisa e corrompe os caracteres na submissão das dependencias, da intriga e do emprego publico.

## A Exposição de Paris

### I

#### VISTA GERAL DO CAMPO DE MARTE

Nada mais esplendido e mais cheio de phantasia do que este vasto Campo de Marte, transformado hoje n'um soberbo panorama de todas as coisas uteis e de todas as coisas bellas do nosso seculo. A industria e o bom gosto dão-se as mãos n'um abraço fraternal. E Paris a cidade augusta do Progresso ufana-se em demonstrar mais uma vez o poder do trabalho e da arte n'este fim do seculo da revolução e da sciencia.

— as obras primas da Arte contemporanea e as obras primas da industria moderna. É a historia retrospectiva dos progressos da Humanidade.

Junto da muralha do caes estão os panoramas do petroleo e da Companhia Transatlantica, e depois, do lado d'alem da estrada, fóra da linha dos kiosques, estende-se a maravilhosa exposição da habitação humana, devida a Carlos Garnier. O visitante tem de passar duas ou tres horas perdido na contemplação de todas essas bellezas e de todas as curiosidades ethnographicas, como são as habitações dos troglodytas, as casas da epocha da renna, as cidades lacustres, os edificios egypcios, assyrios, hindús, phenicios, etruscos, hebreus, persas, gregos, italianos, hunos, incas, asteques, arabes, japonezes, russos, byzantinos, etc., etc.;



A TORRE EIFFEL VISTA A DISTANCIA DE TRES KILOMETROS

\*

No Campo de Marte temos a considerar o seguinte:

- A torre Eiffel, a grandiosa maravilha de ferro;
- os jardins e as fontes monumentaes;
- os palacios das Bellas Artes e das Artes Liberaes;
- o palacio das Machinas;
- e o zimborio central.

\*

Apenas transpomos a ponte d'Iéna estamos em pleno coração da Exposição. Por toda a parte os nossos olhos não repousam senão em maravilhas

emfim, de todos os modelos de architectura em todos os povos selvagens e civilizados.

Estamos depois em frente da torre Eiffel.

A grande massa de ferro arrendado esmagamos. O monstro ergue a cabeça até ao azul, n'uma attitude arrogante de deus vencedor. Vamos, meus senhores! chapeu na mão. É necessario saudar o grande monumento da era futura, o triumpho do ferro, o ferro que é a alavanca do seculo XX.

\*

Entre a torre e os Palacios de Bellas Artes e Artes Liberaes, e entre a torre e o zimborio central — ficam os magnificos jardins onde se acham as tão famosas fontes luminosas que são o encanto

e o assombro de todas as festas da noite, na Exposição. A fonte monumental, obra do sr. Saint-Vidal é sem duvida uma das mais bellas coisas a ver no Campo de Marte. Os *terrasses* do jardim são do estylo Luiz XIV e fecham completamente as grandes toalhas de verdura onde aqui e ali se se veem kiosques de refrescos, de jornaes e de tabaco.

Por detraz da grande fonte, proximo do zimbório acha-se a estatua monumental da Republica que em breve vae ser transportada d'ali para a Praça das Nações.

Mas é necessario continuar ainda a nossa visita a todo o Campo de Marte. Desejamos que os leitores que tencionam vir a Paris aproveitem o mais possivel das nossas indicações.

No espaço que separa o grupo das fontes luminosas do zimbório central, vemos dois pavilhões parallelos — é a exposição especial da cidade de Paris, isto é, a exposição do municipio e das diversas dependencias do Hotel de Ville.

Deixamos á nossa direita, o pittoresco e curioso grupo das construcções das republicas americanas, e do Brazil. É entre este delicioso grupo de palacios e pavilhões que se encontra o globo terrestre, o pavilhão do Suez, com o modelo do canal em relevo e illuminado á noite com todos os pharoes.

Á esquerda da torre, temos o palacio da Companhia do Gaz, manufactura de tabacos, joalharia hollandeza, pavilhão das ruinas das Tulherias, o theatro das *Folies Parisiennes*, o pavilhão do Principado de Monaco e em face o pavilhão dos pastelistas.

Estamos agora á entrada do palacio de Bellas Artes — occupado no rez do chão pela escultura e por algumas secções estrangeiras. Mas o tempo é-nos precioso e Roma, como diz o dictado, não se fez n'um dia. E' necessario correr tudo a *vol d'oiseau*, porque d'outra fôrma occupariamos dezenas e dezenas de columnas de prosa sobre cada pavilhão.

\*

#### O zimbório central!

Uma verdadeira maravilha, tão grandiosa e tão bella como a torre Eiffel, e como o palacio das Machinas. Ficamos como assombrados em frente d'essa fachada tão rica d'oiro e d'azul. É obra de Mr. Bouvard, o architecto da Exposição. E podemos afirmar que é o mais formoso trecho d'architectura decorativa que temos visto, desde que percorremos o estrangeiro. Em nenhum monumento de Londres, de Bruxellas, da Italia moderna ou da Hespanha contemporanea encontrámos já coisa que se podesse comparar a este zimbório tão refulgente d'oiro e de côres vivas.

Entramos no zimbório; — parece que nos achamos no interior d'uma basilica byzantina. Falta simplesmente ouvir as vozes lyricas do órgão e respirar o perfume catholico do insenso. As decorações das paredes são do mais acabado bom gosto artistico. Esmaltes, tapeçaria, vidro de côres, vidros goticos, bronze fundido, renda d'aço, faiança

colorida, mosaico como só o podemos encontrar em S. Marcos em Veneza ou nos museus de Florença, — tudo se encontra ali a mãos plenas, espalhando no conjuncto da obra a riqueza de todo um seculo.

Segue-se depois a galeria de 30 metros que se conserva aberta de noite, illuminada por milhares de focos electricos. É esta galeria que dá passagem para o grandioso palacio das machinas.

Do lado direito ficam-nos 7 portas que nos dão comunicação com os seguintes grupos francezes da Exposição:

- 1.<sup>a</sup> porta — ourivesaria;
- 2.<sup>a</sup> porta — ceramica, christaes e vidros;
- 3.<sup>a</sup> porta — moveis;
- 4.<sup>a</sup> porta — tapetes e obras de decoração;
- 5.<sup>a</sup> porta — relojoaria, marroquinaria, perfumaria, papeis pintados;
- 6.<sup>a</sup> porta — bronzes d'arte e ferro;
- 7.<sup>a</sup> porta — exploração de minas e apparatus de brazeiro.

Do lado esquerdo ha outras 7 portas que nos dão comunicação com os seguintes grupos industriaes da secção franceza:

- 1.<sup>a</sup> porta — joias e *bijoux*;
- 2.<sup>a</sup> porta — fatos e vestidos para ambos os sexos, rendas, etc.;
- 3.<sup>a</sup> porta — sedas, botões e accessorios;
- 4.<sup>a</sup> porta — tecidos de lã e d'algodão;
- 5.<sup>a</sup> porta — armas portateis, tecidos de linho, productos agricolas não alimenticios, pinturas de tecidos, carros e carroagens;
- 6.<sup>a</sup> porta — exploração florestal, caça e pesca, productos chimicos, coiros e pelles;
- 7.<sup>a</sup> porta — exploração de minas.

\*

Ponhamos só para o fim do nosso artigo o palacio das Machinas. Vamos seguir pelo lado direito das galerias até entrarmos no palacio das industrias estrangeiras e encontrar o palacio das Artes Liberaes.

Este bello monumento faz *pendant* com o palacio das Bellas Artes. Fôra, quer d'um lado quer d'outro, são tudo cafés e restaurantes. Ha-os para todos os preços e sobretudo para os mais caros.

Dentro do palacio das Artes Liberaes, temos a historia retrospectiva do trabalho, dividida n'um grande numero de salas, consagradas umas á Anthropologia, outras á Ethnographia, e outras depois ás diversas cathogorias do trabalho, artes e misteres. Este curioso trecho da Exposição, sem duvida um dos mais instructivos, merece uma visita longa e aturada.

\*

Este artigo vae já demasiadamente longo e só temos passado, ao de leve, sobre as mais formosas maravilhas d'esta grandiosa Exposição de Paris. No entanto ainda nos não occupámos do palacio das Machinas — que é um dos grandes monumentos d'architectura em ferro que tem apparecido até hoje.



Os pilares e a cobertura d'esta enorme galeria pezam 10 milhões e 403:000 kilos! A immensa sala mede 61:500 metros de superficie e tem de capacidade cubica 2 milhões 767:500 metros!

Dentro d'esta galeria monstro encontram-se todas as machinas modernas dos ultimos systemas conhecidos — a fina flor da mechanica e o *non plus ultra* dos grandes agentes do industrialismo, quer na França, quer na Inglaterra, quer nos Estados Unidos, quer na Belgica, quer na Suissa e quer na Austria, — que são hoje os primeiros paizes industriaes do mundo.

Eis uma visita rapida ao Campo de Marte, para a qual são necessarios alguns dias.

Paris.

Xavier de Carvalho.

### Carteira d'um latino

#### NO CAMPO

Era de madrugada e, sobre a terra da caridade christã, cahia uma geada melancholica.

São tristes as madrugadas nevoentas do inverno; as estradas encharcadas; as arvores lacrimando sobre os muros estreitos e longos.

Guiava o carro um pequenito; as mãos roxas, tiritando de frio.

Ao passar o regueiro cahira sobre as pedras, e o lavrador, que vinha atraz, scismando tricas e demandas, dera-lhe com o fueiro nas costas para o ajudar a erguer.

#### NA CIDADE

Ouvi gemidos atravez da porta.

Era uma loja baixa, ensebada e escura.

Vendiam-se alli as falsificações de primeira necessidade: o azeite, a manteiga, o sal, o assucar.

Ouvi gemidos atravez da porta.

Chorava o marçano, um pequenito de dez annos; rosto pallido; o peito cavado; os olhos e os labios, denunciando a febre.

Enfezadito, como outros muitos, á força de miserias e pancadas, na terra da caridade christã.

O patrão fazia-o erguer de noite; mandava-o á agua; um enorme cantaro á cabeça.

Quando a mãe, lá na aldeia, soube o quanto soffria o pequenito, veio por ahi abaixo. Esperava-o na fonte e levava-lhe o cantaro a casa.

Só á porta é que o rapazito — upa! upa! — muito a custo, supportava á cabeça aquelle peso esmagador.

O patrão lobrigou um dia o lôgro sublime.

Bateu nos dois. A mãe foi-se resignadamente, piedosamente, para a terra.

O pequenito chorava atraz do balcão; o grande cantaro ao lado.

#### NA OFFICINA

Quando o Carlitos Mendes chegava á fabrica um pouco mais tarde — porque morava muito longe e a queixa de peito turbava-lhe o curtissimo repouso — o fiscal dava-lhe bolos com uma palmtoria. Se o homem bebêra ou lhe correram em casa mal as coisas, então dava-lhe tantas, tantas, que lhe rasgava as mãos, ao rapazito. Naturalmente não podia trabalhar senão devagar; os companheiros faziam-lhe tractos; chamavam-lhe *mandrana*; contavam diante d'elle historias ignobeis. Uma manhã o Carlitos não appareceu. O fiscal preparava-se para lhe dar «uma ensinadella mestra», quando lhe vieram dizer que — mesquinho de compleição e ao peso das violencias — o Carlitos cahira de cama, e mal, muito mal.

Oh! os pequeninos companheiros de Christo! Como elles são tratados na terra da caridade Christã!

Olympio.

### Curiosidades

Singularidades de character e de habitos de alguns grandes homens:

Bourdaloue tocava uma aria de rebecca antes de subir ao pulpito.

Edgard Poë trabalhava embriagado.

A Bacon dava um desmaio quando havia eclipse da lua.

Bayle tinha convulsões quando ouvia ruido de agua sahindo por uma torneira.

Pascal julgava ter sempre ao seu lado um precipicio aberto.

Lalande comia aranhas.

Cujas trabalhava deitado por terra.

Buffon não escrevia senão em trajo de côrte e convenientemente empoado.

Casimiro Delavigne compunha passeando e fazia todas as suas peças de memoria.

Malebranche via sempre um gigote na ponta do nariz!

E' considerado como o maior pinheiro manso do paiz um que existe nas proximidades da Covilhã. A pequena altura do solo mede o tronco seis metros e sessenta centimetros de circumferencia; o tamanho é enorme, a copa, muito larga, começa a grande altura.

Para se isolar durante as tempestades electricas, um inglez excentrico e rico mandou construir em sua casa, em Londres, um aposento todo de vidro. São de vidro as paredes, o sobrado e o te-

cto. De vidro é também a cama, a meza, as cadeiras, o armario, o fogão e o relógio.

Para completar esta estranha mobília só falta que a roupa da cama seja de vidro... Pois o timorato inglez ainda espera conseguir esse aperfeiçoamento para o seu original aposento, com a recente invenção dos tecidos de vidro.

## Recreações

N.º 7

### PERGUNTA CURIOSA

Qual é a idade mais propria para a mulher casar? — porque?

N.º 8

### PROBLEMA

Determinar por um calculo facil que dia da semana foi o dia 31 de agosto de 1786.

N.º 9

### PROBLEMA

Formar com 15 linhas eguaes cinco quadros eguaes, juxtapostos de tal fórma que, supprimindo tres das linhas, fiquem apenas tres quadros.

As respostas e soluções serão publicadas no n.º 5.

Respostas, soluções e decifrações correspondentes ao n.º 1

N.º 1 — (Pergunta curiosa)

Recebemos grande numero de respostas á pergunta curiosa feita no 1.º numero. Não podendo por falta de espaço publicar-as todas, reproduziremos apenas algumas.

Os poetas A. N. e F. S. mandaram-nos versos cheios de boas intenções; A. N. um soneto — *A Felicidade*, que tem 14 versos errados e F. S. uma serie de quadras em que ha 16 versos certos; — os 48 (!!) restantes em que o poeta pergunta ás aguas correntes, á nuvem *que turva o azul purissimo do ceu*, á brisa que faz estremecer a folhagem, e ás outras cousas mudas que fallam aos poetas lyricos — onde está a felicidade, são todos, mais ou menos, mal medidos. Na nossa opinião a epocha mais feliz é a que atravessam os nossos estimados poetas, por que é de *Felicidade sem medida*... Perdoe-me Mendonça e Costa.

A melhor epocha da vida é aquella em que se é solteiro, — porque se não tem sogra. Se os senhores souberem o que é ter sogra!

*Um genro.*

Difficil a resposta! No entanto ahí vae o que eu sei por experiencia propria... O dia mais feliz, — ai de mim, digo só o dia — é o do noivado, porque até a sogra dá bons conselhos...

*Um marido desconsolado.*

\*

Fallou a Esphinge; respondem pela posta os Oedipos de chapéu de côco.

Ainda agora se pergunta qual a idade mais feliz da vida?! — Ora, obrigado!

Já o disse Santo Agostinho:

— *Gaudet aetas in foemina!*

E' garantido e insuspeito! Vejam lá!...

Agora — o porque? —

Que pergunta!...

Por isso mesmo! Porque é que o opio faz dormir? — *Quia habet virtutem dormitivam!*

*Um seminarista em ferias.*

\*

A melhor epocha da vida é a epocha em que se recebe o ordenado com regularidade, porque, com quanto pequeno, — sempre é alguma cousa...

*Um professor de instrucção primaria.*

\*

Responde a experiencia de um velho. A epocha mais feliz da vida é a velhice, se com ella vem a surdez, que impede de ouvir perguntas tolas.

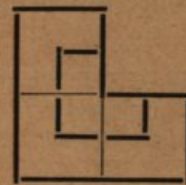
*Um velho.*

\*

A melhor epocha da vida! ora, a melhor epocha da vida é quando se está morto... porque? já se sabe, pelo descanso!

*Calino.*

N.º 2 — (Problema)



N.º 3 — (Problema)

Chamemos  $n$  o numero de pontos marcados na circumferencia; de cada um d'estes pontos se podem tirar para os outros  $(n-1)$  linhas, e dos  $n$  pontos  $n(n-1)$  linhas. Notando porem que as linhas assim tiradas se sobrepõem duas a duas, deduz-se que o numero de linhas diferentes será  $\frac{n(n-1)}{2}$  ou  $\frac{n^2-n}{2}$ .

Egualando esta expressão a 435 deduz-se ainda que  $n^2 - n = 870$ .

870 é portanto um numero igual a um quadrado perfeito menos a raiz d'esse quadrado. Ora o quadrado immediatamente superior é 900, igual a  $30^2$ , que é tal que  $30^2 - 30 = 870$ . Portanto o numero procurado  $n$  é igual a 30.

Verificação. Applicando este resultado á formula temos  $\frac{30 \times 29}{2} = 435$ .

N.º 4 — (Enyigma) — Januario.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

COIMBRA, TYP. DE M. C. DA SILVA

# JORNAL PARA TODOS

27 de julho de 1889



OS DOIS AMIGOS

Quadro de Columbano Bordallo Pinheiro

### Os dois amigos

O quadro de Columbano Bordallo Pinheiro, reproduzido pela gravura de Severini, põe em relevo de um modo verdadeiramente encantador a extraordinária predilecção dos animaes pelas creanças. Vê-se que a rapariguita paga na mesma moeda ao seu cão amigo, que a defende e protege.

O extraordinario carinho com que os animaes tratam as creanças tem sido por vezes aproveitado, fazendo d'aquelles guardas vigilantes sempre attentos á minima distracção e intervindo com cuidados e atenções verdadeiramente humanas, que surpreendem, mesmo da parte de alguns animaes que estamos habituados a considerar como menos intelligentes. Quem imaginaria que o elephante, esse monte de carne, figura antediluviana e de movimentos desengraçados, faria o mister de ama secca com um cuidado e attenção que *amorès* militares não deixam por vezes ter ás suas congeneres de especie humana?

Franklin conta que na India viu uma mulher confiar a guarda de uma creança a uma d'estas gigantescas creaturas.

O elephante tomava o caso a serio, e como a creança não gostava de estar muito tempo na mesma posição, acontecia que tropeçava nas pernas do animal ou se perdia e embaraçava nos ramos d'arvore de que elle se nutria; elle então livrava-a, quer levantando-a com a tromba, quer afastando os obstaculos. Se, por acaso, a creança passava o circulo d'acção do animal, que estava preso por o pé, o elephante estendia a tromba e puxava a creança com tanto geito como delicadeza.

O elephante e o cão são talvez os unicos animaes a que se pôde entregar uma creança, porque a protegem como se seus donos estivessem presentes.

Q. C.

### O concurso do quadro historico

A Camara Municipal de Lisboa acaba de, pela segunda vez, excitar o talento dos artistas portuguezes a um novo concurso de pintura historica. Agora não é a *Partida de Vasco da Gama para a India*, é *Martim de Freitas verificando na cathedral de Toledo o fallecimento de D. Sancho II*. Reminiscencias do *Duque de Gandia* ou *Joanna a louca*... A forma verbal da enunciação dá, como se vê, um dislate; mas supponhamos que está bem! Quer dizer: a Camara de Lisboa nutre a mais ardente e sincera convicção de que para impulsionar a arte em novos caminhos e rasgar horisontes vastos á inspiração e ao genio, bastam duas cousas bem simples: um thema epico de historia patria e acenar á cubiça dos artistas com tres contos de réis em metal sonante!

Pondo de parte tudo o que possa haver de louvavel e patriotico n'esta conjectura, exami-

nemos o que ha de racional e de pratico no plano de operações adoptado para o exito da portentosa aventura, a que a Camara se abalança: a vivificação da arte nacional!

Assentemos que uma grande fecundidade de talento anda derramada por essa pleiade de jovens artistas, cujas lóas de glorificação enchem frequentemente os noticiarios das gazetas.

Artistas que cultivam todos os differentes generos, trabalhando em plena liberdade: a escolha do assumpto determinada pelos seus estudos e o seu temperamento, suggerida pelo seu gosto e a sua indole. Assim deverão fazer obra de predilecção, — com consciencia e enthusiasmo.

A camara n'este entrementes medita; considera-os extraviados por inglorias viellas e o que pretende? Abrir regos a todas essas veias de aptidão e canalisa-las n'uma grande caudal para os dominios da pintura historica!!

Fez a primeira tentativa: o resultado desastroso d'esse concurso devia ter-lhe aberto os olhos e evidenciado experimentalmente a veracidade de uma lei historica. Chega a ser incomprehensivel, por absurda, uma tal attitude. A municipalidade propõe-se animar a arte, e porque reconhece que a pintura historica é o genero que menor numero de cultores encontra n'este paiz, é n'elle precisamente que insiste com uma renitencia pavorosa, com uma obcecação puerilmente caturra!

Seria um phenomeno novo, um prodigio nunca visto, que pela simples vontade d'uma corporação, d'um momento para o outro, surgissem artistas capazes de emprehender e executar a grande e bizarra obra que se lhes exige. Não se improvisam artistas e a historia da arte de todos os paizes e das epochas mais gloriosas, largamente certifica que nunca a arte, desde a antiga Grecia até hoje, se engrandeceu ou seguiu o caminho d'ante-mão traçado pelo arbitrio de esforços individuaes; mas simplesmente pelo conjuncto de circumstancias, dimanadas das ideias dominantes, do gosto e até das preocupações do publico.

A influencia dos *Mecenas* sobre os destinos da arte está hoje desmentida ou reduzida a dimensões bem mesquinhas, n'uma meia duzia de memorias eruditas.

Pretender submettel-a ás regras da disciplina e da protecção, marcar-lhe a orientação e o itinerario é desconhecer as condições fundamentaes e essenciaes da sua evolução. Não o tem conseguido durante seculos as academias officiaes!... A arte desenvolve-se n'um ou n'outro sentido pela força irresistivel das vocações sob a acção, não de um facto exulado, mas de forças sociaes e mentaes, complexas, estaveis e coincidentes. É, n'um dado periodo, a resultante geral das condições moares em que a sociedade se encontra: isto é, do modo de comprehender, de ver, de sentir.

Se nada está preparado para a inauguração da nova phase artistica que a Camara ambiciona, que leviana fantasia é esta de propôr um thema que exige predisposições especiaes, estudo aturado, uma singular erudição historica e a philosophica concepção dos personagens e das epochas! Para

fazer uma obra de grande caracter, de estylo, não basta a aptidão e a aquisição material dos processos, é necessaria a posse consciente e lucida de si mesmo na vastidão nebulosa do assumpto.

Que elementos tem o artista portuguez para a evocação mental do episodio; para a veracidade da decoração e dos accessorios, da exactidão scenica e local, como hoje se exige n'estas grandes paginas de arte?

Sobre que factos anteriores fundamenta a municipalidade a expectativa de que encontra concorrentes de musculatura possante para metter hombros a uma tal empresa! Onde estão as telas representando as grandes e tocantes scenas, os sentimentaes dramas da historia portugueza, produzidas pelos artistas da actual geração?!...

Impôr-lhes de assalto uma exigencia que tão arredia tem andado das predilecções, dos estudos e das tentativas dos nossos artistas, não é proteger a arte; é levantar um funesto estorvo á sua natural e espontanea florescencia. E' desencadear a furia mordaz dos criticos e lançar a desanimação no espirito dos estudiosos. A magestosa simplicidade, a franqueza, a audacia, que imprime vida e energia ás modernas composições historicas de Pradilla, Plasencia, Ybañez, Rosales, Carbonero, etc., só a possuem os grandes executantes, cujo temperamento é fortemente robustecido na longa e laboriosa educação dos ateliers, dos museus, das galerias.

Depois de penosas e pacientes substituições e arranjos, o mais que os secundarios darão, á falta de recursos vivificantes, é uma peça ostentosa-mente theatral para fugir á banalidade, com exaggerações calculadas e effeitos adrede para deslumbrar as massas. Uma cathedral de Toledo de scenario de barracão e os personagens de convenção com tanta verdade historica como a cathedral; trages de comparsas d'opera-comica, de lithographias á Sendim.

Um poema de receitauario com *ficelles e trucs* para a simulação da originalidade.

Será d'esta fôrma que a Camara fica satisfeita? Isto é grave e delicado!...

E depois do supremo esforço intellectual, não poderá dar mais o artista escravizado por um assumpto que lhe não pertence. Depois virão os juizos cegos, injustos e atrabiliarios da critica indigena...

Poderia ser esta a fôrma de animar as industrias: a arte é outra cousa. São necessarios outros processos mais morosos e indirectos, mais profundos e mais seguros.

Abra-se o certamen e assegure-se uma recompensa digna, adjudicada ao melhor quadro, que mereça os suffragios d'um jury indiscutivel. Que importa que a obra laureada seja *Vasco da Gama* ou *Martim de Freitas!* Sempre as preoccupações theoricas, a filaucia aprumada da rhetorica a obcecar o espirito lusitano e a prejudicar as intenções reformadoras!

Que tem que a obra laureada seja um assumpto sacro, um quadro de genero, paisagem, marinha, interior, animaes, fructos, flôres?... Que tem

isso, com tanto que seja, á escolha do artista, uma concepção bella, fresca e tocante, segundo o seu sentimento, a sua inspiração e a sua personalidade?

Que tem que seja *grand-machine* de tres metros, — ou de tres palmos?!...

No estado de anemia em que n'este momento nos encontramos, quando os poderes publicos achem por conveniente intervir, o methodo unico a seguir, para despertar o estimulo e o incitamento, não é por concurso e encomenda, ha de ser por *acqui-sição*. E não serão tres contos: serão trinta e serão trezentos...

D'outra fôrma tudo isto é illusorio e fatuo: vergonhoso para o paiz e humilhante para os artistas!...

Conta-se que Napoleão escrevera um dia ao seu ministro do interior:

«*Monsieur Champagny, la litterature a besoin d'encouragements. Vous êtes le ministre; proposez-moi quelques moyens pour donner une secousse à toutes les differentes branches des belles-lettres...*»

Ora o actual concurso com todos os seus accessorios ornamentaes, sobre os quaes paira a Camara, não com as azas de volatil abertas, mas com a cedula de tres contos na mão, parece-me bem mais picaresco, que a ridicula ordem imperial...

A. G.

## Cantigas

Tinha uma bilha tão linda,  
Valia tanto dinheiro,  
Foi uma vez, e partia  
Na fonte do castanheiro.

\*

Vou pelo Mondego abaixo,  
Vou a chorar sobre as aguas,  
E as aguas levam meu pranto  
Mas não levam minhas maguas.

\*

Tenho sede, estou cançado,  
Já não me posso mexer,  
Vae encher a bocca d'agua  
P'ra me dares de beber.

\*

O tamanho da tua cinta  
Já p'ra mim não é segredo,  
Pois o cós do teu vestido  
Serve d'annel ao meu dedo.

\*

Minha mãe e minhas manas,  
No dia que eu me casar,  
Enchem-me a cama de rosas  
Pr'o meu amor se deitar.

Manuel.



GUSTAVO EIFFEL

## A Exposição de Paris

## II

## A TORRE EIFFEL

Eis o grande *clou* da Exposição! A torre Eiffel apenas — só ella de per si — valia bem, com franqueza, uma viajata a Paris, por estes dias festivos de sol e de glorificações officiosas. Por isso é que o indigena, venha elle de Maçãs de D. Maria ou das regiões inhospitas da Beira, o seu primeiro cuidado, mal poisa o pé no *boulevard*, é seguir em direcção do Campo de Marte, para fazer a ascensão da torre Eiffel, e ali fica embasbacado diante de Paris e dos seus arrabaldes em 15 leguas em redondo, admirando as cupulas doiradas das egrejas e dos grandes *clubs*, os pittorescos *squares*, as extensões verdes do Bois de Boulogne, de Saint Cloud, de Vincennes, de Fontenaibleau, em vastissimo panorama, unico no mundo, que só podemos contemplar do alto dos 300 metros da famosa maravilha de Mr. Eiffel.

E depois apenas esse pobre indigena retoma de novo as malas em direcção aos patrios lares, onde o esperam raivosos e sedentos de curiosas novas a esposa e meninos, em quanto o papá retoça pelas *brasseries* excentricas do bairro latino; — e depois, como iamoz dizendo apenas o pobre viajero poisa a veneranda planta no solo natal, no fundo d'uma villoria de Traz-os-Montes ou Beira Baixa, é ver então como a botica se despovôa e corre de braços abertos para o feliz explorador das gloriosas paragens civilizadas; chovem as perguntas, que tal achou você a exposição? e a galeria das machinas? e a nova Bastilha?

Mas dominando todas as perguntas, dominando todas as curiosidades e dominando todos os as-

sumptos que nos preoccupam de Paris — a torre Eiffel é que é o objecto de todos ataques em fórma da curiosidade indigena. E o pobre viajero não tem outro remedio senão descrever ali com todos os *ff* e *rr* as ascensões que fez, se subiu pela escada de caracol ou se pelos elevadores, se esteve no *Figaro* da 2.<sup>a</sup> plataforma, como e por quanto jantou no restaurante franco-russo, a viagem até ao ultimo ponto da torre, o panorama qua ali se desfructa, terminando o seu aranzel com a descrição do bonito pensamento que deixou escripto a giz n'uma das barras de ferro da torre: *estás lá ou és de gesso?* ou *estás no fundo do bahú?*

Eis, em traços rapidos, a cruel chegada do provinciano de volta de Paris, entrando triumphante, de mala na mão, pelo club da aldeola natal — a botica.

\*

Para levantar um monumento d'esta importancia, que representa o peso total de 9 milhões de kilos, foi necessario construir um fundamento solido, sobretudo no local escolhido, que é nas margens do Sena, n'um terreno apresentando na parte inferior uma camada d'argilla plastica.

A parte metallica da torre repousa sobre quatro pilares de cantaria, collocados nos quatro angulos d'um immenso quadrado de 100 metros de lado, tendo um lado paralelo ao Sena. Depois das sondagens reconheceu-se que as duas pilastras de traz podiam ser assentes em terra firme, que se encontrou a 7 metros de profundidade. Esta fundação foi feita sem difficuldade ao ar livre, com *béton* e cimento de dois metros d'espessura.

Nos dois outros pilares situados mais na margem do Sena, a fundação teve de ser estabelecida por meio d'ar comprimido. Os fundamentos da torre, d'este lado acham-se a 5 metros abaixo do nivel da agua.

Sobre os fundamentos levantaram-se as monumentaes pyramides de cantaria, sobre as quaes se ergueram depois as ossaturas metallicas do grande monstro.

A estabilidade da torre está segura e completa pelo seu proprio peso, e não ha a temer o menor transtorno quer na parte metallica, quer na parte da cantaria.

O trabalho da montagem dos arcos, *rivets*, enlaçamento do ferro, travessas e mais engrenagem d'essa complicada rede de ferro foi executado simultaneamente nas quatro pernas do grande arco da torre — até 26 metros. Mas d'esta elevação em diante o trabalho da montagem foi diverso, porque a essa altura o centro de gravidade do *ensemble* começava a projectar-se fóra da base.

Foi então que principiaram os enormes andaimes em madeira, de fórma triangular, estabelecidos até ao acabamento da primeira plataforma — que foi uma das grandes difficuldades da torre.

Não obstante a precisão dos calculos, Eiffel tinha previsto que a junção dos quatro arcos não se podia realisar, sem primeiro fazer manobrar os quatro pilares afim de poder conseguir uma posição rigorosa. A solução d'este proble-

ma foi habilmente encontrada na origem mesmo da construcção.

Todo este trabalho mechanico, fundado em grandiosos calculos mathematicos é uma honra para M. Eiffel.

Ser-nos-hia difficuloso fazer aqui a historia de todos os processos scientificos empregados pelo

A torre Eiffel occupa mais d'um hectare de superficie. O seu eixo é inclinado a  $45^\circ$  sobre o meridiano; e os quatro pilares que supportam a torre encontram-se collocados exactamente nos quatro pontos cardiaes.



A TORRE EIFFEL VISTA DO LADO DA PONTE DE IÉNA

celebre engenheiro francez, na construcção do monumento que é hoje o assombro do mundo; nem mesmo auxiliados com os bellos artigos da *Nature* e da *Revue Scientifique*. O publico da nossa revista não é só composto de especialistas, e é necessario que a maioria dos leitores se não fatigues com longas *tirades* sabias.

Os trabalhos d'aterramento e fundação duraram 5 mezes e 3 dias. Os trabalhos da montagem das peças metallicas principiaram no fim de junho de 1887. Os guindastes que serviam para fazer subir as peças de ferro eram 4 monstros respeitaveis.

As ascenções á torre fazem-se por quatro sistemas d'ascensores :

Do chão ao 1.º andar ha quatro ascensores. Do 1.º andar ao 2.º ha dois, do systema Ottis e do 2.º até ao cimo ha apenas um do systema Edoux.

Todos esses elevadores permitem fazer subir n'uma hora 2:500 pessoas ao 1.º e 2.º andar, e 750 ao ultimo. No entanto a torre pôde conter doze mil pessoas nos seus diversos recantos, plataformas, escadas e ascensores!

Ha 1:350 degraus a subir. A maior fadiga é do 1.º ao 2.º andar, porque a escada é continua, incessante, em fôrma de helice. São necessarios 10 minutos para chegar ao alto do 2.º andar, onde se acha a typographia do *Figaro-torre-Eiffel*.

\*

## TARIFA DAS ASCENSÕES

|                   | Semana    | Domingos e festas          |                             |
|-------------------|-----------|----------------------------|-----------------------------|
|                   |           | Das 11 horas ás 6 da tarde | Antes das 11 e depois das 6 |
| Até ao 1.º andar  | 2 francos | 1 franco                   | 2 francos                   |
| Do 1.º ao 2.º.... | 1 »       | 0,50 cent.                 | 1 »                         |
| Do 2.º ao 3.º.... | 2 »       | 0,50 cent.                 | 2 »                         |

A ascensão completa custa 5 francos á semana. O preço pelos elevadores ou pela escada é o mesmo. Ha 16 *guichets* para a venda de bilhetes.

No 1.º andar, que tem 4:200 metros de superficie, ha 4 *restaurants* que podem conter cada um d'elles 600 a 700 pessoas. São o *bar flamengo*, o *restaurant russo*, o *bar anglo-saxão* e *restaurant* parisiense de Brébant.

Na 2.ª plataforma, ha um pequeno *bar* ou *cervejaria* e a *typographia* do *Figaro* em miniatura. A vista que d'ali se desfruta é já magnifica. O olhar espraia-se até Versailles, que fica a 6 leguas de Paris.

Na 3.ª plataforma que tem 277 metros quadrados podem estar á vontade 800 pessoas. E' fechada por vidraças moveis que garantem os visitantes das rajadas de vento. Junto da muralha ha binoculos e cartas topographicas de Paris. A impressão é grandiosa n'estas alturas. Ao norte vemos a floresta de Montmorency e os limites do Oise e da Somme, a 73 kilometros de Paris; ao sul a vista vae até Étampes, Brétigny, a 80 kilometros de Paris; o ponto mais afastado que se distingue bem é a floresta de Lyons a 100 kilometros de Paris.

No entanto é necessario saber que o publico não sóbe até aos 300 metros. Fica apenas a 276 metros e 13 centimetros. Para cima ha ainda o campanillo onde estão installados tres laboratorios, um d'astronomia, outro de meteorologia e outro emfim de biologia e do estudo micrographico do ar.

O pharol da torre tem uma potencia igual aos fogos de 1.ª classe estabelecidos nos postos. E' de 3:000 *ampères*. As projecções teem 75 kilometros de raio.

\*

A torre Eiffel é o monumento mais alto do globo.

Nossa Senhora de Paris tem 66 metros d'alto, o Pantheon 83 metros, a cupula dos Invalidos 105 metros, S. Pedro de Roma 132 metros, a cathedral de Strasburgo 142 metros, a grande pyramide 146 metros, a cathedral de Colonia 159 metros, a cathedral de Rouen 150 metros e o monumento de Washington, em Philadelphia, 169,<sup>m</sup>25.

É portanto a torre Eiffel, com os seus 300 metros o primeiro monumento do globo.

Mr. Eiffel é bastante conhecido em Portugal, porque foi o constructor da ponte Maria Pia, do Porto. É um homem de physionomia franca, olhos azues claros, barba toda e curta, cabelo sal e pimenta. Foi ultimamente elevado ao grau de official da Legião de Honra.

Quem escreve estas linhas dedicou ha tempos ao illustre engenheiro uma poesia intitlada *A torre Eiffel* — que veio publicada na *Illustração*. S. ex.ª enviou-nos immediatamente uma carta muito affectuosa d'agradecimento, que nós guardamos como uma preciosidade.

Paris.

Xavier de Carvalho.

## Pobresinha

— Sente-se ao vel-a, ás vezes, o delirio  
qué causa uma visão formosa e etherea :  
e tem o corpo fragil como um lyrio,  
e branco como as neves da Siberia.

Seu olhar comô a luz baça d'um cyrio  
illumina-lhe a face grave e seria.  
Tem no rosto cavado p'lo martyrio  
o sello funerario da Miseria.

Quando ouve ao longe a triste psalmodia  
dos monges a cantar a Ave-Maria  
na nave augusta e velha do mosteiro,

nas palpebras vermelhas e cançadas  
do pranto então as perolas sagradas  
banha do sol um raio derradeiro. —

M. A.

## Na estrada da vida

Dava-me immenso com um rapaz, um *blasé* resignado, farto de todas as miserias da capital, arruinado da saude, mas sempre dandy, sempre elegante, apparecendo invariavelmente no seu fauteil de S. Carlos ou de D. Maria. As nossas relações principiaram casualmente, sem a gente saber como, á porta da Havaneza. Nem por isso, porem, deixaram de ser menos sinceras ou menos duradouras.

Estimavamo-nos verdadeiramente, porque uma infinidade de particularidades, o genio, o caracter, os habitos, as opiniões, tudo concorria para



que não houvesse a menor discordia entre nós ambos. Sobretudo o que mais me agradava n'elle era a franqueza, esta adoravel franqueza que tem todos os artistas. Porque elle tinha sido artista, um artista atormentado, cheio d'aspirações, mas a quem milhares de circumstancias tinham desviado do seu destino.

No entanto nunca conheci ninguem mais bem dotado pela natureza, e causava realmente pena ver aquella intelligencia tão lucida, aquelle espirito tão bem orientado, perder-se completamente pela convicção profunda de que lhe seria impossivel realisar o seu ideal. Nasciam-lhe d'esta convicção crises de uma melancholia aterradora em que eu e a senhora passavamos o dia inteiro a distrahir-o no escriptorio.

Uma noite, ao voltar do theatro, elle sentou-se á banca no escriptorio, illuminou tudo á Musset, bizarramente, como para um baile, e principiou a escrever. As folhas brancas do papel ennegreciam-se rapidamente, no galope vertiginoso d'uma inspiração de louco, e era de balde que a senhora vinha por traz d'elle, n'uma caricia dolorosa, pedir-lhe que se fosse deitar. O desgraçado repelia-a bruscamente. Pela manhã, já dia claro, quando concluiu o seu imaginario trabalho, tomou a primeira folha e leu-a. Uma expressão de desdem infinito transtornou-lhe a physionomia, antes illuminada e transcendente, e tomando uma por uma as folhas escriptas, queimou-as todas. Só então é que se deitou.

No outro dia recebi no hotel um recado:— que elle me queria ver. Fui. Disse-me que ia morrer, que tinha gasto as ultimas forças no dia anterior, na ultima tentativa, e pediu-me que o fosse ver todos os dias. Mas como elle melhorasse alguma coisa, e as aulas na Universidade já tivessem principiado, parti para Coimbra. . . Dias depois no Lusitano, uma tarde, já quasi noite, vi no *Reporter*... o desgraçado morrer.

Pedi papel e tinta para escrever uma carta em que manifestasse á infeliz senhora, a viuva do meu amigo, a dolorosa impressão que o facto me causava, procurando consolal-a com as palavras que são d'uso dizer-se n'estas occasiões. Principiei a escrever-lhe, mas dominado pela emoção, a breve trecho enganei-me, risquei, amarrotei a carta e guardei-a na algibeira. Depois escrevi outra, já mais tranquillo, sobrescriptei-a tremulo e vim para casa na convicção de que tinha cumprido o meu dever.

Impressionou-me o não receber ao menos um cartão de agradecimento. Muito tempo pensei no motivo d'isso, mas nunca o pude descobrir. No fim do anno, depois de fazer acto, quando arranjava as malas para ir para casa, mettendo as mãos na algibeira d'um casaco encontrei um papel amarrado. Desdobrei-o, li-o. Era a carta que eu tinha começado a escrever seis mezes antes no Lusitano. Mas qual não foi o meu espanto, quando vi que a tinta era d'um vermelho côr de sangue. Ah! a dolorosa impressão que tive então, nunca a poderei descrever! Como a infeliz senhora se desgostaria, ella que era tão delicada e tão requintada, ella que o amava tanto, com aquella grosseria que eu

tinha commettido! E nunca mais lhe pude pedir desculpa, nunca mais, porque soube depois que ella fôra viver longe de Lisboa, n'uma quinta onde passara a sua lua de mel... e onde morreu.

Silvio.

### Curiosidades

As grandes desgraças succedidas nos theatros têm chamado a attenção dos competentes para ver se é possivel isolar completamente os espectadores do palco. O panno de ferro é conhecidissimo, e grande numero de theatros o têm adoptado. Ultimamente a Inglaterra julga ter descoberto um processo novo, o panno d'agua, *panno-Niagara* (the Niagara curtain). Consiste em cerca de 400 jactos d'agua, muito unidos na queda, de sorte que formem uma toalha d'agua atravez da qual as chammas difficilmente penetrarão.

Este curioso processo ainda que os inglezes o julguem, não tem nada, absolutamente, de original, porque, diz um jornal francez, já foi ensaiado no theatro das *Variedades*, em Paris, sendo certo que a sua efficacia não vale a do panno de ferro humedecido, em caso d'incendio, por grossos jactos d'agua descendentes.

O balão captivo que está na Exposição de Paris eleva-se a 500 metros acima do solo. E' de seda, tem 57 metros de circumferencia, 1:047<sup>m2</sup> de superficie e 3:033<sup>m2</sup> de capacidade. E' envolvido em uma rede com 24:000 malhas. Diz-se que para evitar desastres se tomaram todas as precauções possiveis, sob a inspecção de uma commissão nomeada pelo commissario de policia. O cabo de ascensão, que póde aguentar uma carga de 10:000 kilogrammas, só tem a manter um esforço de 1:000; o cordame, que póde resistir a um peso de 36:000 kilogrammas, só tem que sustentar o de 2:000.

E' o piano um dos instrumentos que mais inimigos tem. E com razão, porque de tal maneira se tem divulgado, que não ha villa, não ha aldeia, não ha logarejo nenhum, por mais desconhecido que seja, onde não exista um, dois, tres, dezenas de pianos que nos atormentam a toda a hora do dia e da noite. Agora o professor de Berlim, Waëtzold, acaba de publicar uma memoria interessantissima, em que prova que a maior parte das doenças de que soffrem as raparigas, nevroses, etc., são devidas ao abuso do piano. Segundo diz o illustre professor, é preciso acabar de uma vez para sempre com o habito pernicioso de ensinar piano a creanças que ainda não tenham 12 annos. Mesmo depois d'esta idade, este supplicio só deverá ser permittido áquellas que tenham uma vocação incontestavel e um solido temperamento. Oxalá que os paes de familia se compenetrem d'esta grande verdade.

A proposito da Exposição de Paris.

A primeira exposição de productos da industria que se fez em Paris foi tambem no Campo de Marte, no anno VI da Republica (1798), sendo Neufchateau ministro do interior.

Construiu-se um palacio que não tinha mais importancia do que qualquer dos grandes *magasins* que hoje ha em Paris. Os expositores foram 110, os premios 23, e a duração foi de 5 dias.

Comparando esta exposição com a actual, que differença se nota!

Alguns algarismos indicam a maneira progressiva como se desenvolveram e augmentaram estes certamens:

|                                   | Expositores | Premios |
|-----------------------------------|-------------|---------|
| 1798 Campo de Marte . . . . .     | 110         | 23      |
| 1801 Pateo do Louvre . . . . .    | 229         | 80      |
| 1802 Sallas do Louvre . . . . .   | 540         | 254     |
| 1806 Esplanada dos Invalidos . .  | 1422        | 640     |
| 1819 Pateo do Louvre . . . . .    | 1642        | 869     |
| 1823 » » . . . . .                | 1662        | 1091    |
| 1827 » » . . . . .                | 1695        | 1254    |
| 1834 Praça da Concordia . . . . . | 2247        | 1785    |
| 1839 Campos Elysios . . . . .     | 3281        | 2305    |
| 1844 » » . . . . .                | 3960        | 2353    |
| 1848 » » . . . . .                | 4200        | 2738    |

A primeira exposição universal teve logar em 1855. Foi então que se construiu o Palacio da Industria que ainda hoje existe e tem servido para numerosas exposições. E' lá que tem logar todos os annos a exposição de Bellas Artes. Mas já então não foi sufficiente este palacio, apesar de occupar uma superficie de 56:000 metros quadrados; construíram-se por isso annexos que occuparam uma extensão de 20:000 metros quadrados. O numero de expositores tanto francezes como de outras nações foi de 9,237.

Nas exposições universaes de 1867 e 1878, os expositores foram perto de 20:000.

De maravilha em maravilha: — Noticia-se que Edison está trabalhando na invenção de um apparelho que permittirá ver a distancia de centenas de leguas!

Diz-se que esta surprehendente invenção será apresentada ao publico em menos de dois annos.

Diz um jornal inglez que a corôa do Principe de Galles tem um feixe de plumas muito curioso, que é o unico d'esta especie do mundo, e que vale 10:000 libras. Foram necessarios 20 annos para o obter, e mais de uma duzia de caçadores perdeu a vida n'esse empenho.

As pennas são de feriwah, que é muito parecido com a ave do Paraizo, mas de especie mais rara. Estas pennas para serem obtidas em toda a sua belleza é necessario que sejam arrancadas da

cauda da ave estando ella viva. O que torna a caça do feriwah perigosa é o facto de elle habitar nos antros dos tigres.

Das *Fliegende Blätter* :

AGENTE DE SEGUROS — Homem, você com tantos predios, porque os não segura contra o fogo?

PROPRIETARIO — Eu lhe digo, durante 10 annos paguei para essa leria, depois... deixei-me d'isso.

AGENTE — Porque?

PROPRIETARIO — Porque, em quanto lá estive, nunca me ardeu nada...

## Recreações

N.º 10

PERGUNTA CURIOSA

Qual é a melhor cousa do mundo?

N.º 11

PROBLEMA

Dividir um quadrado em 20 triangulos eguaes.

As soluções serão publicadas no n.º 6.

Soluções correspondentes ao n.º 2

N.º 5 — (Problema)

1.ª VISITA

|   |   |   |
|---|---|---|
| 3 | 3 | 3 |
| 3 | 3 | 3 |
| 3 | 3 | 3 |

2.ª VISITA

|   |   |   |
|---|---|---|
| 2 | 5 | 2 |
| 5 | 5 | 5 |
| 2 | 5 | 2 |

3.ª VISITA

|   |   |   |
|---|---|---|
| 4 | 1 | 4 |
| 1 | 1 | 1 |
| 4 | 1 | 4 |

N.º 6 — (Problema)

Uma das creanças conduz a canôa para a margem onde estão os soldados (A), ahí um dos soldados entra na canôa e passa para a margem opposta (B) d'onde a canôa é reconduzida para a margem A pela creança que lá ficára. Da margem A voltam as duas creanças á margem B ficando lá uma e voltando a outra á margem A, passando então na canôa outro soldado, etc., e assim successivamente.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

COIMBRA, TYP. DE M. C. DA SILVA

# JORNAL PARA TODOS

3 de agosto de 1889



Gutenberg

João Guttenberg, segundo a opinião mais vulgarmente seguida, nasceu na pequena villa de Huttenberg, na Bohemia, entre 1398 e 1400.

Motivos politicos obrigaram-no a exilar-se da sua terra indo estabelecer-se em Strasbourg, onde viveu na obscuridade durante muito tempo. Ahi por volta de 1436 contendas judicias começaram

a evidenciar-o, e de tal modo que nunca mais o deixaram. Na verdade pôde dizer-se que o grande homem morreu em 1468 victima da ultima guerra que lhe promoveu o ourives Fausto, seu ultimo socio.

Passou a vida inteira torturado pela sua grande invenção, que elle queria aperfeçoar cada vez mais. Para isso andou de sociedade em sociedade, sem jámais conseguir o seu ideal. Depois de ter descoberto o typo movel, gravado em madeira, o seu ideal era fundil-o em metal. Para isso fez diversos ensaios, aproveitando os serviços do fundidor Dünne, que foi o proprio a confessal-o quando mais tarde se levantaram duvidas sob este ponto. Tempos depois o seu associado Fausto revelou a empreza ao operario Pedro Schoeffer, e este, aproveitando-se dos ensaios feitos por Guttenberg, poude enfim fundir os primeiros typos. A gloria da maravilhosa descoberta pertence todavia, incontestavelmente, ao grande Guttenberg. Os proprios contemporaneos, mal elle morreu, foram os primeiros a prestar-lhe homenagem.

## Raças que se extinguem

Ha raças humanas que desaparecem obscuramente, ignoradamente, sem deixarem vestigios da sua passagem no planeta, como simples raças de animaes.

Independentes e livres, improgressivas, rebeldes a qualquer tentativa civilisadora, sem historia, sem arte e sem industria, sem crenças religiosas e sem a minima aspiração a um ideal qualquer, essas raças perpassam, como sombras silenciosas e mudas, na penumbra esbatida do tempo e do espaço, sem que uma cidade, um monumento, uma mina assignalem sequer a terra ignota que encobre as suas ossadas.

Felizes talvez, como dizem que são os povos sem historia, ninguem os accorda á distancia estonteadora dos seculos, nenhum pensador solitario se vem deter por um momento á beira do seu tumulto a scismar amargamente na transitoriedade dos grandes poderes humanos e nenhum poeta, em nenias melancholicas, lhes celebra a sua grandeza extincta ou os seus feitos singulares, como Pan, á beira do Mediterraneo, chorando, na sua fruta plangente, a morte dos Deuses no Olympo desmantellado. . .

Felizes, felizes por certo, pois que se não tem quem lhes dedique uma ligeira, uma saudosa lembrança, tambem, por ventura, na treva espessa da sua existencia ignorada, ninguem deixará tom-

bar sobre a sua memoria, como gottas de chumbo ardente, essa maldição implacavel que a historia reserva aos grandes assoladores.

Sanguinarias ou crueis, benignas ou felizes na sua liberdade primitiva e selvatica, pulverisam-se, sòmem-se no socego final do esquecimento, n'essa paz serena, inquebrantavel de Nirvana, que baldadamente pretendem attingir as grandes raças torturadas da historia...

\*

O delirio tremente das descobertas maritimas, que remexeu até ás entranhas a Europa nos seculos XV e XVI, deu origem a essas fortes correntes colonisadoras que, n'uma impetuosidade irresistivel de torrente, se têm alastrado pelas costas da Africa e da America e pelas ilhas perdidas e abençoadas do Pacifico. Irresistiveis, ambiciosas, avassalladoras, tudo levam diante de si, submergindo tribus, desraizando instituições e crenças, ou modificando-as e assimilando-as com esse fatalismo cego e implacavel que dá sempre a victoria ao mais forte.

Ha, porem raças que debalde a civilização procurará reduzir ao seu tyrannico poder. Vencidos, não se podem sujeitar ao jugo dos vencedores; recuam deante do poder extraordinario que as impelle para longe dos bordos do mar, a acolherem-se na espessura das suas florestas mysteriosas, onde tendem a extinguirem-se, exhaustas e perdidas, na hypocondria incuravel da liberdade que lhes foge.

Demais, dous males os minam tambem, dous terriveis coveiros da morte, com uma lentidão terrivel e fatal que a ninguem perdôa e poupa — a ptystica e o alcoolismo.

Dos Tasmanios nenhum existe já n'essas remotas regiões onde ha bem pouco os inglezes se estabeleceram. Na Nova Caledonia estão os Canacas condemnados a um desaparecimento cujo termo não vem longe; e, nas Novas Hebridias, esses anthropophagos, esses polynesios, para os quaes o primeiro copo de aguardente é uma bebida mortal, não tardam a extinguir-se.

E' pois de todo o ponto importante o conhecimento da vida e costumes d'esses indigenas de que dentro em pouco nenhum representante ficará attestando a existencia da sua raça sedenta da liberdade natural.

Onde esta anciedade ingenita da vida livre e á lei da natureza, essa paixão absoluta da independencia chega ao seu extremo é nos *negritos* das Filipinas e nos selvagens da ilha Luçon.

\*

Mr. Edmond Plauchut, um distincto collaborador da *Revue Scientifique*, que nas Filipinas viveu dez annos consecutivos, conta os seguintes factos que d'isso dão uma perfeita ideia. Nem mesmo tomando conta d'esses selvagens ainda no berço é possivel civilisal-os. Quando chegam á idade madura, tudo abandonam para voltarem ás suas florestas nataes, ás suas montanhas que se perdem nas nuvens, preferindo a nudez, a caça e o sol á vida facil das cidades.

Um official da marinha hespanhola deu a Mr. Plauchut um pequeno negrito que encontrára abandonado á sombra d'um ailantho; o francez ensinou-o a ler e a escrever, mas quando chegou aos oito annos, pareceu-lhe o pequeno tão sombrio, que se decidiu a restituil-o á vida livre e a reconduzil-o á montanha onde elle fora encontrado.

Outro caso mais significativo ainda é o seguinte: — um negrito tinha sido ordenado padre e de repente abandonou o sua igreja e o seu protector, o arcebispo de Manilha, para se refugiar nos bosques.

Mas ha ainda este que é bem mais extraordinario: um americano, Mr. Graham, adoptou quasi ao mesmo tempo que Mr. Plauchut, um pretinho das montanhas, baptisando-o com o nome de Pedrito. Quando mais crescido mandou-o educar na Europa. Visitou Nova-York, Paris, Londres e só voltou ás Filipinas ao termo de cinco annos.

Pedrito falava hespanhol, francez e inglez, com essa facilidade propria da raça negra; andava sempre de luvas e calçava botas de verniz.

Podia-se, pois, acreditar que se tinha conseguido a transformação d'um d'esses selvagens. Mas não.

Uma bella manhã o negrito desapareceu de casa do seu protector e nunca mais se saberia d'elle se um dia, casualmente, certo viajante allemão se não lembrasse de fazer uma ascensão á montanha do Marivelei. O naturalista tinha subido ao altô da montanha e colhia plantas para um herbario em companhia dos carregadores indios, quando de repente se viu cercado por uma multidão de negritos. Os seus arcos debaixo do braço e as frechas recolhidas nos carcazes bem demonstravam que vinham com intenções pacificas. Pareciam absórtos na contemplação do primeiro europeu que ousára aventurar-se nas suas florestas.

O allemão, tomando o seu lapis, preparava-se para esboçar alguns retratos, quando um dos selvagens se approximou d'elle, sorrindo, e lhe perguntou em inglez se conhecia em Manilha um americano chamado Graham. Era Pedrito.

O naturalista, a quem elle contou a sua historia, quil-o decidir a voltar com elle, mas nada poudo conseguir.

\*

Não é evidente que estes sêres totalmente refractarios á civilização estão condemnados a desaparecer?

Porto.

Eduardo de Souza.

### Longe

Elle ia atravessando, cabeça nua, pés-nús, o extenso planalto coberto de neve, que se alongava a perder de vista, unido e liso, todo brilhante das fulgurações frias do gêlo.

Nem elle mesmo sabia d'onde vinha; lá d'um logar distante d'onde se erguia o sol. Alli passára sob um tecto de cólmo, na terra dura, uma noite

de somno socegado, e ao romper da luz de lá partira, ignorado por todos sem que em ninguém pousasse o largo olhar azul, magoado de soffrer. E desde o despontar do sol d'aquelle dia, viera subindo sempre pela forçada encosta da montanha, que, pouco a pouco, ia perdendo a vida, e se alastrava n'uma vastidão de terra ingrata, sem uma sombra de folhas, até á linha dura da neve que, lá em cima, brilhava. Nas primeiras horas do sol atravessára a paz de espessos arvoredos, correrá largos pinheiraes sombrios, seguira os tortuosos atalhos da montanha meio occulto pelas altas paredes de silvas bravas, atravez das quaes se divisava a clara extensão dos campos verdes. O brando sol do inverno ia acordando a vida por toda aquella fecunda terra aproveitada, e, na vida da luz, agitava-se a vida da materia.

Viera subindo sempre e, já tarde, chegára alli, áquelle extenso planalto nevado, que parecia como que suspenso no espaço. Lá para baixo, de todos os lados, muito fundo, viam-se nodoas enormes de verdura, agglomeravam-se uns porticos escuros que eram as casas d'um povo, uniam-se os campos, despidos do trigo, bordados de silvas, e por entre os campos, as grandes verduras, roçando as pequenas povoações dispersas, corriam, brandas aguas d'um largo rio, que nascia longe, n'uma montanha dominadora, e vinha até alli, por toda a parte espalhando a bondade da sua força.

\*  
\* \*

Uma fadiga immensa o subjugava. Em vão tentava sacudir dos membros o torpôr crescente que os tomava. O seu andar incerto e vacillante cada vez ia sendo menos rapido. Havia horas já que caminhava por sobre o gèlo duro. A sua pequenina alma estremecia por vezes n'um vago tremor que o agitava, n'um indeciso medo que lhe dava a extensão d'aquelle deserto, aquella planicie branca, brilhante e muda, que se alongava immensa, viva das reverberações da luz que a eusanguentára a espaços. No seu limpido olhar, misero e meigo, pareciam reflectir-se ás vezes clarões incertos de alegrias passadas. Esforçava por concentrar-se em pensamentos que lhe obscurecessem aquella vago temor que n'elle ia crescendo, subindo como uma onda. Ah! de manhã, quando partira lá do logar distante, d'onde nascia o sol, tinha o socego na alma como um lago sem rugas. Nada o mordia; nem o triste abandono em que passava, nem a miseria que lhe cerrava o coração. Dormira na terra humida e aspera, e o seu rigoroso labio desgraçado, não tivera um queixume, não soltára uma palavra de desalento. Era grande a sua miseria, sim; muitas outras creanças elle vira, a face cheia de vida, o olhar banhado de alegrias, brilhos d'uma existencia feliz, e elle tinha as faces brancas e magoadas, o seu olhar gemia, sombras d'uma existencia dolorosa; mas para elle, como para os outros, havia luz, e flores, e agua, e sons; ao dormir sobre a terra, tiritando na roupa esfarrapada, via no azul palpitarem os brilhos das grandes es-

trellas d'uma noite fria. E para a sua alma candida bastava o poder soffrer vendo, em volta de si, sorrir a vida.

Mas agora, n'aquelle deserto, em que não brilhava a luz placida dos campos, em que não vegetava uma verdura, n'aquelle planicie solitaria e severa, como que lhe invadia o espirito o frio do gelo que o cercava, e dentro do peito parecia esmagar-lhe o coração essa mudez profunda do infinito, que o cobria.

Quando o glorioso sol razeu a neve, ensanguentando o incommensuravel plano, elle tinha no olhar como que um brilho de loucura, um vislumbre do supremo terror que lhe ia pesar na alma com a treva inexoravel que dentro em pouco viria. E então, offegante e estonteado começou uma corrida doida, rapida e incerta, caminhando sempre para a frente, para o sol, para aquelle glorioso sol, explosivo, na agonia, uma decoração phantastica de luz offuscante e victoriosa. No rubro do céu talhava-se negra a sua fôrma avultada que fugia, e para traz cahia sobre o brilho da neve a sombra desmesurada do seu corpo.

Assim seguiu por algum tempo, o vulto errante, recortado em linhas de fogo.

De repente, parou. No seu cerebro em que se precipitavam ruidos extranhos, como que se calou todo o rumor, e lá dentro formigava-lhe só, teimoso e persistente, como o zumbir das azas de um insecto. Socegado deitou-se, alli no gèlo, cerrou o seu olhar misero e meigo; quieto, adormeceu n'um somno fundo, sem um suspiro sequer, e a larga sombra do seu corpo estendido, alongava-se muito sobre a neve.

Porto, julho de 89.

*Alexandre Braga, filho.*

### O ultimo beijo

Meu coração é intimo sacrario  
Aonde eu guardo, com disvello immenso,  
Aquelle ultimo beijo ardente e santo  
Que recebi dos labios teus suspenso.

Triste beijo d'amor! Ai! quando o pranto  
As faces te orvalhou, oh Mãe querida,  
Não sei o que senti... parece mesmo  
Que n'um sopro se me ia a triste vida.

«Adeus, meu filho, adeus! — então disseste —  
Jámais te torno a ver... que Deus te guie.»  
E foi assim! Fatal presentimento!  
E eu, minha Mãe, eu me fiquei sem ti...

Mas n'este triste e pobre coração  
Anda guardado com disvello immenso,  
Aquelle ultimo beijo ardente e santo  
Que recebi dos labios teus suspenso.

Coimbra.

*Bento Frausto.*



JOSÉ DO PATROCÍNIO

## A escravatura no Brazil

### I

Ninguém ignora que foi o anno passado, pela lei de 13 de maio de 1888, que se extinguiu completamente a escravidão no Brazil. A gloria de sancionar este memoravel documento coube á princeza imperial brasileira D. Izabel, a Redemptora, como já hoje lhe chamam os brasileiros. As festas que por essa occasião se fizeram no Brazil, o entusiasmo louco que este acontecimento despertou em todo o povo brasileiro, indistinctamente, são prova flagrantissima de que a liberdade para aquella gente não é uma palavra vã, e de que o Brazil é um paiz aberto a todos os progressos. A abolição da escravatura, este simples facto, trouxe sobre a cabeça da princeza imperial do Brazil mais sympathias e mais benções do que se ella reinasse 30 annos de um governo immaculado. Esta princeza que por um acto da sua vontade, sem imposição absolutamente nenhuma, arrancou da suprema ignominia milhares e milhares d'almas, será sempre amada, e não haverá um só brasileiro que se recuse a beijar a mão piedosa que assignou a lei de 13 de maio de 1888.

Mas a gloria da abolição não pertence exclusivamente á princeza, pertence tambem áquelles gloriosos batalhadores que sacrificaram a sua vida inteira a esta causa. E foram elles os que fizeram com que as miserias da escravatura subissem até ao throno, foram elles, com a sua palavra, com os seus escriptos, com as suas acções, sacrificando o seu nome, sacrificando a sua fortuna, sacrificando o seu futuro, sacrificando tudo.

Do numero d'estes heroes, um dos primeiros é José do Patrocínio, cujo retrato offerecemos hoje aos nossos leitores.

O notavel abolicionista é natural da cidade de

Campos, Minas Geraes. Orador imminente, escriptor primoroso, luctador incansavel, o seu nome é conhecidissimo no Brazil e um dos que mais fundamentalmente faz vibrar a alma popular.

Jornalista durante muitos annos, a sua penna esteve sempre ao serviço das grandes ideias. Na *Gazeta de Noticias*, onde foi sempre consideradissimo, os seus artigos produziam sensação. Foi d'alli que elle começou a vibrar os primeiros golpes contra a escravidão.

No dia do triumpho, quando a abolição era decretada pela princeza D. Izabel, escrevia a *Gazeta de Noticias* com enthusiasmo:

«Pòde não haver vencidos, porque ha vencidos; mas incontestavelmente ha vencedores, e entre esses destacam-se no primeiro plano aquelles que offereceram francamente, destemida e ousadamente, o seu peito á lucta pela ideia de que se achavam possuidos, e que por ella pelejaram valentemente, batendo-se dia e noite, a cada momento, com a palavra e com a penna, com a sua coragem e com a sua convicção, não só contra os adversarios naturaes, mas contra a calumnia, contra a injuria, contra a conspiração dos interesses feridos, e contra a avalanche das conveniencias opportunistas.

José do Patrocínio combateu e venceu. O que está feito não é exclusivamente obra do seu trabalho, da sua dedicação e das suas convicções. Não é tudo d'elle; mas é o principal. A alma, o espirito popular e desinteressado, foi elle que os introduziu na campanha cujo resultado ahi está festejado enthusiasmicamente por um povo inteiro.

A *Gazeta de Noticias* onde esse moço glorioso, cujo nome ha de figurar na historia patria como o de um dos seus maiores benemeritos, desfechou os primeiros tiros contra o então vasto campo inimigo — orgulha-se e torna publico o seu orgulho por esse facto, e presta-lhe no dia da victoria o mais enthusiastico e o mais sincero testemunho do seu respeito e da sua admiração.»

Tambem prestamos a nossa homenagem ao glorioso abolicionista.

## Martyr

Ha dez annos que a vi pela primeira vez, no museu municipal do Porto. E a impressão que essa pintura produziu em mim foi singular e profunda.

A intima commoção diante d'esse pedaço de banalidade — o cadaver d'uma rapariga, estendido no chão, pallido, bem inerte, bem hirto, — deixou dentro em mim um vestigio indelevel!

Talvez duro, talvez muito frio; a archaica aureola — um disco de papel pintado, — a figura sem destaque, agarrada ao fundo; e, não obstante isso, que habilidade, que desprendimento e que virtuosidade no processo de execução! Por sob aquella sobriedade de factura, da maneira mais simples, despida de preceitos academicos, que legitimo ta-



MARTYR

Quadro de J. Victorino Ribeiro

lento se adivinha, e que altiva espontaneidade artistica se reconhece!

Pinceladas cruas, sem preocupações e sem temor, e como todo esse conjuncto de qualidades e de defeitos concorre para a expressão lugubre e commovente d'essa cousa estúpida e cruel:—a infancia morta!

Foi provavelmente para captar o interesse das massas que lhe puzeram a etiqueta *sympathica*, inculcando-a uma victima da epopéa grandiosa dos primitivos tempos do christianismo. Ha effectivamente ali o soffrimento calmo e resignado, que resalta, não da physionomia, mas de todo o arranjo, que contrista e penalisa, porque tudo aquillo está bem morto: o cabello, os braços, os pés e a pelle de cabra!

E' realmente uma martyr, que tanto poderia ser encontrada no atrio ensanguentado do circo romano, como actualmente sobre o marmore d'um theatro anatomico. Em qualquer dos casos, igualmente sentimental e tragica.

Creio que desde então não tornei a ver essa tela, mas as reminiscencias, que d'ella guardei, fazem com que ainda hoje a considere como a vigorosa demonstração d'um talento incontestavel dentro da grande renovação naturalistica que se tem operado na arte moderna.

Disseram-me que o artista era muito novo. Oxalá que o acolhimento n'aquelle tempo dispensado pela imprensa á sua obra possa tel-o incitado ao estudo e a proseguir pelos venturosos caminhos da emancipação ao lugar elevado a que as suas poderosas faculdades artisticas lhe dão direito, rompendo por entre tanta vegetação rachitica, que infesta o campo da arte portugueza, e a gritaria confusa dos thuribularios em honra das celebridades da moda.

A. G.

### O Gira-sol

E' de todos bem conhecida esta planta. Em poucos jardins terá ella deixado de ser cultivada. E comtudo poucos entre nós terão tirado de tal planta todo o proveito que d'ella póde auferir-se.

O *Gira-sol* é oriundo de Perú. *Helianthus annuus* é seu nome botanico. A palavra *gira-sol* é derivada da propriedade que se tem notado de a flôr parecer voltar-se para o sol seguindo-o no seu curso. Da fôrma da flôr ou antes da inflorescencia foi derivado o nome *Helianthus*, que significa — flôr de fôrma semelhante ao sol.

E' planta de cultura facil e será bem possivel a cultura d'ella a par do milho, nas hortas, etc.

E' util para as abelhas, que nas flores encontram abundante e boa nutrição. E como deriva o mel e a cera, conviria cultivar o *gira-sol* nas proximidades dos colmeaes.

Cultivado nos terrenos muito humidos, e por isso insalubres, melhora-os por que pelas folhas d'esta planta effectua-se uma grande evaporação d'agua.

Das folhas póde alimentar-se o gado; do caule póde extrair-se materia propria para a fabricação do papel.

O producto mais importante é constituído pelas sementes, que são muito proprias para alimentação das gallinhas e perús, que com ella engordam rapidamente.

Estas sementes, que são sempre produzidas em grande quantidade, dão por simples pressão um oleo d'optima qualidade, e que é para os usos culinarios o primeiro depois do azeite ordinario. Não é menos proprio para os usos industriaes, pois que é siccativo, servindo para a pintura.

E' usado tambem na fabricação de sabonetes.

Para fazer conhecida a importância da cultura do *gira-sol* bastará dizer que na Russia o valor do oleo fabricado não é inferior a 2:160 contos de réis.

Os resultados obtidos pelos cultivadores russos concorreram para que na Allemanha a mesma cultura tomasse um desenvolvimento importante.

Dos residuos da fabricação do oleo faz-se uma boa alimentação para o gado e na Russia, queimando as folhas e caules depois de seccos, obtem-se uma cinza muito rica em potassa, e que póde ser separada sem grande difficuldade.

Do *gira-sol* ha algumas variedades e é digna de preferencia a variedade que produz sementes graúdas e que os Srs. Vilmorin, Andrieux & C.º, de Paris, vendem com o nome de *Soleil-nain* ou *S. à huile*, que é das variedades mais productivas.

E' cultura facil e, como se vê, productiva e por isso digna de ser recommendada.

J. bot.

J. Henriques.

### Convite á viagem

(DE BAUDELAIRE)

Existe um paiz soberbo, um paiz de Cocanha, dizem, que eu idealiso visitar na companhia de uma velha amiga.

Paiz singular, afogado nas brumas do nosso Norte, e que bem podia chamar-se o Oriente do Occidente, a China da Europa, de tal modo a quente e caprichosa phantasia tem caminhado por alli, de tal modo o tem, pacientemente e teimosamente, illuminado com as suas sabias e delicadas vegetações.

Um verdadeiro paiz de Cocanha, onde tudo é bello, rico, tranquillo, honesto; onde o luxo na ordem tem o prazer de se mirar; onde a vida é facil e doce de respirar; d'onde a desordem, a agitação e o imprevisito são excluidos; onde a felicidade está casada com o silencio; onde a propria cosinha, ao mesmo tempo gordurosa e provocante, é poetica; onde tudo se parece comtigo, meu doce anjo.

Conheces esta doença febril que se apodera da gente no gelo das miserias, esta nostalgia do paiz que se ignora, esta angustia da curiosidade? Existe um lugar que se parece comtigo, onde tudo é bello, rico, tranquillo, honesto, onde a phantasia



construiu e decorou uma China occidental, onde a vida é doce de respirar, onde a felicidade está casada com o silencio.

E' lá que se deve ir viver, é lá que se deve ir morrer!

Sim, é lá que se deve ir respirar, sonhar e alongar as horas pelo infinito das sensações.

Um musico escreveu o *Convite á valsa*; quem ha de compor o *Convite á viagem*, que se possa offerecer á mulher amada, á esposa eleita?

Sim, é n'esta atmospheria que será bom viver, — lá ao longe, onde as horas mais lentas encerram mais pensamentos, onde os relogios batam a felicidade com uma mais profunda e mais significativa solemnidade.

Sobre télas luzidias, ou sobre coiros dourados e d'uma sombria riqueza, que vivam discretamente pinturas religiosas, tranquillias e meditativas, como as almas dos artistas que as crearam. Os sóes poentes, que tão ricamente coloreem a sala de jantar ou o salão, são tamisados por bellos estofos ou por altas janellas trabalhadas, que o chumbo divide em numerosos compartimentos. Os moveis são vastos, curiosos, bizarros, munidos de fechaduras e de segredos como almas delicadissimas. Os espelhos, os metaes, os estofos, a faiança, os objectos d'ouro e de prata tocam para os olhos uma symphonia muda e mysteriosa; e de todas as coisas, de todos os cantos, das fendas das gavetas e das dobras dos estofos escapa-se um perfume singular, um *revenez-y* de Sumatra, que é por assim dizer a alma da habitação.

Um verdadeiro paiz de Cocanha, digo-te eu, onde tudo é rico, limpo e luzidio, como uma bella consciencia, como uma magnifica bateria de cozinha, como uma esplendida ourivesaria, como um monte de joias de variadissimas cores! Vão para alli todos os thesouros do mundo, como para a casa d'um homem laborioso que mereceu as graças do mundo inteiro. Paiz singular, superior aos outros, como a Arte é á Natureza, onde esta é transformada pelo sonho, onde é corrigida, embelezada, refundida.

Que procurem, que procurem ainda, e que recuem incessantemente os limites da felicidade, esses alchimistas da horticultura! Que offereçam premios de sessenta e de cem mil florins a quem resolver os seus ambiciosos problemas! Eu, eu já encontrei a minha *tulipa negra*, já encontrei a minha *dhalia azul*!

Flor incomparavel, tulipa encontrada, allegorica dahlia, é lá, pois não é, n'aquelle bello paiz tão tranquillo e tão sonhador, que tu debes ir viver e florescer?

Não estarás tu crystallizada na tua analogia, e não poderás tu reflectir-te, para fallar como os mysticos, na tua propria *correspondencia*?

Sonhos! Sempre sonhos! e quanto mais a alma é ambiciosa e delicada, tanto mais os sonhos a afastam do possivel. Cada homem traz em si a sua dose d'opio natural, incessantemente expellida e renovada, e, do berço ao tumulo, quantas horas contamos nós cheios por um goso positivo, por uma acção decidida e executada? Viveremos algum dia,

deslizaremos algum dia, n'esse quadro que o meu espirito pintou, n'esse quadro que se parece comtigo?

Esses thesouros, esses moveis, esse luxo, essa ordem, esses perfumes, essas flores miraculosas, és tu. E's ainda, tu, esses grandes rios e esses canaes tranquillios. Esses enormes navios que elles levam, carregadissimos de riquezas, e d'onde sobem cantos monotonos de marinheiros, são meus pensamentos que dormem ou que se embalam sobre teu seio. Tu conduzel-os docemente para o mar infinito, reflectindo as profundezas do ceu na limpidez da tua bella alma; — e quando fatigados pela vaga e carregados de productos orientaes, elles tornam a entrar no porto natal, são ainda os meus pensamentos enriquecidos que tornam a voltar do infinito para ti.

Trad.

F. G.

### Curiosidades

A electricidade, que cada dia vae sendo mais aproveitada, foi agora introduzida nas armas de fogo, para substituir os systemas de percussão. Uma pequena bateria escondida na arma fornecerá 35:000 faiscas sem ser renovada. A vantagem do detonador electrico, dizem os innovadores, consiste em que, por meio d'elle, se poderão empregar explosivos muito mais poderosos do que pelo systema de percussão.

Ha pessoas que gostam immenso de fazer a sua *graça*. Eis para essas uma partida inoffensiva, que dá sempre o melhor resultado:

Escolhe-se uma maçã bem redonda, toma-se uma agulha com um fio sufficientemente rijo, e picando a maçã pelo meio caminha-se com a agulha por debaixo da casca até sair mais adiante, a distancia de 2 centimetros pouco mais ou menos; ahi puxa-se a agulha, torna-se a metter pelo mesmo buraquinho, faz-se sair outra vez á distancia de 2 centimetros, puxa-se, torna-se a metter e assim por diante, até dar a volta á maçã, vindo a agulha sair pelo primeiro buraquinho. Tomam-se então as duas partes do fio, puxa-se com geito, dividindo a maçã em duas partes eguaes, que todavia se conservam juntas porque a casca permanece intacta, por assim dizer, visto serem invisiveis as picaduras da agulha.

Esta maçã, que se chama — maçã magica, conserva o seu aspecto natural, e, n'uma sobrezeza, causa grande espanto áquelle que ao descascal-a a vê de repente dividir-se em duas partes.

Foi descoberta pelo capitão Schwatka nas regiões inexploradas do Mexico uma tribu de troglodytas. Habitam uma caverna muito parecida com as dos tempos pre-historicos. O caracteristico principal d'estes selvagens, e que mais admira, é serem elles de uma timidez verdadeiramente in-

fantil. Mal avistam um branco fogem todos desabaladamente para o fundo das cavernas. São geralmente altos, delgados e bem proporcionados. A pelle é d'um *vermelho-negro*, approximando-se mais esta côr da dos pretos, que do bronzeado dos pelles vermelhas dos Estados Unidos.

A lingua portugueza, medindo o dominio d'uma lingua pela extensão do territorio em que habitam os individuos que a fallam, occupa o 5.º lugar. Eis sob este ponto de vista como se acham classificadas as principaes linguas: 1.º, o inglez, que com os Estados Unidos, com as colonias e com os paizes do protectorado, occupa uma extensão de 3 milhões de hectares (mais de 3 vezes a superficie da Europa); 2.º, o russo; 3.º, o chinez; 4.º, o hespanhol; 5.º, o portuguez; 6.º, o francez.

Pequeninos corpos que se nos introduzem nos olhos são ás vezes causa de momentos afflictivos. Quanto mais se esfrega o olho doente, peor é; e só passados alguns minutos de dores horriveis é que nos vemos desembaraçados d'esse incommodo.

Devem ter reparado que, geralmente, o socego faz com que os argueiros sejam expellidos naturalmente, com as lagrimas. E' por isso que um jornal de sciencias ensina o seguinte processo para tirar qualquer argueiro dos olhos: «esfregar por alguns minutos o olho são, sem tocar no que está affectado».

#### Das *Fliegende Blätter* :

##### DILEMMA

MÃE — Olha, Joãozinho, tu vaes lavar a cara muito bém lavada, sim, filho?

JOÃOZINHO — Porque?

MÃE — Vem hoje cá teu padrinho!...

JOÃOZINHO — E se elle não vem?!...

#### Recreações

##### PROBLEMA

##### N.º 12

Um proprietario poz no seu testamento a seguinte disposição :

João receberá  $\frac{1}{2}$  dos meus bois

Manuel receberá  $\frac{1}{3}$  » »

Pedro receberá  $\frac{1}{9}$  » »

devendo cada um receber a sua parte completa e em bois *vivos*.

Ora quando o homem morreu encontraram-se nos curraes 17 bois. Pergunta-se: — como se fez a divisão dos bois?

##### PROBLEMA

##### N.º 13

Substituir os pontos marcados nas divisões do quadrado que vae abaixo por algarismos de 1 a 16, de tal fôrma que, somando os algarismos das linhas horisontaes, verticaes, ou diagonaes, a somma seja sempre igual a um mesmo numero.



As soluções serão publicadas no n.º 7.

##### Soluções correspondentes ao n.º 3

##### N.º 8 — (Problema)

Escrevem-se uns debaixo dos outros os numeros seguintes:

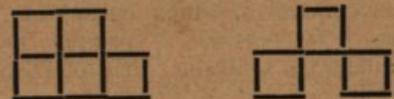
|   |           |
|---|-----------|
| 1.º — Os dois ultimos algarismos do anno que precede aquelle de que se tracta. No caso proposto..                 | 85        |
| 2.º — A quarta parte d'esse numero, desprezando a fracção que houver. No caso proposto.....                       | 21        |
| 3.º — O numero de dias decorrido desde 1 de janeiro até ao dia de que se tracta, inclusivê. No caso proposto..... | 243       |
| 4.º — O numero sempre invariavel .....  | 5         |
|   | <hr/> 354 |

Somam-se estes numeros e divide-se a somma por 7; Para determinar o dia da semana basta procurar na tabella que vae abaixo o dia correspondente ao algarismo que vier em resto n'essa divisão.

- 0 — Sexta-feira.
- 1 — Sabbado.
- 2 — Domingo.
- 3 — Segunda-feira.
- 4 — Terça-feira.
- 5 — Quarta-feira.
- 6 — Quinta-feira

No caso proposto o resto é — 4, portanto o dia é — terça-feira.

##### N.º 9 — (Problema)



Enviaram soluções exactas a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Candida Augusta Lopes Coelho, de Alcoentre; — e os Ex.<sup>mas</sup> Srs. José Maria Nogueira, de Leiria; — J. L. Freire, de Santarem; — P. Neves, de Evora.

Enviaram soluções exactas do problema n.º 5 os Ex.<sup>mas</sup> Srs. José Maria Nogueira, de Leiria; — e P. Neves, de Evora.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

# JORNAL PARA TODOS

10 de agosto de 1889



D. PEDRO D'ALFARROBEIRA

### D. Pedro d'Alfarrobeira

O nome d'este principe recorda-nos uma das epochas mais brilhantes da nossa historia, epocha cheia d'esperanças, em que o nosso nome equivalia a um certificado de heroe e era respeitado e temido em todas as côrtes da Europa. Foi a nossa grande epocha de epergia, de vitalidade e de emprehendimento.

As chronicas estrangeiras dizem-nos com admiração as façanhas dos nossos contra os Turcos, e relatam com as mais vivas cores e o maior entusiasmo a sua entrada nos torneios para protegerem a viuva e honrarem a donzella. A litteratura nacional conserva nos *Lusiadas* — a consagração de esta epocha no episodio brilhante e colorido dos doze d'Inglaterra. D. Pedro, filho e irmão d'heroes, começou por ter bem cedo a consagração do seu valor, dada por sua mãe a honesta, virtuosa, D. Philippa de Lencastre, que prestes a expirar lhe cingia a espada para que defendesse e protegesse as viuvas e donzellas, porque era esse o dever de todo o cavalleiro christão.

A lenda aureolou-lhe o nome: que não o ha de principe mais conhecido pelo povo portuguez! Cervantes no seu poema tão repassado de fina ironia e de sarcasmo por um povo que deixava perder as más puras glorias da Cavallaria Andante, essa escola d'amor e de heroicidade, deixou referencias a nomes d'heroes portuguezes que eram os seus amigos, os seus companheiros d'armas.

Os chronistas deixaram-nos o seu retrato, feito com amor e respeito.

Era alto, magro e bem proporcionado, diz Schoeffler, que segue litteralmente os nossos chronistas com uma ingenuidade que por vezes nos faz sorrir, o seu olhar suave amaciava a impressão do receio produzido ao primeiro aspecto pela sua alta estatura, pelo seu rosto comprido e fortemente accentuado.

Nos seus olhos, assim como nos seus cabellos e na sua barba loira e frisada, havia um não sei que d'estranho para os portuguezes. O seu andar era tranquillo e compassado, a sua expressão annunciava o sangue frio e a tranquillidade d'espírito adquirida pelo imperio sobre si mesmo e a madureza d'experiencia da vida. A sua linguagem era digna, nervosa, concisa; uma voz insinuante abrandava ainda a aspereza de fôrmas que essa nitidez rigorosa descobre tantas vezes. Se estava transportado pela colera, tinha então o seu aspecto um não sei que de aterrador; mas em breve retomava a benevolencia o seu imperio. O seu trajar era o de um homem, que, sem deixar de ter a consciencia do seu valor intimo e da sua dignidade, não desdenha a fôrma que attrahe ou surprehende o primeiro julgamento do mundo. Extremamente modesto nos seus gostos, fiel á pureza dos seus sentimentos, mostrou sempre uma continencia que o seu seculo honrava. Para ennobrecer os prazeres da meza, abandonou o costume dos reis e principes portuguezes, de comerem sós e retirados; con-

vidava gente, mandava que se fizessem leituras uteis durante a refeição e provocava palestras sobre questões scientificas. Como todos os homens que têm sempre diante dos olhos o preço e emprego de vida, era avaro do tempo, e não deixava passar um dia sem ter feito alguma boa acção.

Eis em breves palavras os traços principaes d'esta figura que não subjugava á primeira vista, como ingenuamente diz o chronista, mas que se impunha pelo seu caracter, pela sua virtude pelo seu saber. Como todos os filhos de D. João I foi um litterato distincto. Conhecía e manejava, como poucos, a lingua latina, que cultivava com amor, deixando das suas obras primas, algumas traducções que tem um logar marcado na nossa litteratura pelo cunho original que lhe soube imprimir.

Nasceu a 9 de dezembro de 1392 e chegou aos vinte annos ardia em desejos de honrar o nome portuguez e de fazer qualquer heroicidade que lhe permittisse ser armado cavalleiro. Seu pae D. João I imaginára um torneio nacional, em que armaria cavalleiros os seus tres filhos, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique; mas tal não permittiu o animo dos moços principes sonhando aventuras e altas cavallarias com Mouros. A' exigencia do seu pae oppunham uma outra — a tomada do Ceuta. — O velho D. João levantou todas as difficuldades desde a ignorancia do logar até á falta de homens e dinheiro. Todas foram removidas pelos principes, que por bem imaginado artificio em breve tiveram conhecimento do Ceuta e de seu porto. Tomou-se Ceuta victoriosamente e o velho D. João I armou ás portas da cidade cavalleiros a seus trez filhos, que haviam mostrado possuir a coragem e o ardor bellico do pae, e a firmeza e caracter reflexivo da mãe.

Segundo as melhores conjecturas, em 1416, D. Pedro, cheio do amor d'aventuras e do conhecimento de novas terras onde mostrasse o seu valor e illustrasse o nome portuguez, emprehendeu uma viagem ao Oriente, sendo recebido com as maiores honras em todas as côrtes, elogiando-lhe Martinho-V o saber e a virtude e recebendo do Imperador Sigismando a marca de Trevisano, como heroe de força do seu braço e da sua heroica coragem nos combates contra Venezianos e Turcos. A imaginação popular tornou lendaria a viagem do principe, que voltou com a aureola mysteriosa do desconhecido. Durante a viagem conheceu a princeza D. Izabel filha do conde Urgel com quem casou em 1429. Com a morte de seu pae começou a sua vida torturada, até á morte de seu irmão D. Duarte; não que seu irmão o não respeitasse, mas porque uma mulher, a rainha D. Leonor, era zelosa da sua ingerencia no governo. Com a morte de D. Duarte sobrevêm as complicações, até que o povo, por um movimento que muito o honra, estabeleceu definitivamente a sua regencia do reino que foi um modelo de boa administração. Depois de entregar a sua regencia a seu sobrinho D. Affonso V começaram as intrigas que tiveram o tragico desenlace em Alfarrobeira.

G. P.

### Á hora da morte

Simplissima e vulgar esta historia de amor, desdobrando-se serenamente n'um coração honesto de mulher, que a cegueira da paixão lançou nos braços infieis d'um homem, por quem sacrificou pureza e mocidade, por quem se definiu e morreu ao abandono, desilludida das coisas do mundo, com um sorriso nos labios para a felicidade que sonhava no intimo da sua crença.

Muito pobre, logo de pequenina a galante Maria acostumára-se a percorrer sem companhia as ruas movimentadas de gente extranha, do ermo da sua casa pobre n'um bairro triste, ignorado, no centro da cidade. Passava humilde e simples no seu andar afadigado, compondo-se no aceio dos seus trajos modestos. Nunca lhe fallaram de amor junto ao berço, nem de felicidades, por entre meiguices de palavras e caricias de beijos. Se por acaso as mãos dos paes lhe passaram em brandos affagos por sobre a cabeça e as suas faces sentiram a impressão consoladora d'uns labios, não se lembrava ella d'esse tempo em que seu corpo se formava e robustecia para o trabalho.

Pequenita, muito pequenita, mandaram-na por certa manhã, de cesto no braço, com um mesquinho farnel dentro, áquelle enorme casarão, que a principio tanto a intimidou com o seu ruido feroz de machinas em movimento, ganhar a vida, passar dias inteiros sem ver o sol da manhã, porque era quasi sempre, quando elle já tinha morrido longe da cidade n'uma esplendorosa agonia, que as portas se descerravam e ella vinha, pelo crepusculo, procurar o descanso na pobre cama da sua casa.

E quando ella passava junto dos passeios, ás portas dos estabelecimentos havia uns homens que a olhavam com doçura. Mais d'uns olhos desejosos, nem ella sabia de que, procuravam os seus áquella hora de cansaço e aborrecimento, para lhe dizerem o que nenhuns outros lhe haviam dito até ali. Sorriam-lhe por fórma que lhe despertavam tambem sorrisos como nunca sentira, d'aquelles que surgem ao coração como um consolo e brilham nos labios como uma felicidade.

E a pobre, que nunca experimentára uma caricia, principiou a reconhecer em si a volupia d'um desejo que um dos muitos olhares que a perseguiram, mais se dispunha para satisfazer.

E assim foi que na sua simplicidade, na sua ignorancia do mundo e dos homens, seguindo uma tendencia imperiosa da sua natureza, abandonou para sempre o leito onde acordava todas as manhãs castamente, atormentada pela ideia do trabalho, encarando as physionomias rudes dos paes, para entrar n'uma casa confortavel, onde os braços d'um homem se estendiam para a aconchegarem em abraços que a faziam estremecer de comoção... Elle sorriu-lhe por muito tempo meigamente e por muito tempo encontrou amor nas suas palavras.

Pouco a pouco esmoreceram os sorrisos e com os sorrisos o amor das suas palavras... Sensações

novas principiaram a invadil-a n'um crescendo tormentoso. Soube então como era bom desconhecer a felicidade, viver na ignorancia do amor... E lembrou saudosa a vida passada, procurando na fadiga de todas as horas o alimento de todos os dias, adormecida a alma no desconhecimento da paixão, vivendo apenas e não sentindo.

Via-o de longe em longe. Um dia, pela ultima vez, veio dizer-lhe que tudo acabára. Casaria d'ahi a dias.

Não tivera uma unica palavra, a pobre mulher. Com as lagrimas nos olhos viu-o sahir.

Sobre a mesa, esquecera um ramo de violetas, que Maria collocou sobre a cruz d'ebano pregada na parede, d'onde um Christo de marfim inclinava sobre o leito a fronte soffredora.

E por longos mezes, a immensa dôr reprimida, suffocada, de Maria, foi-lhe dilacerando o coração honesto, cavando-lhe as faces, empallidecendo-lhe a côr dos labios e a luz dos olhos formosos, que se fecharam de todo n'uma bondosa agonia, sorrindo resignados e crentes ao meigo Christo, junto do qual encontraram ainda o ramo de violetas desbotado e secco...

E quando elle veio, acompanhado d'alguem que soccorreu Maria nos tristes dias de privação, de fome e de dôr, ajoelhar á beira do seu leito, ao beijar-lhe arrependido a mão gelada, já não pode ouvir-lhe o perdão que ella tivera sempre nos seus labios d'amante...

M. M.

### Trovas populares

Sou poeta, faço versos,  
sou poeta de cantigas;  
quando canto sou olhado  
por todas as raparigas.

\*

Arde o matto, arde a lenha,  
arde tambem a carqueja;  
só não ardem os ciumes  
de quem de mim tem inveja.

\*

Um rapasinho solteiro  
passa a vida regalada;  
chega até a ter sorrisos  
das pedrinhas da calçada.

\*

Choro lagrimas de sangue,  
Choro de noite e de dia;  
choro pelo meu amor  
a quem tanto bem queria.

\*

Fui ao mar pescar um peixe  
P'ra te fazer um manjar;  
Quero ver com que me pagas  
Em minha vida arriscar.

J. A. Ferreira da Silva.



JOAQUIM NABUCO

## A escravatura no Brazil

## II

Dêmos no numero passado o retrato de José do Patrocínio, saudando-o como um dos primeiros abolicionistas. Hoje offerecemos o de Joaquim Nabuco, o orador distinctissimo que tantas sympathias gosa no Brazil e entre nós.

Joaquim Nabuco não é só orador, é tambem poeta. As suas poesias, dispersas pelos jornaes brazileiros, são correctas na fórma e sempre primorosas na idéia que o artista se compraz em escolher entre as mais delicadas e originaes, como quem pretendesse encher um vaso finissimo com um licôr ainda mais fino. A sua admiração pelos grandes poetas revela-se a cada momento nos seus discursos. Publicou a proposito do nosso grande epico um livro — *Camões e os Luziadas* — que foi entusiasticamente recebido pela critica tanto brasileira como portugueza.

No jornalismo e no parlamento, no parlamento sobretudo, é que Joaquim Nabuco se tornou mais saliente o mais conhecido, pela lucta constante que sustentou, dia a dia, com um valor e uma coragem verdadeiramente espantosos. Ao tempo que Joaquim Nabuco começou a defender a abolição da escravatura era quasi um crime fazel-o, e quem o fizesse alheava de si, desde logo, e para sempre, a sympathia de todos os poderosos. Foi isto o que lhe aconteceu. Mas ao animo do grande revolucionario nada o intimidava, nem as ameaças, nem os presentimentos. Antes preferia morrer vencido combatendo pela liberdade, do que triumphar em quanto na sua terra existisse um escravo.

Joaquim Nabuco é ainda um rapaz, conta apenas trinta e tantos annos, mas toda a sua mocidade tem sido posta, com uma abnegação extraordinaria ao

serviço da libertação dos escravos. Mais feliz do que muitos outros que levam ás vezes a vida inteira a batalhar por uma idéia que nunca chegam a ver realisada, o glorioso tribuno teve a ventura de conquistar o que sonhára, vendo a sua patria completamente livre, vendo o Brazil sem um escravo. Contam os jornaes que no dia da abolição, no dia 13 de maio, n'esse dia glorioso que ha de illuminar eternamente a historia brasileira, a alegria e o entusiasmo de Nabuco eram perfeitamente indscriptiveis. Elle fallou na Camara, fallou nas ruas, fallou das redações dos jornaes, fallou nos theatros, n'uma palavra, esteve presente em toda a parte onde foi preciso um grito de entusiasmo, ou uma saudação eloquente.

O discurso que elle proferiu na Camara dos Deputados no dia 10 de maio, a espaços interrompido por bravos, palmas e applausos repetidos, tanto da Camara como das galerias, esse discurso é um modelo de modestia, de convicção e de suprema bondade, d'aquella bondade que é o triumpho dos fortes, dos que no dia da victoria não vão tripudiar sobre o cadaver dos vencidos. «A victoria final do abolicionismo no parlamento, exclamava elle, não é a victoria de uma lucta cruenta; não ha *vencidos* nem *vencedores* n'esta questão (*muitos apoiados*), são ambos os partidós politicos unidos que se abraçam n'este momento solemne de reconstituição nacional, são dois rios de lagrimas que formam um mar bastante largo para que n'elle se possa banhar inteira a nossa bandeira nacional.» Elle o soldado d'aquella batalha de tantos annos, elle o forte, o grande, o triumphador, elle vinha dizer alli que n'aquella questão não havia *vencidos* nem *vencedores*!

Não havia vencidos? E o que era o barão de Cotegipe, e o que eram os seus collegas, e o que eram tantos outros? Não havia vencedores? E o que era elle? o que era José do Patrocínio, o que era Clap, e o que eram os senadores Dantas e Affonso Celso Junior?

Não, não era assim, havia vencedores e dos mais legitimos, dos maiores, dos mais iminentes; mas é que aquellas palavras nasciam d'uma grande alma, d'um coração altissimo onde a vaidade nunca subiu e onde o amor da sua patria era maior que tudo... porque a ella tudo sacrificou.

## Pensativa

Azues os olhos de profunda vaga,  
Negras as tranças de sombria treva,  
No andar aquella morbidez vaga  
De folha morta que a corrente leva;

Quer quando parte ao romper d'aurora,  
Quer quando volta pelo sol poente,  
Vemol-a sempre pelos campos fóra  
Sempre a scismar no namorado ausente.



PENSATIVA

## Combustíveis fosseis

Diz-se que o carvão é o pão da industria. E não sabemos como melhor fazer sentir a sua importancia decisiva no desenvolvimento industrial, avassallador e triumphante, que é uma das mais incontestaveis glorias do *seculo do vapor*.

É certo que, onde por ventura ainda a vegetação abunda, se queimam lenhas em grande massa; mas ahí mesmo, sem embargo d'essa circumstancia privilegiada e excellente, os combustíveis do subsolo são procurados com insistencia, apesar das difficuldades inherentes á industria extractiva, porque só no seio da terra ha com que faltar a guela incandescente e faminta dos geradores do vapor.

Os jazigos carboniferos são os grandes armazens-depositos onde a Natureza, em actividade incessante e eterna, accumula, transforma e guarda os restos da vegetação.

Os tecidos vegetaes consistem principalmente em carbone, hydrogenio e oxygenio, que no lenho entram respectivamente na relação centesimal media de 53:5:42, abstrahindo de pequena quantidade d'azote e cinza.

No apodrecimento—ao contacto do ar—dos vegetaes mortos, combinam-se estes elementos com os da atmosphaera, para formar gazes e agua, de modo que, salvo o contheudo de materia inorganica, os restos das plantas desaparecem por completo, restituindo de novo á atmosphaera o carbone que d'ella tinham adquirido.

O caso porém, é outro, quando sedimentos vêm interceptar a entrada do ar: a decomposição é então extremamente lenta, e o jogo chimico faz-se diversamente. No processo de carbonisação combinam-se entre si os elementos chimicos das plantas, formando-se anhydride carbonico, gaz dos pantanos (que misturado com o ar é o terrivel *grisou*) e agua.

Para não fatigarmos com relações numericas, basta saber-se que, em conclusão, resta um excesso de carbone, que não entrou chimicamente em equação.

O processo de carbonisação, paciente, perseverante e moroso, trabalha pois para preparar carbone puro, á custa da massa vegetal.

Simultaneamente formam-se grandes quantidades de substancias soluveis humosas, que a agua arrasta para os espaços livres entre os despojos vegetaes, onde se accumulam em massa consistente.

O carbone contido nas plantas tiram-n'o ellas da atmosphaera, aspirando e decompondo o anhydride carbonico contido no ar.

Considere-se portanto a massa assombrosa de carvão já consumido, os enormes jazigos em exploração e os innumeros que falta reconhecer e lavar, e far-se-ha uma pequena ideia da alteração effectuada, só por este processo, na atmosphaera, para reduzi-la á composição respiravel em que vivemos.

A proveniencia vegetal das massas carboniferas não admite contestação nem duvida. A forma vegetal e a textura organica, muitas vezes consta-

tadas, as impressões das plantas encontradas nas argilas schistosas são provas claras e concludentes da origem phytogenica. N'uma colleção que possuímos temos d'isso exemplares eloquentes colhidos na bacia carbonifera de Zwickau (Saxonia).

O tempo é um factor geologico importantissimo. Em regra, quanto mais antigos são os jazigos carboniferos, mais adiantado é ao grau de carbonisação, cuja serie combustivel—*turfa*, *linhite*, *hulha* (carvão de pedra) e *anthracite*—cresce na percentagem de carbone.

A riqueza sempre crescente em este elemento não representa todavia paralelamente aptidão progressiva d'estas substancias para a combustão, nem maior poder calorifico, como poderia pensar-se. A graphite, que é carbone a bem dizer puro, arde com difficuldade grande, mesmo ao maçarico, e tanto que se emprega na confecção de cadinhos e outros vasos refractarios. A anthracite, com a media de 90 % de carbone, arde mais difficilmente que o carvão de pedra, com a media de 80. O seu effeito calorifico é tambem muito menor; porque, tendo a athracite a propriedade de se fraccionar em pequenos fragmentos pela elevação da temperatura, consome n'este trabalho grande quantidade de calor, alem de difficultar, por agglomeração compacta, a passagem do ar nas fornalhas.

A carbonisação no interior da terra, caminha tão lentamente que, ao fim de milhões d'annos, ainda o trabalho chimico não está completo.

Entretanto sobreveem, ás vezes, perturbações geologicas que acceleram o processo.

Os movimentos da crusta terrestre, quando produzem falhas que alcançam as camadas carboniferas, facilitam a entrada do ar e o desenvolvimento dos gazes, e assim pôde acontecer, e acontece, de facto, apresentar a mesma formação em uma parte carvão de pedra, onde reinou sempre a tranquillidade, e anthracite, onde os signaes de convulsões violentas são evidentes.

Se são erupções vulcanicas que atravessam os jazigos de carvão, caso que é frequente, as rochas eruptivas em fusão ignea, aquecendo extraordinariamente os corpos em contacto, fazem distillar o carvão, metamorphose similhante á que se dá nas retortas do gaz d'illuminação.

Como não é facil muitas vezes determinar á simples vista a especie do carvão, o meio mais simples para isso é queimar um pequeno fragmento. Se arde muito difficilmente, sem fumo e sem cheiro, é anthracite; ardendo com facilidade e muito fumo, aromatico, é carvão de pedra; se cheira mal, é linhite.

A. Barbosa.

## A moeda falsa

(DE BAUDELAIRE)

Quando nos afastavamos da tabacaria o meu amigo fez uma escolha cuidadosa do dinheiro; na algibeira esquerda do collete metten as moedas d'ouro; na direita as moedas de prata; na algi-



beira esquerda das calças, uma porção de moedas de cobre, e emfim na direita uma moeda de prata de dois francos que examinára particularmente.

—Singular e minuciosa distribuição! disse eu commigo mesmo.

Encontramos um pobre que nos estendeu o chapéu, tremendo.—Não conheço nada mais inquietador do que a eloquencia muda d'esses olhos supplicantes, que contem, ao mesmo tempo, para o homem sensível que os sabe ler, tanta humildade e tantas censuras. Encontra-se n'elles alguma coisa que se approxima d'esse profundo e complicado sentimento que existe nos olhos lacrimosos dos cães que se espancam.

A esmola do meu amigo foi muito mais consideravel do que a minha, e eu disse-lhe:

—Tens razão; depois do prazer de ficar admirado, o maior que existe é o de causar uma surpresa.

—Era a moeda falsa, respondeu-me elle tranquillamente, como para se justificar d'aquella prodigalidade.

Mas no meu cerebro miseravel, sempre occupado a procurar estrellas ao meio dia (tal é a faculdade fatigante com que a natureza me dotou) entrou subitamente a ideia de que semelhante conducta da parte do meu amigo, só se podia perdoar pelo desejo de conhecer as diversas consequências, funestas ou não, a que daria logar uma moeda falsa na mão d'um mendigo. Não poderia ella multiplicar-se em moedas verdadeiras? do mesmo modo não poderia conduzi-lo á prisão? Um taberneiro, um padeiro, por exemplo, vão talvez mandal-o prender como falsificador de moeda ou como passador de dinheiro falso. Quem sabe tambem se a moeda falsa será, para um pobre especulador, a origem de uma riqueza de alguns dias? E assim caninhava a minha phantasia, emprestando azas ao espirito do meu amigo e tirando todas as deducções possiveis de todas as hypotheses possiveis.

Mas elle interrompeu bruscamente o meu scismar continuando nas minhas proprias palavras:

—Sim, tens razão; não ha prazer mais doce do que surprender um homem, dando-lhe mais do que elle espera.

Olhei-o fixamente, na menina dos olhos, e fiquei espantado vendo que os seus olhos brilhavam com uma candura indescriptivel. Vi então claramente que elle tinha querido fazer ao mesmo tempo caridade e um bom negocio; ganhar quarenta *sous* e o coração de Deus; adquirir o paraizo economicamente; emfim apanhar gratis o diploma de homem caridoso. Ter-lhe-ia quasi perdoado o desejo do prazer criminoso de que ainda ha pouco o suppunha capaz; teria achado curioso, singular, que se entretivesse em comprometter os pobres; mas nunca lhe perdoarei a ineptia d'aquelle calculo. Não se pôde perdoar a quem é mau, mas ha algum merito em conhecê-lo, quando se é: e o mais irreparavel dos vicios é o de fazer mal por estupidéz.

Trad.

F. G.

## Curiosidades

Os francezes descobriram ha tempos a polvora sem fumo que, como todos sabem, tem sido o desespero dos allemães e de Bismark. Para surprender este segredo de toda a parte têm ido emissarios a Pariz, mas sempre em vão. Desesperados por não poderem obter a polvora sem fumo, lançaram-se agora n'uma via inteiramente contraria: fabricar nuvens de proposito para por de traz d'ellas manobrem os exercitos. E' sobretudo para notar que só depois de encontrada a polvora sem fumo é que se pensa na producção d'estas nuvens artificiaes.

A electricidade ultimamente tem sido aproveitada como um elemento muito util na pesca. Por meio d'ella pôde attrair-se o peixe aos differentes laços que se lhe armem. Isto pela razão de que os peixes tem uma grande sympathia por toda a claridade. Basta portanto fazer luz debaixo d'agua por meio da electricidade, conduzindo depois essa luz para o logar que se quizer.

O doutor Kruger, notavel higienista, formulou d'este modo os preceitos que o banhista deve observar:

Os mandamentos do banhista são 10.

Tu não te banharás:

- 1.º — Depois d'uma grande impressão;
- 2.º — Depois d'uma doença;
- 3.º — Depois d'uma noite de insomnia ou no caso de fadiga;
- 4.º — Depois de ter comido e bebido bem;
- 5.º — Ao ir para o banho não corras;
- 6.º — Nunca te banhes em agua cuja profundidade desconheças;
- 7.º — Não te dispas muito depressa, mas entra n'agua logo depois de despido;
- 8.º — Lança-te n'agua de mergulho; se não sabes mergulhar mette-te debaixo d'agua um instante;
- 9.º — Não te demores muito n'agua, excepto se fores muito forte;
- 10.º — Depois do banho esfrega-te, veste-te depressa, e caminha.

Eis um facto interessante e que tem preocupado bastante a população musulmana de Constantinopla.

Apresentou-se á policia um velho, guarda d'um cemiterio turco, affirmando que trez vezes durante a mesma noite tinha sido perseguido por uma visão que lhe bradava: «Estou farto de dormir ha tanto tempo debaixo d'este tumulo, vem desenterrar-me, vem desenterrar-me!»

Foi a policia immediatamente ao cemiterio, abriu o tumulo indicado pelo guarda, e, com espanto geral, encontrou lá dentro um velho muito bem conservado, com uma enorme barba branca.

Viu-se depois por algumas letras, já quasi apagadas, que havia na pedra, que o corpo era d'um religioso turco, especie de monge; que morrera havia mais de 300 annos.

Os musulmanos estão convencidos que é aquillo um grande milagre feito de proposito para fazer triumphar a sua religião. O sultão mandou erigir um rico mausuleu no logar onde foi encontrado o cadaver.

Das *Fliegende Blätter* :

NO RESTAURANTE

— O assado está realmente que se não pôde tragar. Ha que tempo anda na meza? . . .

CRiado — Haja v. ex.<sup>a</sup> de perdoar, mas não sei dizer-lh'o; eu sirvo n'este restaurante apenas ha oito dias.

Recreações

PERGUNTA CURIOSA

N.º 14

Qual é a povoação de Portugal mais alegre? — porque?

PROBLEMA

N.º 15

Dado um cartão de forma rectangular, tendo por um lado quatro unidades de comprimento, e pelo outro nove, dividil-o em duas partes eguaes que se possam reunir de maneira que formem um quadrado.

As respostas e soluções serão publicadas no n.º 8.

Respostas correspondentes ao n.º 3

N.º 7 — (*Pergunta curiosa*)

A melhor idade para a mulher casar é aos 12 annos, porque o Codigo Civil prohibe que se case antes, senão...  
Coimbra.

P. L.

Desde que haja com quem, creio que a idade não faz ao caso. Pela simples razão de que quanto mais cedo melhor.

Leiria.

T.

A idade mais propria para a mulher casar é quando não tem mãe... porque não dá uma sogra ao marido!

*Um genro que não pôde resignar-se.*

\*  
Não é facil responder á pergunta n.º 7. Diz Mantegazza:

«O amor é uma flôr, o casamento um fructo, mas a floricultura e a horticultura são tão semelhantes que podem parecer eguaes e a fusão d'ellas é uma combinação deliciosa.»

Ora vão lá saber em que epocha apparece a tal flor!  
Mysterio!

*Um lyrico encanecido.*

Quanto mais tarde, melhor!

*Um rapaz.*

Quanto mais cedo, melhor!

*Um velho.*

Respostas e solução correspondentes ao n.º 4

N.º 10 — (*Pergunta curiosa*)

Creio que é facillimo responder á pergunta n.º 8. Qual é a melhor coisa do mundo? Partamos primeiro do principio de que quando se pergunta qual é a melhor coisa do mundo, esta pergunta é puramente individual, relativa. E' como se se perguntasse assim: Qual é a melhor coisa do mundo para você, sr. Fulano? Ora esse Fulano pode gostar de muita coisa, achar uma melhor que outra, etc., mas o que eu affirmo e ninguem pôde contestar, é que se esse homem não vivesse não fazia nada d'isso. Logo, a vida é a melhor coisa, porque sem ella nada poderíamos apreciar. . .

*Um professor.*

A melhor coisa do mundo é a morte.

*Um desesperado.*

A melhor cousa d'este mundo é — o socego d'espirito, — não tem contestação.

Tondella.

\*\*\*

A melhor cousa do mundo é a virtude.

*Conselheiro Accacio.*

A melhor cousa do mundo e a bemaventurança no ceu.

*Calino.*

N.º 11 — (*Problema*)



Enviaram soluções exactas os Ex.<sup>mos</sup> Srs. M. Nunes, de Portalegre; — F. Pinto, de Braga.

Enviaram soluções exactas: — do problema n.º 5, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Antonio Gama, de Villa Nova de Famalicao; — do problema n.º 9, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alfredo Mendes Cabral, de S. Paio de Gouveia.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

COIMBRA, TYP. DE M. C. DA SILVA

# JORNAL PARA TODOS

17 de agosto de 1889



CACHOEIRA PAULO AFFONSO (BRAZIL)

### Cachoeira Paulo Affonso (Brazil)

O rio S. Francisco, que é um dos mais pittorescos da provincia de Pernambuco, (Brazil), é cortado aqui e alli no seu enorme percurso, que é de cerca de 2:000 milhas inglezas, por lindissimas cachoeiras, cujo barulho se escuta, ás vezes, á distancia de 1 kilometro e mais.

Quasi todos os rios do Brazil offerecem este magnifico espectáculo, que tanto encanta o viajante europeu, acostumado de ordinario aos rios mansos, navegaveis, correndo por um declive facil e lento.

E o que mais concorre para tornar essas cachoeiras quadros maravilhosos, verdadeiramente dignos de se verem, é a luxuriante, a extraordinaria, a pujantissima vegetação de que as margens d'esses rios são adornadas.

A frescura da agua, cahindo ora em lençoes alvissimos, ora em borbotões espumantes, sempre viva, sempre revolta, sempre gemedora, é de uma tal doçura de se ver e de se ouvir, que o viajante fica esquecido horas inteiras na contemplação d'essas bellezas surprehendentes.

É impossivel dar uma ideia exacta do que isso é, do muito que esses quadros nos prendem; porque a gravura, por mais perfeita que seja, será sempre um arremedo triste. O que essas cachoeiras tem de mais melancolicamente bello, um doce murmurar que se lhe escuta a distancia, esse não o reproduz a gravura, nem nunca reproduzirá; que é todo feito do prazer que a gente sente em depois de ter visto uma coisa, ouvi-la sem a ver, que é encanto maior e de muito mais suavidade.

A nossa gravura representa uma d'essas cachoeiras, a de Paulo Affonso, no rio S. Francisco, de que acima já fallamos.

Não é muito facil chegar até lá, porque fica a uma distancia de 200 milhas do mar.

Todavia, quem se dispozer a vencer as difficuldades d'essa jornada, não só verá pelo caminho as paizagens mais deslumbrantes do mundo, mas terá o gosto de encher os olhos com um quadro que nunca mais lhe ha de esquecer.

L. R.

### As riquezas artisticas dos conventos

Uma resolução ultimamente adogada trancou as portas do mosteiro de Lorvão á visita dos fôrasteiros. Medida extrema, que se lhes afigura, a elles, a unica efficaz para por cobro ao latrocínio insaciavel, audaciosamente continuado ainda depois da casa vasia!

E a proposito d'esta solicitude serodia, genuinamente á portugueza, occorrem naturalmente os escandalos praticados pela voracidade dos bandidos no levantamento e arrecadação dos espolios monasticos, logo depois de 1834.

A intrepidez com que têm sido espoliadas as riquezas de Lorvão offerece o exemplo da maneira cynica como as preciosidades de arte das casas religiosas em Portugal foram desbaratadas, á mercê da cubiça e da rapinagem exercida sem escrupulos, em toda a gerarchia social. Desde cima até baixo; desde as imminencias dos altos poderes até aos infimos ratoneiros, todos acharam o campo da exploração aberto, sem uma voz de protesto, sem uma medida séria de repressão, sem que a vigilancia administrativa tornasse validas e effectivas as responsabilidades dos seus agentes locaes.

Para se ajuizar da abjecção dos successos é preciso ler um documento authenticico, o livro de *Contas correntes*, publicado em 1842, dos objectos preciosos d'ouro, prata e joias que pertenceram aos conventos suprimidos.

O que alli se vê é inaudito; e o que claramente se adivinha, pela transparencia da mais cabal inepecia, é estupendo. A infidelidade e a má fé resaltam em cada pagina, em cada linha.

A casa da moeda foi uma especie de tonel das Danaides... O grande receptaculo dos altos colleccionadores e dos baixos commerciantes!...

Para se avaliar da austeridade e criterio com que os inventarios foram feitos, basta notar o seguinte: em Coimbra a capella da Universidade inscreve dois calices e duas colheres. Sómente!

A totalidade do valor das pratas pertencentes aos conegos regrantes de Santa Cruz é computada em 1:8155000 réis!

Dos dominicanos de Bemfica em 30:000 réis!

As riquezas do mosteiro de Santa Maria de Belem, entrando a celebre custodia d'ouro, sommam 3:5215727 réis!

Nada mais é preciso acrescentar!

Registram-se vendas, latrocínios, trocas e arranjos...

Uma *razzia*, a defraudação a descoberto, sem disfarces e sem pudor!

Os frades do convento dos Trinos de Santarem, assim como os de Villa Franca, recusaram-se a fazer a entrega das suas pratas; e ninguem os compelliu ao cumprimento da intimação.

Os Antoninos do Varatojo, depois do inventario feito, deitaram mão a parte do espolio e com ella se beneficiaram.

Os franciscanos do convento do Espirito Santo, Loures, apenas lhes constou o desastre das armas miguelistas de 10 d'outubro de 33, não esperaram pela consummação dos factos: distribuiram fraternalmente o que havia e evadiram-se, a respirar as puras brisas da liberdade!

E ha mais casos identicos!

Em Coimbra no convento de S. Jeronymo não encontraram uma oitava de prata!

D'entre os proprios depositarios, muitos d'elles, pouco tempo depois, se deram como roubados; outros falleceram e não consta que os herdeiros pensassem na restituição.

As pratas da casa de Nossa Senhora das Necessidades, de Lisboa, foram arbitrariamente postas á disposição da rainha! E parte das de S. Vicente foram mandadas para Londres, sem se sa-

ber como, sem auctorisação e sem responsabilidade!

E' um nunca acabar! Um sudario de indignidades aquellas 450 folhas de papel!

Comtudo estes acontecimentos lamentaveis podem encontrar attenuantes nas circumstancias anormaes em que occurriam: a audacia vacillava, com razão, diante dos temores de previsões sombrias. E a imprevidencia d'uns e o abuso de outros eram consequencias naturaes da grandeza do projecto, tumultuariamente levado a effeito, da supressão das ordens monasticas.

Os factos foram impellidos um pouco abruptamente: todos clamavam, ninguem se entendia n'aquelle tumultuar de interesses feridos e de ambições descontentes.

Mas hoje que a lição da experiencia e as necessidades da civilisação impõem o dever de acudir ao atrazo do paiz; n'este momento em que a influencia de lucidas e poderosas syntheses de critica e de historia deveriam despertar as attenções no sentido d'uma renovação educativa favoravel á arte, por meio de museus e collecções publicas, não se está desenrolando diante do paiz a continuação grosseira das mesmas scenas a respeito dos recolhimentos femininos, que n'este periodo, uns apoz outros, com pequenos intervallos se vão extinguindo?!...

Aqui em Coimbra, como se procedeu a respeito de Cellas, e de Sant'Anna? Que precauções estão tomadas sobre Santa Clara e Tentugal? Etc.

Que significação têm, como garantia de coerção aos repetidos assaltos, essas inutilidades calligraphicas chamadas inventarios? Vae tudo seguindo a marcha dos precedentes impunes.

Levados por contemplações servis de falsos respeitos, os poderes publicos abstêm-se de adoptar o unico meio seguro que se lhes offerencia desde logo: a apropriação immediata e completa de tudo o que fosse util ás exigencias de educação publica, repartindo pelos museus do paiz os abundantes especimens da arte nacional.

Não fez, nem o faz. O resultado é essa successão quotidiana de descaminhos e de roubos que os jornaes registram; e outros que cuidadosamente se occultam...

Para as collecções das suas escolas industriaes o governo está despendendo contos de réis na compra de reproducções estrangeiras; ao mesmo tempo que lança ao desbarato os mais valiosos originaes da antiga arte portugueza!...

A. G.

### Brincadeira forte

(DO ALLEMÃO)

Altas horas da noite encaminhavam-se para casa os dois estudantes Bangel e Stangel, aos solavancos e balanços, como dois navios em temporal defeito.

—Alto! diz Stangel, que mal se podia ter de pé, ao companheiro, tu acompanhas-me até casa e... ajudas-me a metter na cama!

—Está dito, não te deixo... agarra-te tu bem.

Assim chegaram os dois, felizmente, á casa onde morava Stangel. Depois de meia hora de combate entre um mortal e um buraco de fechadura, abriu-se a porta; Bangel arrasta o collega pelos seis degraus da sua morada ao rez-do-chão, e, com as palavras de devoto reconhecimento e satisfação — «Louvado seja Deus!» — atira com elle para cima da cama; sahe, fecha a porta da rua e... tropeça em um estafermo estirado ao comprido, no chão, diante da casa. Levanta-o, vê melhor... Quem havia de ser?! O amigo Stangel, que elle acabava de acompanhar á cama! Diabo! Agarra n'elle de zorros e leva-o para a cama outra vez. A' sahida, lá estava elle estatelado no passeio.

—Mysterio!!

Ainda esta vez rebóca o amigo, repetindo-se o mesmo processo, e, quando vae a sahir para a rua — quem havia de estar estendido no passeio? Stangel.

— Stangel, Stangel! grita Bangel abanando-o, pelo amor de Deus! então que historia é esta?...

— Sabes tu, Bangel, diz o collega, voltando-se amadorrado para a outra banda, uma vez ainda a partida tem graça, mas umas poucas, acho estúpido!

O caso era o seguinte: junto do leito estava uma janella aberta, e Bangel lançava o collega e amigo com tal força, que todas as vezes o fazia ir malhar á rua!

Vaz Silvestre.

### Utile dulci

I

Perfumes? O que eu fui, o que fazia  
Por uma essencia. E quanto não daria,  
(Eu dava até o meu anel d'opala)  
Por um cheiro, por uma ninharia,  
Contanto que eu fosse o primeiro a usal-a.  
Mas agora que esta alma soffedora,  
Achou alguem, uma radiosa estrella,  
E que ella diz que me estremece, agora  
Ao sahir eu abraço a minha bella,  
Abraço... e parto com o aroma d'ella.

II

Eu era um grande fumador. Passava  
Horas e horas a fumar; mas dava  
Para deixar aquelle vicio tudo,  
Dava tudo, porem não o deixava,  
E assim vivia desgostoso e mudo.  
Mas uma noite, n'ancia d'um desejo,  
Fallava eu com a mulher que amei,  
Fallava, e de repente dou-lhe um beijo,  
Um beijo só... e o que ella fez não sei,  
Mas depois d'isso nunca mais fumei.

L. R.



José Estevão Coelho de Magalhães

O culto aos grandes homens, esta nova religião introduzida pela philosophia moderna, vae ganhando terreno todos os dias, de sorte que não será muito para espantar se brevemente alguma aldeia em vez de pedir ao governo um campanario lhe vá supplicar uma estatua. O centenario de Camões e o centenario de Pombal, esses dois movimentos brilhantissimos da alma portugueza, deixaram uma impressão profunda, lançaram raizes no coração do povo. E é assim, por este processo, que se gera, que se apura, que se prolonga a tradição. Vê-se que a semente não cahiu em terreno estéril. O povo que á primeira vista parece bronco e estúpido, incapaz de comprehender e sentir, o povo, se não comprehendeu o centenario de Camões ou de Pombal, pelo menos sentiu, sentiu que se tractava d'alguma coisa de grande, e a alma collectiva vibrou na apothese dos seus heroes, sacudida pelo sentimento da propria grandeza.

E que este movimento não se perderá mais, que d'aqui por diante tomará um logar cada vez mais importante na vida nacional, são os proprios factos que o estão provando a todo o momento.

Ainda agora a cidade de Aveiro acaba de levantar-se, accêsa no enthusiasmo das suas tradições, para festejar o seu glorioso tribuno, o grande José Estevão. E na verdade quem melhor e mais merecia do que elle, cuja palavra inflammada esteve sempre ao serviço da sua terra, cujo coração bateu sempre pelo seu paiz, nas batalhas, no exilio, na tribuna. Elle não era d'estes homens frios,

calculados, cuja vida segue uma linha traçada por elles antecipadamente. Era um entusiasta, um revolucionario, um patriota.

Por occasião do golpe d'estado de D. Miguel, em 1828, insurgindo-se os estudantes em Coimbra contra o infante, José Estevão marchou immediatamente para Aveiro a ver se revolucionava a cidade. Mallograda a tentativa, emigrou. Voltando depois á patria combateu valentemente no cerco do Porto, ganhando a condecoração da Torre Espada. Tranquillo o paiz, restabelecida a Carta, e terminada a revolução de setembro, José Estevão foi eleito deputado, por Aveiro, ás côrtes constituintes que então se celebraram. Foi ali que elle mostrou pela primeira vez quanto valia, e o orador que era, batendo-se gloriosamente com Almeida Garrett, Rodrigo da Fonseca e Passos Manuel.

José Estevão era essencialmente orador, um grande orador. A presença, o olhar, o gesto, a voz, a maneira de dizer, o modo de sorrir, a propria estatura, tudo concorria n'elle para prender, captivar, dominar a quem o ouvia. Todas as proporções do corpo, disse d'elle Rebello da Silva, quando um grande pensamento o domina, concorrem para o decoro do gesto e da

exposição; e nas occasiões solemnes ninguem excede a elegancia d'aquelle busto, que a natureza parece ter formado de proposito para a tribuna. Um traço muito característico da maneira oratoria de José Estevão era o modo como elle interrompia com *ápartes* os outros oradores, e como respondia aos que o pretendiam perturbar. Muitos, e ás vezes grandes oradores, emmudeceram diante das suas replicas esmagadoras. O proprio Rodrigo da Fonseca, cujo espirito não temia adversarios, esse mesmo respeitava-o e não poucas vezes ficou enleiado diante do imprevisto dos *ápartes* de José Estevão. Dizem as pessoas que o ouviram que é impossivel fazer uma ideia do grande orador desde o momento que não se tenha tido a ventura de o ouvir. Os seus discursos, lidos, perdem todo o brilho, todo o relevo, todo aquelle extraordinario fogo que o orador arrebatado lhes imprimia. Alem de que era tal o encanto da palavra de José Estevão, que os tachigraphos se distrahiam em meio, presos dos seus labios, não sendo possivel nunca reproduzir-lhe um discurso por inteiro. Houve discursos de José Estevão, tão eloquentes, tão commoventes, cheios de tamanha sinceridade, que chegaram a arrancar as lagrimas da Camara, como foi por exemplo o celebre discurso *Charles et George*, em que os inimigos, os que lhe não fallavam, foram os primeiros a ir comprimental-o e abraçal-o. Foi incontestavelmente o primeiro orador portuguez.

L. R.

## A Exposição de Paris

## III

## AINDA A TORRE EIFFEL

Porquê e ainda sempre a torre Eiffel? perguntas tu, querido leitor da minh'alma, que lês estas minhas mal alinhavadas linhas sobre Paris e sobre as maravilhas d'esta grandiosa Exposição universal!

Sim, — porque a torre Eiffel é o principal objectivo d'uma viagem á Exposição, porque de 100 pessoas que visitam o Campo de Marte, pelo menos 30 ou 40 vão ali só para ver a torre Eiffel, para subir nos ascensores ou pelas interminaveis escadas que nos conduzem aos tableiros.

Os ascensores, como já dissemos são de diversos systemas :

Do chão ao 1.º andar ha quatro elevadores. Dois são do systema Roux, Combaluzier e Lepape e dois do systema Otis.

Do 1.º ao 2.º andar a ascensão faz-se por meio de 2 ascensores Otis, no espaço de 115 metros. E emfim do 2.º ao 3.º, isto é, ao campanillo, acha-se o ascensor do systema Edoux.

Todos esses elevadores são movidos por agua; e funcionam magnificamente.

Os ascensores de MM. Roux, Combaluzier e Lepape têm o pistão fraccionado, e esse mesmo pistão é constituído por uma serie de hastes que se articulam umas ás outras. Este orgão trabalha por compressão como o pistão ordinario, e não ha receio de nenhuma deslocação lateral. A grande cadeia é posta em acção por uma roda que nós vemos embaixo, na base dos pilares e enrola-se como uma cadeia ou corrente de draga. A *cabine* é arrastada por um duplo movimento, obrando simultaneamente. O movimento das cadeias de ferro é devido a um duplo systema de pistões prolongadores sob a acção da agua armazenada em reservatorios collocados a 115 metros d'alto.

A rapidez d'estes ascensores é d'um metro por segundo e cada *cabine* pôde conter 100 viajantes que em um minuto e varios segundos são transportados do chão ao 1.º tableiro.

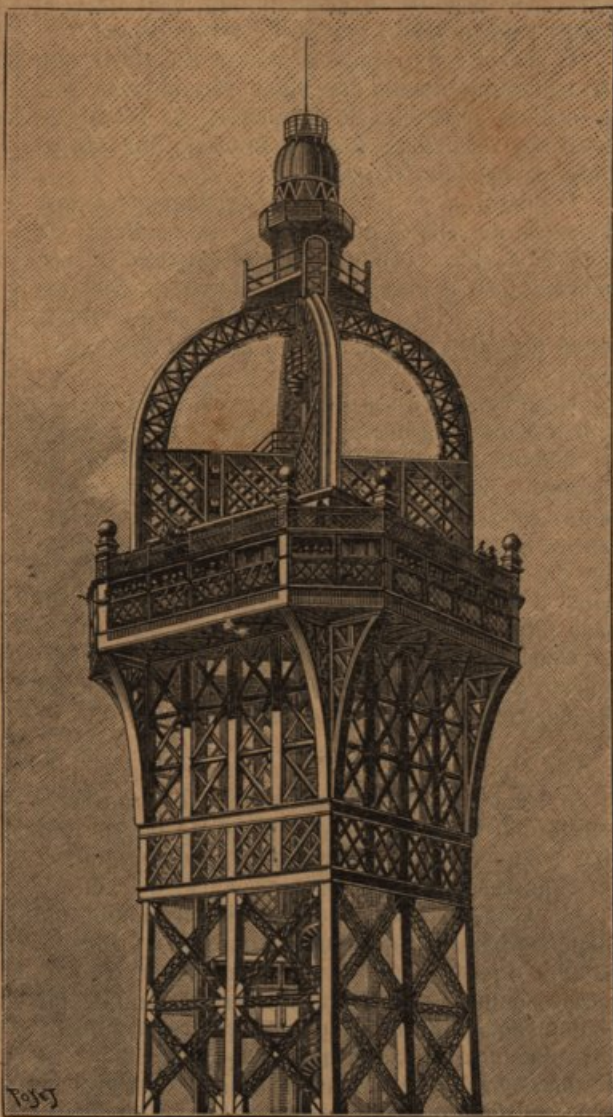
Os dois ascensores Otis são invenção americana. Não podemos dar uma descripção completa do machinismo d'estes ascensores porque ainda não a encontrámos publicada; sabemos no entanto que têm um cylindro onde se move um pistão posto em movimento tambem pela agua dos reservatorios do 2.º andar, com uma pressão de 11 a 12 atmospheras. A *cabine* é suspensa por 6 fios d'aço, mas bastava um só fio para a sustentar.

A *cabine* d'este ascensor pôde conter 50 viajantes, mas a sua rapidez ascensional é de 2 metros por segundo, isto é, o duplo da rapidez dos outros ascensores de que já tractámos.

O ascensor Edoux compõe-se de duas *cabines* ligadas por cabos, uma das *cabines* effectua o transporte dos viajantes desde a 2.ª plata-forma até ao

meio da 2.ª parte da torre e depois a outra *cabine* é que toma os passageiros até á plata-forma superior.

A primeira *cabine* é trazida por dois pistões de prensa hydraulica. As *cabines* pôdem elevar 750 pessoas cada hora e têm uma superficie de 14 metros quadrados cada uma. Um freio bastante poderoso responde por todos os accidentes. E mesmo que o cabo se quebrasse no meio da ascensão, os viajantes não soffreriam coisa nenhuma na queda.



O CAMPANILLO DA TORRE EIFFEL

Todos estes ascensores permitem a ascensão por hora de 2:350 pessoas, ao 1.º e 2.º andar e 750 ao 3.º.

\*

Como já dissemos no nosso artigo ultimo, o publico só pôde subir até 276 metros e 13 centímetros. Para cima são as salas reservadas para experiencias scientificas e ha o quarto de M. Eiffel.

Esta parte extrema da torre é formada por quatro *caissons á treillis* orientados segundo aos diagonaes da secção quadrada da torre.

Ha tres laboratorios no alto. O 1.º é consagrada á astronomia, o 2.º tem os apparatus registradores de meteorologia e é dirigido por M. M. Mascart e Cornu; o terceiro emfim é reservado á biologia e aos estudos micrographicos do ar; foi organizado pelo dr. Hénocque.

O pharol da torre Eiffel é igual na intensidade dos seus 24 *ampères* ao pharol de Rouen. A força luminosa é de  $125 \times 24$ , ou seja 3:000 *ampères*. Até hoje só se havia obtido, com uma só lanterna um maximo pratico de 90 *ampères*.

O pharol é fixo, mas as placas de vidro que são collocadas diante dos fogos são moveis, por meio d'um apparatus de relojoaria. As placas de vidro são vermelhas, azues e brancas, que são as côres da bandeira franceza.

O pharol só se pôde ver distinctamente a uma distancia de 1:500 metros, isto é, na Praça da Concordia. Para produzir a luz electrica d'esse enorme foco é necessaria uma força de 500 cavallos, e a machina productora acha-se no subterraneo do pillar n.º 3 da torre, como a dos ascensores.

Os projectores são dois apparatus de grande potencia que lançam raios luminosos sobre todos os monumentos de Paris. Têm 90 centímetros de diametro. Estão collocados a 290 metros e nas noites claras levam a luz até 10 kilometros de distancia. São identicos aos projectores dos couraçados da marinha franceza. A potencia luminosa é igual a 10:000 bicos Carcel e a intensidade luminosa total é de 8 milhões de Carceis.

Concentrando os dois focos sobre o mesmo objecto tem-se 6 milhões de Carceis. Ha mais de 30 electricistas empregados nos projectores.

\*

A bandeira que tremula no alto da torre Eiffel tem 8 metros de comprido sobre 6 de largo. Está fixa a uma vara de madeira muito grossa.

Com respeito a pára-raios.

A Academia das Sciencias declarou que um qualquer para-raios na torre seria uma inutilidade. A torre é já de si mesmo um magnifico pára-raios, porque a massa metallica está em communicação com a camada de interior da terra, por conductores especiaes, ao longo de cada pilastra.

Podemos estar á vontade no alto da torre, no meio de raios e trovões que não ha perigo algum.

Paris.

Xavier de Carvalho.

### Um enviado da Providencia

(DE HENRY MURGER)

Schaunard e Marcel, que tinham começado a trabalhar desde pela manhã, valentemente, suspenderam de repente o trabalho.

— Arre diabo! estou com uma fome! disse Schaunard, e ajuntou negligentemente: Então hoje não se almoça? Marcel pareceu muito admirado d'esta pergunta, mais que nunca importuna.

— Então quando é que se almoça dois dias a seguir? disse elle. Hontem foi segunda feira.

E completou a resposta designando com a varreta este mandamento da igreja:

«Á terça carne não comerás  
«Nem outra cousa do mesmo modo

Schaunard não achou nada que responder e poz-se a pintar no seu quadro, o qual representava uma planicie habitada por uma arvore vermelha e uma arvore azul cujos ramos se entrelaçavam. Allusão transparente ás doçuras da amisade, e que era na verdade de uma grande philosophia.

N'este momento, o porteiro bateu á porta. Trazia uma carta para Marcel.

— São tres *sous*, disse elle.

— Com certeza? replicou o artista. Pois melhor, o senhor fica-os devendo.

E deu-lhe com a porta na cara.

Marcel tinha pegado na carta e rasgado o sobrescripto. Ás primeiras palavras poz-se a dar saltos d'acrobata no *atelier* e entou em altos berreiros a seguinte celebre romança, que indicava n'elle o apogeu da alegria:

Quat'o r'pazes no bairro havia  
Os quatro estavam todos doentes;  
Levados são á Confraria,  
Ia! ia! ia! ia!

— Depois, sim, disse Schaunard continuando:

São com geito postos n'um leito,  
Dois aos pés dois á cabeceira.

— Já estou farto d'isso.

Marcel continuou:

Viram chegar-se-lhe uma freira,  
Eira! eira! eira! eira!

— Se tu não te calas, disse Schaunard, que sentia já symptomas de alienação mental, vou executar-te o allegro da minha symphonia sobre a *influencia do azul nas artes*.

E approximou-se do piano.

Esta ameaça produziu o effeito d'agua fria lançada n'um liquido em ebullição.

Marcel esfriou como por encanto.

— Toma lá, disse elle passando a carta para o amigo. Vê.

Era um convite para jantar d'um deputado, protector illustrado das artes e em particular de Marcel, o qual lhe tinha feito uma pintura da casa de campo.

— E' para hoje, disse Schaunard; que má sorte não ser este bilhete para duas pessoas. Mas na verdade, estou a pensar, este deputado é ministerial; tu não podes, tu não deves acceitar: os teus principios não te permitem ir comer um pão amassado com o suor do povo.

— Qual historia! disse Marcel, o meu deputado é centro esquerdo; votou outro dia contra



o governo. Alem d'isso está para me arranjar uma encomenda, e prometeu apresentar-me na alta sociedade; depois, percebes tu, que bem me importa que seja sexta feira, sinto-me com uma voracidade ugolina, quero jantar hoje, é o que é.

— Ha ainda outros obstaculos, replicou Schounard, que o que estava era um pouco invejoso da fortuna que cahia em casa do amigo. Não podes ir jantar fóra de casa de blusa vermelha e com um barrete de carregador.

— Vou pedir emprestado o fato do Rodolpho ou do Colline.

— Mancebo insensato! pois não te lembras que já passámos o dia 20 do mez, e que n'esta epocha os fatos d'esses senhores estão *pregados e repregados!*

— Pelo menos uma casaca arranjo eu d'aqui a cinco horas, disse Marcel.

— Levei tres semanas para arranjar uma por occasião do casamento de meu primo; e era no começo de janeiro.

— Que me importa, vou como estou, replicou Marcel passeando a passos largos. Não se dirá que uma miseravel questão *d'etiqueta* me impediu de dar o meu primeiro passo na *sociedade*.

— A proposito de passos, interrompeu Schounard, com infinito prazer em martyrisar o amigo, e botas?

Marcel sahio n'um estado de agitação impossivel de descrever.

Duas horas depois tornou a entrar com um collarinho postiço.

— Foi tudo o que encontrei, disse elle n'um tom de grande lastima.

— Não valia a pena cançar por tão pouco, respondeu Schounard, ha aqui papel para fazer uma duzia.

— Mas, disse Marcel puchando pelos cabellos, nós devemos ter roupa, que diabo!

E começou uma longa pesquisa a todos os cantos dos dois quartos.

Uma hora depois tinha arranjado um vestuario d'este modo:

Calça escoceza,  
Chapeu cinzento,  
Gravata vermelha,  
Uma luva que fóra branca,  
E uma luva preta.

— Em caso de necessidade, disse Schounard, ficas com um par de luvas pretas. Mas depois de vestido, darás á impressão do espectro solar. Não admira, quando se é colorista!

Durante este tempo Marcel experimentava as botas.

Fatalidade! Eram ambas do mesmo pé!

O artista, desesperado, avistou então a um canto uma bota velha na qual se guardavam os tubos de tinta velhos. Foi buscal-a.

— De *Garrick* em *Syllabe*, disse-lhe o ironico companheiro: essa é bicuda, a outra é romba.

— Isso encobre-se bem, vou envernizal-as.

— E' uma ideia! só te fica faltando a casaca do estylo.

— Oh! disse Marcel furioso, para arranjar uma eu dava a mão direita e dez annos da minha vida!

Ouviram de novo bater á porta. Marcel abriu.

— O senhor Schounard? disse um estranho do limiar.

— Sou eu, respondeu o pintor pedindo-lhe que entrasse.

— Senhor, disse o desconhecido, possuidor de uma d'estas caras honestas que são o typo do provinciano, meu primo fallou-me muito do seu talento como retratista; e estando eu para fazer uma viagem ás colonias, onde vou como delegado dos refinadores da cidade de Nantes, desejava deixar uma lembrança minha á familia. Foi por isso que vim procural-o.

— Oh santa Providencia!... murmurou Schounard. Marcel traz uma cadeira para este senhor...

— Blancheron, Blancheron, completou o estrangeiro; Blancheron de Nantes, delegado da industria saccharina, antigo *maire* de V..., capitão da guarda nacional, e auctor d'uma brochura sobre a questão do assucar.

— Muita honra tenho em ter sido escolhido por v. ex.<sup>a</sup>, disse o artista inclinando-se diante do delegado dos refinadores. Como deseja v. ex.<sup>a</sup> o retrato?

— Em miniatura, como isto, respondeu Blancheron indicando um retrato a oleo; porque, para o delegado como para muitos outros, o que não é pintura de edificios é miniatura, não ha meio termo.

Esta ingenuidade, deu a Schounard a medida do homem com quem estava contratando, sobretudo quando este accrescentou que desejava o retrato feito com tintas finas.

— Nunca emprego outras, disse Schounard. De que tamanho deseja v. ex.<sup>a</sup> o retrato?

— Assim, respondeu Blancheron mostrando uma tēla de vinte. Mas porque preço fica?

— Cincoenta a sessenta francos; cincoenta sem as mãos, sessenta com ellas.

— Diabo! meu primo tinha-me fallado em trinta francos.

— E' confôrme a estação, disse o pintor; ha epochas em que as tintas são muito caras.

— O que! então é como o assucar?

— Exactamente.

— Vá então por cincoenta francos, disse Blancheron.

— V. ex.<sup>a</sup> faz mal, por mais dez francos teria as mãos nas quaes eu collocaria a brochura de v. ex.<sup>a</sup> sobre a questão do assucar, o que seria muito distincto.

— Palavra d'honra, acho-lhe razão.

— Caramba! disse Schounard comsigo mesmo, se isto continúa, eu rebento e mato-o com os estilhaços.

— Tu já reparaste? segredou-lhe Marcel ao ouvido.

— O que?

— Elle tem um fato preto.

— Comprehendo, já sei o que tu queres. Deixa-me cá.

— Pois muito bem! disse o delegado, quando principiaremos? E' preciso não demorar muito, porque eu parto brevemente.

— Tambem eu tenho que fazer uma pequena viagem; depois d'amanhã saio de Paris. Portanto, se v. ex.<sup>a</sup> quer, vamos começar immediatamente. Uma boa sessão adiantará o trabalho.

— Mas d'aqui a bocado anoitece, e não se pôde pintar com luzes, disse Blancheron.

— No meu *atelier* trabalha-se a toda a hora... está disposto para isso... replicou o pintor. Se v. ex.<sup>a</sup> quer tirar o fato e tomar a *pose*, principiamos já.

— Tirar o fato! Para que?

— V. ex.<sup>a</sup> não disse que destinava o retrato á familia?

— Sem duvida.

— Logo, v. ex.<sup>a</sup> deve ser representado no seu vestuario de casa, em *robe de chambre*. De resto, é como se usa.

— Mas eu, aqui, não tenho *robe de chambre*.

— Mas tenho eu. O caso está previsto, disse Schaunard, dando ao modelo um farrapo salpicado de manchas de tinta, que fez hesitar, ao principio, o honesto provinciano.

— Este vestuario é muito singular, disse elle.

— E muito precioso, accrescentou o pintor. Foi um vizir turco que fez presente d'elle a Horacio Vernet, que m'o deu a mim. Sou discipulo de Vernet.

— O senhor é discipulo de Vernet? disse Blancheron.

— Sim, senhor, orgulho-me d'isso. Horror, murmurou elle consigo mesmo, estou a renegar os meus deuses.

— E tem de que orgulhar-se, mancebo, voltou o delegado enfiando o *robe de chambre* que tinha uma origem tão nobre.

— Pendura o fato de s. ex.<sup>a</sup> no guarda roupa, disse Schaunard para o amigo, piscando o olho significativamente.

— Olha cá, murmurou Marcel lançando-se sobre a sua presa e designando Blancheron, elle é tão bom! se tu podesses guardar um bocado.

— Hei de ver! mas deixemos isso, veste-te e marcha. Volta ás dez horas, elle está seguro até lá. Traze-me alguma coisa nos bolços.

— Trago-te um ananaz, disse Marcel abalando. Vestiu-se á pressa. O fato ficava-lhe como uma luva; depois saiu pela segunda porta do *atelier*.

Schaunard estava a trabalhar. Já tinha escurecido de todo, Blancheron ouviu dar 6 horas e lembrou-se de que não tinha jantado. Disse-o ao pintor.

— Estou no mesmo caso; mas, para ser agradavel a v. ex.<sup>a</sup>, nem jantarei hoje. Todavia tinha sido convidado para uma casa do bairro S. Germain, disse Schaunard. Mas não podemos interromper o trabalho; prejudicaria a semelhança.

E poz-se a trabalhar.

— Mas ha uma coisa, disse elle de repente, é que podiamos jantar aqui mesmo. Ha lá em baixo um restaurante magnifico que nos mandaria cá a cima tudo o que nós quizessemos.

E Schaunard esperou o effeito do seu *trio* de pluraes.

— Adopto essa ideia, disse Blancheron, e em troca quero crer que me fará a honra de me acompanhar á mesa.

Schaunard inclinou-se.

— Ora vamos lá, disse elle para si mesmo, é um bello homem, um verdadeiro enviado da Providencia. V. ex.<sup>a</sup> quer fazer a lista? perguntou ao *amphitryão*!

— Ficar-lhe-ia muito agradecido se se quizesse encarregar d'isso, respondeu elle delicadamente.

— Tu te arrependers, Nicolas, cantarolou o pintor descendo os degraus a quatro e quatro.

Chegado ao restaurante, poz-se ao balcão e redigiu um *menu* tal que fez empallidecer o Vatel do estabelecimento.

— Bordeus.

— Quem é que paga?

— Não sou eu, naturalmente, disse Schaunard, mas um tio meu que está lá em cima, um lambareiro d'alto lá com elle. Portanto, meu amigo, trate de se esmerar, e que sejamos servidos em meia hora, e sobretudo em procelana.

A's oito horas, Blancheron sentiu necessidade de derramar no seio d'um amigo as suas ideias sobre a industria saccharina, e recitou a Schaunard a brochura que tinha escripto.

Schaunard acompanhou-o ao piano.

A's dez horas, Blancheron e o seu amigo dançavam um galope e tratavam-se por tu. A's onze horas, juravam que nunca mais se haviam de esquecer um do outro, que nunca mais se haviam de deixar, e faziam testamento um ao outro de toda a fortuna.

A' meia noite, Marcel entrava e encontrava-os nos braços um do outro; desfaziam-se em lagrimas. Havia já meia pollegada d'agua no *atelier*. Marcel esbarrou na meza e viu os esplendidos destroços do soberbo festim. Experimentou as garrafas; completamente vasia.

Quiz despertar Schaunard, mas este ameaçou matal-o se lhe tirasse Blancheron, de quem fazia cabeceira.

— Ingrato! disse Marcel tirando da algibeira da casaca um punhado de avelãs. E eu que lhe trazia de jantar!

#### Solução correspondente ao n.º 5

##### N.º 12 — (Problema-phantasia)

Pediu-se emprestado a um visinho um boi; ficaram assim 18 bois... João recebeu 9 bois ( $\frac{1}{2}$ ); Manuel, 6 ( $\frac{1}{3}$ ); Pedro, 2 ( $\frac{1}{9}$ ) O boi que se pedira emprestado tornou a ser entregue ao dono...

Enviaram soluções exactas os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Fernando Reis, Lisboa; — P. Neves, Evora.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

# JORNAL PARA TODOS

24 de agosto de 1889



EM LEÇA DA PALMEIRA — Desenho a carvão, pelo Sr. Luiz Bastos

(Esboço do auctor)

## Em Leça de Palmeira

O desenho que hoje damos com este titulo representa um dos arredores mais lindos da formosa praia de Leça da Palmeira.

Esta praia fica na margem direita do rio Leça, logo em frente de Mattosinhos. Concorridissima no tempo de banhos, é alli que se reúnem as familias mais abastadas do Porto.

Uma das industrias da terra são as salinas; todavia os terrenos são férteis e proprios para a agricultura cujos productos são em geral bons e abundantes.

Quasi todos os arredores de Leça da Palmeira são lindissimos. E' admiravel a vista que se gosa de cima da ponte de 19 arcos que liga esta praia com Mattosinhos.

Em 1884, por occasião da Exposição Districtal de Coimbra, o notavel professor de desenho, sr. Luiz Bastos, sendo instado para que expozesse alguma coisa, fez o primoroso desenho de que damos o esboço.

O sr. Luiz Bastos como paizagista é uma individualidade muito caracteristica. Todos os seus desenhos são de uma grande belleza.

A paizagem de Coimbra, confessado por todos os artistas que é das mais difficeis de apanhar, tem sido admiravelmente comprehendida e reproduzida pelo illustre professor. Um estudo de muitos annos, um gosto delicadissimo e um talento incontestavel grangearam-lhe a superioridade que todos lhe reconhecem.

L. R.

## A Exposição de Paris

### IV

#### O GRANDE PALACIO DAS MACHINAS

Depois da torre Eiffel — ou melhor — ao lado da torre Eiffel como audacia e como grandeza em monumento e belleza e novidade architectonica, — temos o Palacio das Machinas.

Todo o seculo futuro está alli dentro d'aquelle grande *hall* de 450 metros de extensão! — o seculo futuro com todos os seus instrumentos de trabalho e de paz, a machina substituindo o homem, e o homem dominando a natureza, com o aproveitamento de todas as forças dispersas, a começar pelo fogo e pela agua.

Apenas entramos n'aquelle grandioso templo do Progresso Humano, mil vezes mais bello e mais alevantado nos seus intuitos do que a basilica de S. Pedro em Roma, as lagrimas saltam-nos de repente aos olhos, e na nossa imaginação surge como n'um vasto panorama, todo o labutar humano de vinte seculos atraz até aos nossos dias. Quantas luctas, quantas guerras, quantas ondas de sangue esterilmente despendidas; oh! se os homens tivessem visto claro ha mais tempo! se elles ti-

vessem comprehendido emfim que o unico *campo d'honra*, o unico campo de batalha é a officina, é o *atelier* e é emfim esta exposição universal em que todos se esforçam para augmentar os beneficios do trabalho, da paz e do progresso! Mas felizmente parece-nos que de hoje em diante a humanidade começa a *ver verdadeiro* e o homem auxiliado pela machina é o senhor do mundo.

No entanto ainda ha muito que fazer e muito que batalhar, mesmo pacificamente dentro do *atelier*. As classes trabalhadoras desorientadas pelas politicas empregam hoje toda a energia que possuem em fazer deputados e em promulgar leis absurdas, como essa legislação internacional do trabalho. Os operarios só devem trabalhar para a conquista dos instrumentos do trabalho e da terra, emfim para que no mais breve espaço de tempo sejam elles os possuidores da Machina. Mandem a politica ao diabo — ella só serve para enviar varios espertalhões a meia libra por dia, para as bancadas de S. Bento. A verdadeira politica é a lucta ardente entre o capital e o trabalho, e n'este combate é necessario que o trabalho seja o vencedor, porque o contrario será a continuação d'este resto d'escravidão a que o homem está hoje sujeito pelo salario.

\*

Para fazer uma simples ideia do que é o Palacio das Machinas basta dizer que se poderiam alli metter o Arco do Triumpho ou a Columna Vendome que não chegariam ao alto do envidraçamento. Apenas entramos e olhamos em volta, dá-nos ideia d'um navio sem mastros e voltado de costas! Mas que navio! imaginem os leitores: o espaço occupado pela Galeria e nave central representa a somma quasi fabulosa de 80:400 metros quadrados ou sejam perto de 8 hectares. Um exercito de 32:000 homens podia ali dormir á vontade, dispondo cada homem do espaço de 2 metros e meio, e nas galerias ainda ficava espaço para 12 a 15:000 cavallos, podendo dormir os soldados nas galerias do 1.º andar.

Os arcos de ferro que constituem a carcassa do Palacio são d'uma forma nova e pesam 200:000 kilogrammas cada um.

As grandes dimensões formidaveis do Palacio das Machinas na Exposição de 1889 são uma prova como a industria mechanica se tem adiantado n'este seculo de vapor e de electricidade. Os motores empregados podem desenvolver 5:500 cavallos-vapor de força e a superficie occupada pelos expositores d'arte mechanica é de 80:400 metros quadrados, cerca de 8 hectares.

\*

A cobertura metallica e os pilares que sustentam a nave central pesam 10:403:000 kilos. É um verdadeiro assombro!

As duas galerias annexas têm 18 metros de largo e a serventia do 1.º andar é feita por vastas escadarias e ascensores. As duas tribunas de cada extremidade medem 21, m<sup>50</sup> de largura.

A parte media da grande nave, reservada ás machinas em movimento, está dividida, em toda a sua largura, em 4 *travées* de 15 metros separadas umas das outras por passeios asphaltados, de 8 metros de largo e por passagens lateraes de 3 metros. Nada mais bello do que um passeio atravez d'esses monstros de ferro e aço, sobretudo quando todas as machinas estão em movimento.

Mas o que ha de mais admiravel em toda a construcção do grandioso Palacio das Machinas é que a nave principal cobre uma superficie de 43:325 metros sem ponto algum d'apoio! Esta nave é a maior que até hoje se tem construido no mundo inteiro!

A nave central é tambem uma maravilha d'equilibrio. Nada temos a receiar das mudanças de temperatura, porque as columnas estão collocadas em trens compensadores que recuam ou avançam á medida que a temperatura sóbe ou desce, sobre uma especie de *rail* proporcionado. E' um trabalho muito engenhoso, sendo ao mesmo tempo uma das ultimas descobertas da mechanica.

Podemos visitar a galeria das machinas sobre as pontes rolantes que deslizam por meio da electricidade sobre as azas de duas barras estabelecidas ao longo da galeria e que servem para sustentar a transmissão do movimento das machinas. Estão a 7 metros d'alto — e gosa-se d'alli um ponto de vista maravilhoso sobre toda a exposição.

Continuaremos nos nossos proximos artigos sobre a exposição, a descrever a galeria das machinas.

Paris.

Xavier de Carvalho.

## Na morte dos filhos de Theophilo Braga

(THEOPHILO E MARIA DA GRAÇA)

«Guiando-se um ao outro á sepultura»,  
Elles entraram na mansão-escura,  
Emballados em lagrymas, em ais...  
Hão de alli brotar lirios, nascer rosas...  
Mas essas boas flores mysteriosas  
Trazem na seiva o coração dos paes.

Lisboa, — 1889.

Joaquim de Araujo

## O caixa

Toda a gente conhece a casa Closett & C.<sup>a</sup>, de New-York.

O sr. Walter Closett e o seu principal associado, Samuel Rascal, são afamados em todas as praças do mundo. Gaba-se a sua finura, a sua largueza de vistas, o seu tacto e a elasticidade quasi indefinida das suas consciencias.

Elles possuem sobretudo no mais alto grau — e é talvez a sua qualidade principal — esse admiravel senso pratico que distingue todos os filhos da livre America.

Closett & C.<sup>a</sup> tinham um empregado modelo. Um mancebo ainda imberbe chamado James Gut.

James tinha entrado para a casa na idade em que de ordinario os outros apenas brincam com a pella.

Mas o pequeno era serio para a idade. Metteu logo o dente nos algarismos e trabalhou com o ardor d'um homem feito.

Era pratico, elle tambem!

A assiduidade, a intelligencia de James fizeram com que fósse notado pelos patrões.

A' medida que ia crescendo, deram-lhe elles melhor posição, augmentaram-lhe os ordenados, concederam-lhe maior parte na gerencia dos seus negocios.

Tiveram motivos para se felicitarem por isso. Esperto e trabalhador, James não foi prejudicial — longe disso — aos creditos de Closett & C.<sup>a</sup>

N'este entrementes, o caixa da casa — um velho caixa que ha mais de vinte annos desempenhava o cargo — morreu.

Por quem Samuel Rascal e Closett o substituiram? Por James Gut, a pesar da sua idade.

Um bello e optimo logar, *indeed*, o de caixa de Closett & C.<sup>a</sup>! Nomeando-o para tal posto, certamente que os patrões de Gut não podiam ser acoidados de ingratidão para com essa perola dos empregados.

Procediam muito bem, o que!

Um nobre procedimento é sempre recompensado.

James Gut exerceu as suas funcções com regularidade perfeita e rara capacidade... durante seis mezes.

Decorrido esse tempo, uma bella manhã, á hora habitual, deram pela sua ausencia.

A desconfiança é a alma do negocio.

Closett disse immediatamente ao seu socio Rascal:

— Se dessemos uma vista d'olhos á caixa, Samuel?

— E' a minha opinião, respondeu-lhe Rascal.

E visitaram a caixa. Não tiveram muito trabalho para reconhecerem a existencia d'um *deficit* de 400 contos. O *deficit* achava-se substituido — e explicado — por um cartão de James Gut, que o caixa tinha depositado no cofre, com estas letras manuscriptas: P. P. C.

A' vista d'esta sahida, financeiros europeus gritariam, berrariam, ficariam desesperados.

Rascal e Closett — praticos! — abstiveram-se de qualquer manifestação ruidosa.

— Não ha que ver — disse gravemente Closett.



MULHER DO MINHO

Desenho de Casanova — Gravura de Lallemant



MULHER DO MINHO

Desenho de Casanova — Gravura de Lallemant

E Rascal proseguiu :

— Que grande finório !

Em seguida os dous associados reuniram-se em conselho.

\*

Depois de terminado o conciliabulo combinaram não tornar publico o acontecido.

Foram ter com o director d'uma agencia de informações e encarregaram-no pura e simplesmente de descobrir o paradeiro do fugitivo.

Ao fim de vinte e quatro horas recebiam este laconico telegramma :

« J... G... está em W... no Estado de N..., hotel X... »

Depois do que, Closett e Rascal, de novo se reuniram em conselho.

Havendo maduramente reflectido expediram a James Gut uma carta assim concebida :

« Caro James : — Em nosso lugar, pessoas que não tivessem a pratica dos negocios, far-vos-hiam prender e condemnar.

Nós não fazemos tal — já haveis adivinhado — porque isso não seria pratico.

Com effeito :

1.º Esse procedimento seria prejudicial ao credito da casa.

2.º E' evidente que collocastes em lugar seguro os 400 contos que nos pertencem ; não os poderiamos recuperar, e, cumprida a vossa pena, serieis capaz de nos fazer frente com o nosso proprio dinheiro, estabelecendo-nos uma concorrência, que a vossa alta capacidade nos faz receiar como perigosa.

Portanto, eis o que vos propomos : voltareis para a nossa casa na qualidade de co-associado. Os nossos 400 contos constituirão o vosso capital.

Juntamos, um contracto em devida fórma, ao qual falta sómente a vossa assignatura.

Esperando o prazer de vos ver, acreditae que sómos vossos affeiçoados — *Closett & C.*<sup>a</sup>

\*

Alguns dias mais tarde, James Gut fazia a sua entrada triumphal na casa de seus ex-patrões, recebendo d'elles o mais cordial acolhimento.

Trad. de Eduardo de Souza.

*Grammont.*

### Mulher do Minho

Em Portugal, um dos typos mais caracteristicos de mulher é o do Minho, sobretudo de mulher aceada e bonita.

Não é linda, não é por andar escripto em todas as chronicas que assim se diz, mas porque não ha ninguem que vá ao Minho, por peiores olhos que tenha, que não volte convencido de que viu as mulheres mais lindas de Portugal.

São fortes, são saudaveis, e, a pezar de immensamente trabalhadeiras, conservam no rosto, no corpo, nas maneiras, a delicadeza e a elegancia propria da mulher.

Da cabeça aos pés vestem-se ellas pelo trabalho das suas mãos, fiando, tecendo, bordando, fazendo renda, entretendo-se em mil outras occupações, como é crear gallinhas, fazer manteiga etc., etc.

Por isso a rapariga do Minho não se desespera pelo futuro, não anda alanceada de sonhos ; aceada, bonita e trabalhadeira encontra sempre quem a queira, nunca lhe falta noivo. Depois, assim como conserva nos trabalhos e no modo de vestir os seus antigos costumes, tambem gosta de conservar a alma limpa de nodoas, prestando culto á virtude como se foram gentes d'outro tempo e não vivessem n'este seculo de tanta civilização e progresso.

Essa que ahi está no bello desenho de Casanova, reproduzido pelo delicado buril de Lalle-mant, é uma d'ellas ; mas o artista pol-a a scismar, o que para a virtude não é grande coisa... em creatura tão nova e tão bonita.

*L. R.*

### Camillo Castello Branco

DISCURSO PRONUNCIADO PELO DEPUTADO GUERRA JUNQUEIRO,  
NA SESSÃO NOCTURNA DE 4 DE JUNHO

Por falta de saude não me foi possivel comparecer á sessão diurna, e portanto declaro agora que, se estivesse presente, teria approvado o projecto de lei que concede uma pensão ao visconde de Correia Botelho, verificada na pessoa de seu filho, Jorge Camillo Castello Branco, proposta que representa uma pensão dada á desventura do filho em nome da gloria do pae.

Sr. presidente, n'uma epoca e n'um paiz em que tudo se alcança e se consegue quasi que unica e exclusivamente pela politica, quando a politica é esta comedia triste que todos nós sabemos, e em que todos nós concordamos... alli dentro nos corredores ; n'uma epoca e n'um paiz em que certamente as barbas de D. João de Castro teriam um valor hypothecario muitissimo menor do que as do primeiro aventureiro da finança, espertalhão e sem escrupulos ; n'uma epoca e n'um paiz em que tantas nullidades insignificantes e tantos zeros imponentes, empalhados em basofia, obstruem quasi todas as carreiras e profissões dependentes do estado ao livre transito do publico ; n'uma epoca e n'um paiz em que as mais altas manifestações do espirito, arte, ou sciencia, exercem na preocupação do publico um logar inteiramente subalterno, desempenhando um simples papel decorativo na economia da sociedade portugueza ; n'um paiz e n'uma epoca d'esta natureza não me admira nada, sr. presidente, que um homem, ao cabo de meio seculo de trabalho, com uma obra titanica de 150 volumes, immortaes muitos d'elles, venha aqui receber da representação nacional esta sympathica mas dolorosa homenagem d'uma pensão d'um conto de réis annual, que, embora modestissima, representa ainda assim para elle o preço de venda, termo medio, de 4 ou 5 dos seus romances !



Não quer isto dizer que eu ambicione ou inveje para os artistas a miseravel opulencia dos banqueiros. Não! Nunca um só artista foi ou irá de chapéu de bicos e farda agaloada caminho da immortalidade. Nunca o caustico d'uma gran-cruz trouxe á suppuração uma obra prima. Nunca uma corôa heraldica, de barão a duque, fez nascer na testa de quem quer que fôsse a bossa do talento. E o proprio homem de quem estou fallando e a quem ha annos, n'esta mesma casa, puzeram uma alcunha nobiliaria, não conseguirá encobrir com o viscondado de Correia Botelho, o grande nome glorioso de Camillo Castello Branco.

Esta homenagem magnifica ao insigne escriptor portuguez adquire aos meus olhos, nos tempos que vão correndo, uma nobre e sympathica significação.

A pezar dos fundos estarem a 68 á sombra jovial do sr. Marianno de Carvalho, depois de terem estado a 44 á sombra fatidica do sr. Hintze Ribeiro; a pezar da maré de riqueza que nos inunda; a pezar da cheia torrentosa de ouro judaico, que ha dez annos a esta parte tem depositado sobre a sociedade portugueza um nateiro... que não é positivamente aurifero, e cujos miasmas envenenadores nós todos sentimos e respiramos; a pezar, em summa, da prosperidade dourada e vertiginosa, quer a consciencia individual, quer a consciencia collectiva da nação, segreda-nos intimamente que Portugal vae baixando, embora os fundos vão subindo.

E em taes condições, digo eu que esta homenagem instinctiva e naturalissima, tem uma bella e alta significação: é a significação de um paiz que, sentindo-se decrescer, sentindo-se resvalar pelo declive somnolento que pôde conduzi-lo até um Alcacer-Quibir de feira de trapos velhos, reage e se subleva contra a propria decadencia, oppondo á pequenez dos que existem a grandeza dos que se extinguiram, porque Camillo Castello Branco, litterariamente, pelo character vernaculo e portuguez da sua obra é quasi que para nós um antepassado.

E é por isso tambem que em breves annos temos assistido successivamente á apotheose de Camões, de Vasco da Gama, de Pombal, de Sá da Bandeira, de Herculano, do Infante D. Henrique. E' por isso que á chateza melancholica do presente temos exhibido a grandeza epica do passado, erguendo no meio d'essas praças em pedestaes de marmore phantasmas tragicos de bronze, para que vejamos passar do alto do seu desprezo essas poeiradas de mesquinhez, esse cisco de mediocridade e insignificancia que ahí revoloteia á lei do acaso, sem a mais leve comprehensão do seu destino.

Eu bem sei que o que constitue a virilidade e o character d'um povo não é unicamente a gloria dos heroes, dos sabios, dos artistas. Mas é a arte e só a arte que, como um phonographo de almas, fixa para a posteridade a vida inteira de uma nação. Camillo Castello Branco é sem duvida o ultimo grande escriptor genuinamente portuguez. Das durissimas pedreiras de quartzo de toda a nossa litteratura fradesca extrahiu elle, esmigalhando-as, o

ouro virgem d'um vocabulario prodigioso. Galvanizou uma lingua morta, sacudindo-a com a nervosidade electrica e esbraseante do seu temperamento meridional. E além de tudo e acima de tudo elle foi como que o historiador inconsciente e sublime, involuntario e indelevel, d'uma grandissima parte da vida portugueza, isto é, da alma d'uma nação, durante mais de meio seculo.

O poder da arte é esse: dar uma vida eterna á vida ephemera das coisas. Camões, salvando das ondas o seu poema, salvou além da sua immortalidade a immortalidade da alma da sua patria. Quando Portugal tiver já desaparecido ha muito do numero das nações, naufragando para sempre no mar do Tempo, no oceano da Historia, tudo o que n'elle houve de mais bello e mais nobre, audacia, heroismo, grandeza épica, tudo isso palpitará ainda e para sempre, com o mesmo impeto e o mesmo sangue, nos imorredoiros versos dos *Lusiadas*.

Tenho dito.

### Curiosidades

Eis, segundo os ultimas estatisticas, alguns numeros que indicam os progressos do caminho de ferro na França. O material possuido pelas diversas companhias é o seguinte: 40:000 locomotivas, 4:500 carros de primeira classe, 10:000 de segunda, 10:000 de terceira, 10:000 wagons de mercadorias com grande velocidade, e 235:000 wagons de mercadorias de toda á especie.

Descobriram-se n'um dos estados occidentaes dos Estados Unidos, em Dakota, poços de sabão, o que é uma perfeita novidade. São fontes em ebulição nas quaes sobrenada uma materia saponifera natural muito facil de se aproveitar. Os resultados porem ainda não podem ser calculados.

O telescopio de grande alcance, para o qual se prepara uma torre de 18 metros d'altura nos jardins do Observatorio de Paris, custou 240:000 francos. Na construcção da torre gastar-se-ha 120:000 francos, importando tudo pois em 360:000 francos. Este estabelecimento será inaugurado em outubro.

O barytono Kaschmann, que se acha a banhos em Veneza, foi convidado a cantar no phonographo pelo representante d'Edison em Italia, M. Cappello.

Este conservou o phonographo e dá audições publicas do canto de Kaschmann.

O barytono acaba de declarar-se lesado pelo phonographo, que se lhe torna um rival, e ameaça M. Cappello com um processo.

Deve ser um processo curioso... se não fôr um réclame.



# JORNAL PARA TODOS

31 de agosto de 1889

## Combate singular

Não se pôde precisar bem a origem da antiga cavallaria; o que é facto, porem, é que não durou muito, porque ahi por volta do meiado do seculo XIII começou logo a declinar.

M. Froissart, citado por Paulo Lacroix na sua admiravel e interessante obra sobre os costumes da idade media, assignala como causa principal d'isto o terem-se os antigos cavalleiros amesquinhado muito nas côrtes, bajulando servilmente os reis e desprezando as suas damas d'outr'ora, como já tinham desprezado o seu Deus. A cavallaria não foi sempre

de seu pae. Era então o pagem, esse espirituoso personagem tão conhecido do povo que o celebrou para sempre nos seus romanceiros. De pagens passavam a escudeiros, nunca antes dos quatorze annos. Faziam depois uma longa viagem, correndo as terras, levando mensagens, etc., e só na volta é que estes novos pretendentes d'armas eram armados cavalleiros. N'esse acto intervinha a Egreja, e era nas mãos d'um padre e deante do altar que o novel cavalleiro, assistido dos parentes mais proximos, prestava o juramento solemne. Rodeavam-nos de muitas attenções. Á volta dos torneios, quando elles chegavam, as damas despiam-lhes as rudes e pesadas armaduras, davam-lhes roupa



COMBATE SINGULAR

galanteadora e poetica, a Provença é que lhe imprimiu esse caracter que depois se transmittiu á Italia e á Sicilia. Nem tambem por toda a parte encontrou sempre sympathias e proclamações, a antiga cavallaria desagradava a alguns poderosissimos senhores. Mas se desagradava a alguns, outros a protegiam e tentavam desenvolver. Philippe o Bello e Frederico Barbarussa armavam cavalleiros os proprios villões, e o fundador da companhia de Jesus, Santo Ignacio de Loyola, fez-se cavalleiro, cavalleiro da Virgem Nossa Senhora.

O verdadeiro cavalleiro devia ter uma aprendizagem muito longa, de creança, desde os sete annos, em casa d'outro cavalleiro, mas nunca na

branca perfumada, traziam-lhes comida e agua para se lavarem, pelas suas proprias mãos, e até ás vezes os penteavam *com pentes d'ouro fino*. Mas cavalleiro que faltasse á fé jurada era punido severamente e solememente, sendo desarmado e exposto á irrisão publica. Havia ainda para os julgar e lhes dar leis os chamados tribunaes d'amor ou côrtes d'amor a cujas leis humildemente se sujeitavam. Esses tribunaes eram constituídos por damas. Foram presidentes d'essas galantes reuniões Eleonora d'Aquitaine, rainha da França e depois d'Inglaterra, Sibylla d'Anjou, a condessa Die, chamada a Sapho de França e emfim a famosa Laura de Sande immortalizada nos sonetos

de Petrarcha. O *torneio*, a *justa*, o *passo d'armas*, eram os exercicios da antiga cavallaria, os seus divertimentos.

Não se devem confundir todavia com o duello *judiciario* que era um modo de fazer justiça com o fundamento de que a Providencia decidiria sempre pelo que tivesse razão. As duas partes, entre as quaes se levantava alguma questão, eram conduzidas á presença d'um magistrado, ahí jurava, cada um por sua vez, que é que tinha toda a razão e o outro era um traidor, e só depois d'isto é que eram levados a combater n'um recinto proprio, umas vezes gradeado, outras simplesmente cercado por uma corda. E desgraçado do que era vencido. Perdia a honra, perdia a fortuna, perdia a familia, perdia tudo. O duello *judiciario*, que é uma instituição germanica, creada a cavallaria, foi facilmente assimilado por ella, como participando do caracter guerreiro e aventureiro que ella teve desde o principio. Só depois é que vieram os *torneios*, as *justas* e os *passos d'armas*. Os *torneios* em que os cavalleiros combatiam em grupos, as *justas* em que combatiam um por um, e os *passos d'armas* em que cavalleiros e peões simulavam a defeza e o ataque de um ponto qualquer. A *justa* era uma parte integrante dos *torneios*. Sempre que havia *torneios* era coroado no fim por uma *justa*, em hora das damas. Havia ainda uma outra especie de *justa*, a *justa plenaria*, que durava muitos dias, e na qual podiam tomar parte todos. Estas eram independentes dos *torneios*. E' de notar que protegendo e fomentando a Egreja o desenvolvimento da cavallaria, nunca transigiu com os *torneios*, as *justas*, ou os *passos d'armas*. O mesmo duello *judiciario*, a pezar dos combatentes serem assistidos por um padre, é fulminado pela Egreja. Melhor sorte não tem obtido o combate singular de nossos dias. O que não quer dizer que elle não continue, sobretudo na França, onde ultimamente se tem desenvolvido d'uma maneira espantosa. A moral condemna o duello, condemna-o a philosophia, mas que o moralista ou o philosopho se encontrem em determinadas circumstancias e serão elles os primeiros a propol-o.

Porque? Porque a lei ainda não permite a reparação que uma grande parte das consciencias reclama. Ha de acabar. Mas não os casos esporadicos, que esses subsistirão sempre, como o assassinato, como o espancamento — fórmulas de vingança de que o duello é uma manifestação mais civilisada. E a prova é que as leis têm sido impotentes para reprimir-o. Já o duello *judiciario* que era uma applicação legal da justiça custou a supprimir. Só em 1385 com o celebre duello de Jacques Legris é que elle começa a declinar definitivamente. Mas, se morre o duello *judiciario*, o duello da justiça, o duello *legal*; apparece uma outra fórmula de combate singular, apparece o duello em que se levanta com a ponta da espada uma injuria, um olhar, um pensamento contra a mulher amada; apparece o duello *ponto d'honra*, o combate singular em que dois homens que nunca se viram passam um pelo outro, cruzam o olhar, esse olhar é um insulto, e um d'elles ha de morrer allí irre-

mediavelmente. Representa a nossa gravura um d'esses combates, admiravelmente descripto nas seguintes paginas do romance historico — o *Assassino d'El-Rei*.

«O recontro foi formidavel e as lanças dirigidas ao coração dos adversarios fez tam forte embate no centro dos escudos que os apararam, que os cavallos vergaram nas ancas, as armaduras rangeram e as lanças saltaram feitas em estilhaços

Houve então um momento de convulsão e anciedade.

De novo se mediram e por entre as fendas da vizeira os olhos de ambos scintillavam com um brilho phosphorico.

Depois, ao mesmo tempo, como se os movesse um mesmo aparelho mechanico, arrancaram das mãos dos escudeiros um montante e de novo se precipitaram á redea solta n'uma peleja mais feroz. A violencia da vertigem redobrava: não eram dois homens que luctavam para se vencerem, eram dois leões que brigavam para se despedaçarem.

Redemoinhavam no ar as ferreas massas e as pancadas jogadas com furia e sempre aparadas com agilidade produziam um ruido soturno.

Uma nuvem de pó se levantou e envolveu os contendores. Nada mais se distinguia, senão o reverberar confuso das armaduras, o estampido dos golpes, a estropeada e o refolegar profundo dos cavallos.

As imprecações que proferiam geravam em ambos o mesmo effeito. Delirantes de raiva augmentavam de esforço e ferocidade selvagem. Pugnavam havia largo tempo; e por cima d'este grupo que doidamente se agitava em requebros e empuchões, via-se sempre o brandir apressado das maças. Luctavam como gigantes. Ambos amestrados e possantes, nenhum afracava ou recuava: o ferro continuava a morder o ferro, o rancor a tomal-os egualmente.

Final um grito rouco e doloroso se ouviu e um dos campeões inclinado sobre o arção deixou cahir das mãos a acha. O seu cavallo coberto de escuma e com as ancas golpeadas, não sentindo já a mão severa que lhe reprimia os loros, afastou-se da liça, arrastando um cadaver com um pé embaraçado no estribo. Não poude correr mais e cahiu.

O elmo do incognito luctador estava aberto em duas metades e pela fenda escorria uma substancia cinzenta misturada de sangue.

O Conde com um riso ferino sustentando a acha, cujas puas estavam molhadas em sangue, parou a olhar com uma satisfação belluina o morto que tinha o rosto mergulhado na poeira!»

L. R.

### O collar de lágrimas

(DE HENRY MURGER)

Um senhor d'Allemanha, tendo resolvido seguir os principes que iam livrar o santo Sepulchro, mandou tocar o clarim pelos seus dominios. E, tendo reunido cincoenta vassallos, armou-os para